ANO 36.º SEGUNDA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 1956 N.º 12.238

# Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

## Esperanças e desilusões

*Despedimo-nos hoje de mais um ano e entramos num ano novo, mau grado as nuvens que se acastelam no horizonte, com um pouco de sol nos corações. Há que encarar a vida com optimismo e com confiança, dois estados de espirito indispensáveis a quem tem uma tarefa a realizar ou uma missão a cumprir. Só os ociosos e os inuteis, além dos doentes, se deixam possuir por um cepticismo decadente ou assumem uma atitude menos confiante perante a existência.*

*Sem optimismo, todo o esforço se transforma num sacrifício penoso e sem confiança nada de util se pode realizar. Todo o trabalho requer entusiasmo e paixão. As mais pequenas tarefas, como as maiores empresas, exigem que nos entreguemos a elas com uma devoção total. Se a incompreensão nos embaraça os movimentos e o desânimo nos enfraquece a pontade, só uma reacção oportuna e salutar pode salvar-nos do abismo em que se afundam as nossas esperanças e do túmulo em que se sepultam as nossas ilusões.*

*O dia de hoje é propício a um exame de consciência que nos dê a noção exacta do que valemos e a medida do que fizemos durante os doze meses decorridos, para nos situarmos à altura das responsabilidades que assumimos e nos tornarmos dignos da confiança que em nós depositaram. Ela é o melhor juiz dos nossos actos e não há influência estranha que altere a rectidão do seu juizo.*

*O ano que finda não pode inscrever-se no número daqueles que nos deixam saudades, e a nós muito menos, que perdemos o Director e o amigo que durante trinta e cinco anos foi a luz que guiou os*

(Continua na 10.ª página)

**Feliz Ano Novo e boas entradas, com «champagne» a rodos. Mas, quem se atreverá a festejar a passagem de ano como estes três artistas franceses —Noelle Adam, Louis de Funes e Luo Andrien—mergulhados numa piscina dos estudios? Estamos convencidos de que ninguém. Até mesmo porque o meio líquido em que permanecem, ao contrário do que possa pensar-se, é água pura. Que falta de gosto...**

## O ministro do Interior deu posse

### ao novo governador civil de Angra do Heroismo

### e no acto teve oportunidade de traçar

### *o balanço político do ano que hoje finda*

O sr. dr. Trigo de Negreiros, ministro do Interior, deu posse, esta tarde, ao novo governador do Distrito Autónomo de Angra do Heroismo, sr. eng. José Luís Abecasis.

A cerimónia, que foi muito concorrida, efectuou-se no gabinete do ministro, e leu o acto de posse o sr. dr. António Pedrosa Pires de Lima, secretário-geral do Ministério do Interior. Após a assinatura daquele documento, o sr. dr. Trigo de Negreiros pronunciou o seguinte discurso:

«Senhor governador: Há quatro anos, na posse do seu ilustre antecessor, dr. Manuel de Sousa Meneses, a quem devo uma palavra de agradecimento pelos serviços prestados e pela lealdade com que sempre procedeu, tive ocasião de dizer que, sendo muitos os problemas que interessavam ao distrito, alguns haviam sido já resolvidos no ultimo decénio e outros estavam em via de o ser.

Ao dos aproveitamentos hidro-eléctricos e hidro-agrícolas ficou ligado o nome de V. Ex.ª, que, na direcção dos respectivosss serviços, marcou por igual a sua competência técnica e aquele dom de lidar com os homens que lhe permite congraçá-los em tudo quanto respeita ao bem comum—escopo final de toda a acção política.

Dada a sua interdependência, o estudo de certos problemas tê-lo-á levado naturalmente a tomar contactos com outros, pelo que, por certo, não lhe será estranha a gente do distrito que vai governar, nem nas suas qualidades, que são muitas, nem nos seus pequenos defeitos, e, bem assim, o mundo das legítimas aspirações a satisfazer.

(Continua na 14.ª página)

ANO NOVO

## O Chefe do Estado dirige amanhã a sua tradicional mensagem de Ano Novo

A Emissora Nacional transmite amanhã, ás 13 e ás 20 horas, através de todos os seus emissores, a tradicional mensagem de Ano Novo que o Chefe do Estado dirige aos Portugueses espalhados pelo Mundo.

Ás 11 e 30, no Palácio de Belém, o sr. general Craveiro Lopes rece-

(Continua na página central)

## O Homem e o seu Destino

**por ARTUR PORTELA**

Cada novo ano é uma árvore que nasce, na floresta inextricável do tempo, que a Humanidade, há longos séculos, vem atravessando.

Tanto trilhou, ásperamente, as trágicas sombras da selva e da *barbárie*, mesmo em nossos dias, como as efemeras e luminosas clareiras da alegria — mas tudo isso é caminho perdido de onde jamais se regressa. O que ficou para trás não é tanto como o que está, temporalmente, na nossa frente, mesmo para além do horizonte que os olhos adivinham. A' volta, a Natureza continua a mostrar-se insensivel ao transito humano. Não adquiriu ainda uma serena fisionomia por muito que as

(Continua na 13.ª página)

## Eisenhower vai apresentar ao Congresso

### as bases da nova política americana

### para travar a expansão russa no Médio Oriente

WASHINGTON, 31.—O presidente Eisenhower, que regressou, durante a noite, de Augusta, na Geórgia, onde passou o fim-de-semana, exporá, hoje, aos congressistas republicanos o que a Imprensa americana qualifica de «Doutrina de Eisenhower», para defesa do Médio Oriente contra a União Soviética.

Julga-se que a nova política de Eisenhower assenta nas bases seguintes:

*1.º — A influência britanica no Médio Oriente sossobrou e, por consequência, esta região passou a ter uma importancia ainda maior do que até agora no planeamento de defesa mundial dos Estados Unidos.*

*2.º — A malograda acção anglo-francesa no Egipto deixou um vácuo político e económico naquela região. Isto é considerado um grande beneficio potencial para a Russia e uma ameaça á segurança dos Estados Unidos.*

*3.º — Washington não se dispõe a assistir resignadamente ao aumento da penetração soviética no Médio Oriente, agravando a questão anglo-francesa com o Egipto sobre o Suez e a querela árabe-israelita.*

*4.º — A melhor forma de tornar claras as intenções dos Estados Unidos consiste em alcançar uma autorização formal do Congresso, o qual, só por si, tem poder para declarar a guerra, empregar as forças armadas como Eisenhower considera necessário para manter a paz no Médio Oriente.*

*O presidente teria, então, mãos livres, segundo as previsões constitucionais, o que poderia levá-lo a demorar uma resposta a uma situação de emergência.*

Entretanto, em Nova York, o secretário de Estado, Foster Dulles,

(Continua na ultima página)

**Visado pela Comissão de Censura**

**«Diário de Lisboa» publica hoje 36 páginas**

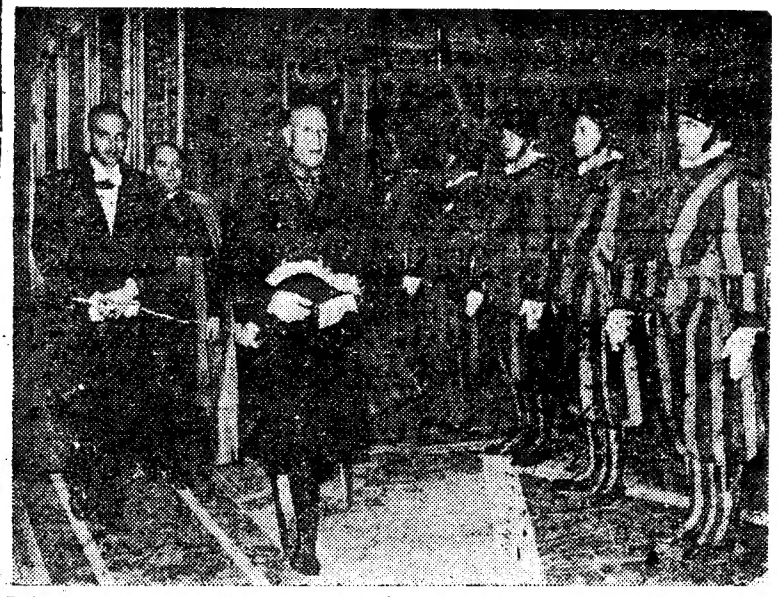
**oito das quais constituem o «Suplemento Desportivo» que não pode ser vendido separadamente.**

*

**Amanhã, feriado nacional, estão encerrados todos os nossos serviços, pelo que não se publica o «Diário de Lisboa».**

*

**A todos os nossos leitores, colaboradores e anunciantes endereçamos saudações com os melhores votos para 1957.**



**Pela 18.ª vez no seu pontificado, Pio XII recebeu em audiência privada cada um dos chefes das 47 missões diplomáticas acreditadas junto da Santa Sé, que, em cada fim de ano, apresentam os tradicionais cumprimentos. Na gravura vê-se o embaixador de Portugal, dr. Francisco Calheiros, acompanhado por um secretário da embaixada, ao atravessar as salas do Vaticano, perante o contingente de guardas suiços, a caminho da audiência pontifícia**

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

## Coliseu

## A Noite de S. Silvestre

**Hoje, num espectáculo para todas as idades, A Grande Companhia de Circo. A noite de S. Silvestre, num espectáculo de sonho e maravilha! Amanhã, 3 espectáculos à tarde às 14,30 e 17,15 à noite, às 21,30. Para todas as idades**

Vá passar hoje a noite de S. Silvestre ao Coliseu, num espectáculo para todas ás idades, com a Grande Companhia de Circo. As maiores atracções. Trapezistas, ginastas aéreos, cama elástica, cães e pombos amestrados, equilibrista, aramista, um anão cómico-musical e duas engraçadíssimas parelhas de palhaços.

Amanhã, á tarde, dois espectáculos, ás 14 e 30 e ás 17 e 15. A noite para todas as idades.


ovic

Peça

PÉ DA VINHA

QUE PEDE VINHO

CALDEIRA, LDA.



Ventilação e Renovação de Ar

Em todas as modalidades

ENG. MELO QUEIROZ, L.DA

Praça de S. Paulo, 19-2.º

LISBOA Tel. 21815

Uma grande produção da REPUBLIC PICTURES

RAY MILLAND • MAUREEN O'HARA

CLAUDE RAINS • YVONNE FURNEAUX

Uma encruzilhada de paixões nos mais belos e pitorescos sítios da nossa capital descoberta pelas camaras de Hollywood

ADULTOS

IN NATURAMA TRUCOLOR

AMANHÃ NO CONDES e MONUMENTAL

Excl. Filmes Castello Lopes

Lisboa

HUMBERTO MADEIRA

ANITA GUERREIRO

que canta o maior êxito musical «LISBOA ANTIGA»



SONORO FILME e a empresa do Cinema Capitólio

TÊM O ORGULHO DE ANUNCIAR A ESTREIA SENSACIONAL HOJE DO PRIMEIRO FILME REALIZADO E INTERPRETADO POR BURT LANCASTER

UM FILME TAO GRANDIOSO COMO A HISTÓRIA DO HOMEM INDOMÁVEL QUE O INSPIROU!

ATENÇÃO: Em virtude da noite de estreia coincidir com a do fim do ano, o espectáculo começa ás 21,15 e termina antes da meia-noite. Bilhetes á venda para toda a semana.



aia AGENCIA INTERNACIONAL ARTÍSTICA

DIRECÇÃO TÈCNICA DE

ARTUR PEREIRA

ESTÁ HOJE PRESENTE NAS FESTAS DO REVEILLON

NO **HOTEL EMBAIXADOR** COM O QUERIDO ARTISTA

**JOÃO VILLARET**

E AINDA O FAMOSO

**Trio Guadalajara**

NO **SÃO LUIZ** COM A ORQUESTRA DE

**Fernando de Carvalho**

NO **TEATRO MONUMENTAL** COM AS ATRACÇÕES

**LARRY DIXON**

**Ellinor & Jackson**

NO **SABIÁ** COM OS ARTISTAS PORTUGUESES

**Geny–Bel–Guerra**

No **MAXIME** com os campeões do Mundo do «ROCK AND ROLL»

**MCKAY BROS AND VERA**

GENTILMENTE CEDIDOS PELA EMPRESA DO TEATRO VARIEDADES

NA **TAVERNA SEVILHANA** COM O EXTRAORDINÁRIO CÓMICO FANTASISTA

**LARRY DIXON**

NO **DANCING FONTÓRIA** COM O TRIO

**Hermanos Madrid**

NO **OLYMPIA CLUB** COM A ESTRELA DE BAILE

**Carmen Cebrian**

NO PORTO NO **TEATRO SÁ DA BANDEIRA** A MAIS FAMOSA ATRACÇÃO DO MUNDO

**Dancing Waters**

A Agência "AIA"

que está sempre presente nas melhores casas com as melhores atracções deseja ás empresas portuguesas, artistas nacionais e estrangeiros UM ANO PRÓSPERO E FELIZ



AVIS

TEL. 47163

**HOJE ás 15,30 e 18,30** (a preços reduzidos) **e 21.30**

PROSSEGUE A CARREIRA GLORIOSA DO MAIS BELO ROMANCE

Exclusivo da TALMA FILMES

NUNCA DIGAS ADEUS

Em TECHNICOLOR

ROCK HUDSON ◆ CORNELL BORCHERS ◆ GEORGE SANDERS

O DRAMA DE UMA MULHER QUE VIVEU TODAS AS EMOÇÕES!

**PARA MAIORES DE 13 ANOS**

**O ESPECTÁCULO DA NOITE TERMINA ÀS 23,35**

HOJE

O CLAMOROSO EXITO DE ALEGRIA! 2 SESSÕES, ás 20,30 e 22,45 UM GRANDIOSO ACTO DE VARIEDADES!

DE LAURA ALVES

A IRRESISTIVEL COMÉDIA

A 8.ª MULHER DO MILIONARIO

com MARIA E. BAPTISTA — VIRGILIO MACIEIRA — ANDRADE E SILVA—ARTUR SEMEDO—CARLOS DUARTE—SUSANA PRADO—MARIA LUIZETTE e ARMANDO CORTÊS

GRANDE REVEILLON

MONUMENTAL

AMANHÃ — DIA DE ANO NOVO
2 GRANDIOSOS ESPECTACULOS
COM
A 8.ª MULHER DO MILIONARIO
A TARDE, ás 16 horas
E A NOITE, ás 21.45

ADULTOS

COM DUAS ATRACÇÕES INTERNACIONAIS DA MAIOR CATEGORIA:

LARRY DIXON

FAMOSO CÓMICO ARGENTINO, REI DA MÍMICA!
E os extraordinários bailarinos surrealistas, que fazem a sua estreia em Portugal

ELLINOR & JACKSON

BAILE ATÉ DE MADRUGADA

PREÇOS COM DIREITO AO BAILE
PLATEIA, 50$00 — 1.º BALCÃO, 50$00 — 2.º BALCÃO, 40$00
3.º BALCÃO, 20$00

Circulação livre em todo o Teatro, podendo os espectadores cear no Salão e dançar em qualquer das pistas reservadas para os bailes



PARAISO DE GUITARRAS

TRAVESSA DO SALITRE N.º 1 — TELEF. 20841

O GRANDE REVEILLON DE 1956

NO TÍPICO RESTAURANTE DE CATEGORIA INTERNACIONAL.

Baile toda a noite, abrilhantado pelo famoso conjunto

RIALTO

Director artístico MONIZ TRINDADE à frente dum grandioso elenco onde se destaca o cantor LOUBET BRAVO

ACOMPANHADOS PELO PROFESSOR DE GUITARRA

CASIMIRO RAMOS

E O VIOLISTA ORLANDO SILVA

O MELHOR SERVIÇO DE RESTAURANTE

RESERVE A SUA MESA —— SELECÇÃO RIGOROSA

(PARA ADULTOS)



RETIRO ANDALUZ

CASA DE DEOLINDA RODRIGUES

Grande «REVEILLON» pela passagem do Ano

com a atracção ANTÓNIO MESTRE

e BAILE até de madrugada

Jantares e ceias com ementa especial

Todas as noites num ambiente do FADO CASTIÇO:

Pelos artistas: Aura Ribeiro, Maria Carmen, GRAÇA MARIA, acompanhados por Liberto Conde e José Inácio

Direcção hoteleira de A. Sousa — Para adultos

Marque a sua mesa pelo telef. 773134

AVENIDA CONDE VALBOM, 114

A Gerência deseja aos seus Ex.mos clientes Boas Festas



GIRADISCOS

INGLESES

COM AMPLIFICAÇÃO PRÓPRIA

CASA PAPPAMIKAIL, LDA.

R. S. NICOLAU, 113 e R. CRUCIFIXO, 35 — TELEF. 21530


# Teatros e Cinemas

## Teatros e Cinemas

### Atrás do reposteiro

Consta que a artista Milu foi convidada para fazer parte da companhia de revistas que o empresário Vasco Morgado vai organizar para o Teatro Monumental.

—Ao que consta, Hermínia Silva foi convidada a ingressar numa companhia de revistas em organização.

—No Teatro Avenida, de Vila Real de Trás-os-Montes, realiza amanhã um espectáculo com a peça «Prémio Nobel» a companhia Rafael de Oliveira, que ali se desloca propositadamente.

—Tem apenas sete personagens a peça «Cidade ocupada», que vai entrar em ensaios no Teatro da Trindade.

—Os artistas brasileiros Deo Maia e Irmãos Guarás vão actuar na Tágide, assim que concluirem o seu contrato com o empresário José Miguel.

—A actriz Teresa Gomes vai desempenhar na revista «Toca a musica», em ensaios no Teatro Maria Vitória, os numeros «A Rainha-mãe» e «D. Fernanda».

* HOJE * às 21,45 — No TEATRO da TRINDADE

Empresa Teatral Avenida, Ld.ª, subsidiada pelo Fundo de Teatro

GIUSEPPE BASTOS APRESENTA

SOB A DIRECÇÃO ARTISTICA DE SAMWELL DINIZ

A PEÇA DE GRANDE ÊXITO

original do DR. RAMADA CURTO

FOGO DE VISTA

PARA 13 ANOS

AMANHÃ — ESPECTÁCULO À TARDE, ás 16 horas

AMANHÃ, ás 18,30 — ESPECTÁCULO INFANTIL

sob a direcção artística de COUTO VIANA

com a peça de GOULART NOGUEIRA

«A ILHA DO TESOURO» — Para 6 anos



MARCIA CONDESSA

Restaurante Típico—PRAÇA DA ALEGRIA, 38—Telf. 367093—(Adultos)

FADOS — GUITARRADAS — DESGARRADAS

Hoje Noite do Fim do Ano

Grande REVEILLON

LOTAÇÃO ESGOTADA

Amanhã: Jantar do Ano Novo

com ementa especial

Marcia Condessa deseja a todos os seus Ex.mos Clientes, Amigos, Fornecedores, Artistas e Colegas um Ano Novo muito próspero.



HOTEL EMBAIXADOR

no TERRAÇO DAS ESTRELAS.

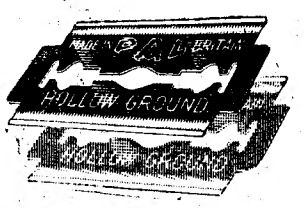
Amanhã Dia de Ano Novo

CHÁ — DANÇANTE COM ATRACÇÕES

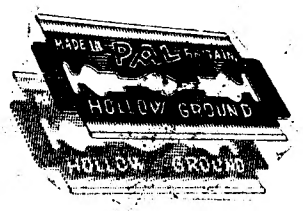
JANTAR COM EMENTA ESPECIAL



CONCURSO DAS LAMINAS




PAL




Devido ao extraordinário numero de boletins recebidos, é impossível aos organizadores publicar hoje os resultados deste concurso. Os resultados serão publicados no próximo dia 21 de Janeiro nos mesmos jornais indicados no Boletim. Os concorrentes que ainda não enviaram os seus Boletins, podem fazê-lo até ao dia 7 de Janeiro próximo. O Juri de Honra escolherá depois qual a combinação que merece o prémio.

HOJE
As 20.45 e 22.45 h.

# VARIEDADES

EMP. ARTISTICA DE ESPECTACULOS, LDA.

QUEM QUISER ENTRAR BEM O NOVO ANO... VAI ESTA NOITE VER A REVISTA

# NÃO FAÇAS ONDAS

O MELHOR E MAIS ALEGRE DE TODOS OS ESPECTACULOS com

«Mckay Bros and Vera, campeões mundiais do famoso «Rock and Roll»

MILU - VILLARET
COSTINHA - LEONIA
LUISA DURÃO, SOLNADO, CARLOS COELHO e agora também
Mckay Bros Vera
campeões mundiais de
ROCK and ROLL

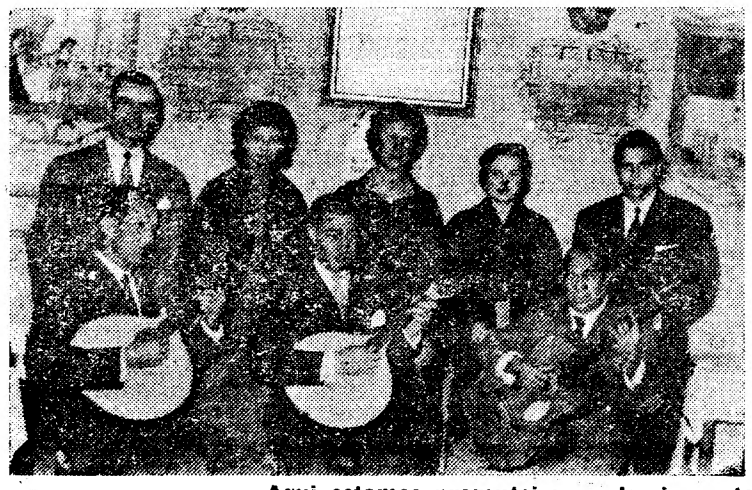
AMANHÃ, ANO NOVO
À TARDE, às 16 h.
À NOITE, ás 20.45 e 22.45

AMANHÃ, ás 18.30 horas: «TEATRO DE BRINCAR» com MARIA JOSÉ, SOLNADO, FERNANDA COIMBRA e TOMÁS DE MACEDO

PREÇOS POPULARES!.

ESPECTACULO PARA ADULTOS

# ADEGA MESQUITA



Aqui estamos prazenteiros a desejar a todos admiradores de fado Boas Festas e um Ano Novo muito feliz, com saude, envolvendo neste voto os nossos queridos patrões que nos consideram como familia e sem esquecer, também, todos os clientes desta simpática casa.

NOÉMIA CRISTINA, MARIANA SILVA, EDUARDA MARIA, FERNANDO FARINHA, MÁRIO ROCHA, RAUL NERI, ALBERTO CORREIA e ILDEFONSO FRADE.

**Mais um Ano HAJA SAUDE**

# NINA

HOJE — SENSACIONAL
REVEILLON (Adultos)
ESTREIA DE UMA ATRACÇÃO CELEBRE EM TODO O MUNDO
LOS INDIOS
— TRIO PARAGUAIO —
Rivais dos famosos Los Panchos
e ainda
COLETTE DI LAMARE e THE GIPSY STARS
UMA NOITE INESQUECIVEL

# AMAZONAS

RESTAURANTE BAR
REVEILLON
Com TONI E COMPANHEIROS — Ceias magnificas com belas especialidades
Marque a sua mesa T. 41892
AV. DUQUE D'AVILA, 47 (Para todas as idades)

Para entrar o Novo Ano com o pé direito...

NÃO DEVE FALTAR ESTA NOITE AO MAIS FAMOSO

# MAXIME REVEILLON

MAIORES 18 ANOS

dancing

Sempre o mais sensacional em cada Novo Ano! | São milhares de pessoas que o afirmam!

São 7 anos de tradição que o demonstram

8 horas de alegria | Um grande elenco de atracções de music-hall | Uma noite cheia de surpresas

**Muito importante:**

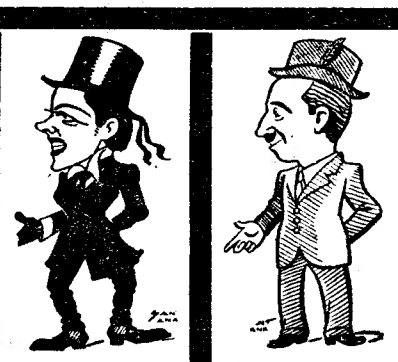
O «Maxime» foi o unico «dancing» de luxo do país que teve a audácia de contratar os famosos

**Campeões do Mundo Mackay Bros-Vera**
idolos do «Rock and Roll»
para actuar no espectáculo de hoje

Um «Reveillon» com a marca do «MAXIME»
Nunca teve rival em Lisboa!

BAILE SELECTO ABRILHANTADO POR SÉRGIO E SUA ORQUESTRA com o notável cantor MANUEL SERRANO

ATENÇÃO
Hoje, das 23 á uma hora da madrugada a Rádio «Voz de Lisboa» transmite directamente o grande «Reveillon» do «Maxime»



Beatriz Costa



Salvador

COMECE O ANO A R I R
NO TEATRO
MARIA VITORIA
COM A VEDETA DA ALEGRIA
BEATRIZ COSTA
NO ALEGRE ESPECTACULO DE
SALVADOR
A POPULARISSIMA REVISTA

# O REBOLIÇO

Todas as noites 2 SESSÕES ás 20.30 e 22.45
AMANHÃ
ESPECTACULO
À TARDE
ÀS 16 HORAS
PARA ADULTOS
Empresa «Eugénio Salvador e Rui Martins»

# O REVEILLON NO RITZ CLUB

R. da Glória, 57—T. 25140—Adultos

É a melhor festa de S. Silvestre de todos os tempos! Fala a tradição!!

UMA ARVORE DE NATAL COM BALÕES | BRINDES A TODAS AS SENHORAS | CONSTANTES E ALEGRES SURPRESAS | UM LINDO FRISO DE ARTISTAS | UM GRANDE ELENCO DE OURO

UMA NOITE DE ENCANTO E INESQUECIVEL COM A COLABORAÇÃO DE VILAÇA E SUA ORQUESTRA

CEIAS Toda a noite no Salão Rustico com a Orquestra Típica e o concurso da famosa vedeta da canção FERNANDA MARIA

# CASINO ESTORIL

HOJE — A VELADA DO ANO NOVO
NOITE DE S. SILVESTRE
com atracções internacionais
BAILE COTILLON — 3 ORQUESTRAS
Trajo de noite (Adultos)
AMANHÃ — DIA DE ANO NOVO
CHÁ-DANÇANTE com todas as atracções
JANTAR DE ANO BOM com ementa especial

Leiam o jornal humoristico
Sempre fixe

# LUSO

Travessa da Queimada, 8-A
Tel. 32889

Hoje (até de madrugada) O Luso apresenta o seu Grande REVEILLON com BAILE, VARIEDADES e FADOS com Joaquim Silveirinha — Amélia Maria — José da Cruz — Ilda Ferreira — Angela Nunes e o Campeão da alegria Manuel Bogalho. Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal.
Musica constante com a ORQUESTRA IMPERIAL

# A CESÁRIA

NOITE DO FIM DO ANO

Assista ao mais alegre «REVEILLON» de Lisboa. Fados e guitarradas pelos melhores artistas do género

Pode desde já marcar as poucas mesas que restam pelo Telef. 665745
RUA GILBERTO ROLA N.º 20 (Alcantara) LISBOA (ADULTOS)

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»

Hoje grande «REVEILLON» no

**A B C** Telef. 366783

(SOCIEDADE ARTISTICA ABC)
JOSÉ MIGUEL apresenta

EM 2 SESSÕES
A's 20,45 e 22,45
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
com a grande revista do povo de Lisboa!

**DAQUI FALA O ZÉ !**

com **HERMINIA SILVA** e um grande elenco

**AMANHÃ DIA DE ANO NOVO. A' tarde ás 16 h. e á noite — Despedida da vitoriosa revista!**

**Amanhã á tarde,** ás 18 horas
**ULTIMAS REPRESENTAÇÕES!**
COM O ADMIRÁVEL ESPECTACULO PARA CRIANÇAS!

A TORRE ENCANTADA

por toda a GRANDE COMPANHIA deste teatro

UM ESPECTACULO DE SONHO QUE VAI SAIR DE CENA EM PLENO TRIUNFO

**PREÇOS POPULARES! POLTRONAS, DESDE 12$50!**

# UMA PEGA 6$50

**Um Ribatejo 10$00 — Café de Timor — Doçaria caseira no Bar Ribatejo, P. Areeiro, 11 D — Até às 3,30 da manhã**

## Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE: — **LISBOA** — Homem até ao fim — MONUMENTAL CAPITÓLIO

**SÃO LUIZ** TEL 27172

A's 15.15 e 18,15 (P. red.) (13 anos)
A deliciosa comédia em Cinemascope
**A FILHA DO EMBAIXADOR**
com **Olivia de Havilland, John Forsythe, Mirna Loy, Adolfo Menjou e Edward Arnold**
A's 21,30 «**REVEILLON**»
Lotação esgotada

**EDEN** TEL. 20768

15.30-18,30 - 21,30
**Em 2.ª semana**
A encantadora artista ROMY SCHNEIDER no filme colorido
**JUVENTUDE DE UMA RAINHA**
A história de um grande amor
(Para 13 anos)

**IMPÉRIO** TEL. 55134/5

A's 15,15 e 21,30 (13 anos)
2.ª SEMANA
da incomparável realização de **Sir Carol Reed**
em Cinemascope e Cor de Luxe
**TRAPÉZIO**
com o mais famoso trio mundial **Burt Lancaster, Gina Lollobrigida e Tony Curtis**
Amanhã, ás 15,15-18,15 e 21,30
O MESMO PROGRAMA

**MONUMENTAL** TEL. 55131

A's 21,30 (Adultos)
Ante-estreia do filme inteiramente rodado no nosso País
**«LISBOA»**
Em Naturama e Trucolor
com **Ray Milland, Maureen O'Hara, Claude Rains e Yvonne Fourneaux**

**ALVALADE** TEL. 763080

A's 15,15 e ás 21,15 (13 anos)
A deliciosa comédia em Cinemascope
**A FILHA DO EMBAIXADOR**
com **Olivia de Havilland, John Forsythe, Mirna Loy, Adolfo Menjou e Edward Arnold**

**AVIS** TELEF. 47163

A's 15,30 e 18,30 e 21,30
(13 anos)
O romance de amor que fala a todos os corações
**NUNCA DIGAS ADEUS**
EM TECHNICÓLOR
com **Rock Hudson, Cornell Borchers e George Sanders**
**Atenção:** O espectáculo da noite de hoje termina ás 23,35.

**RESTELO** Tel. 610375

Ás 21,15 (13 anos)
A magistral super-produção em VISTAVISION
**O HOMEM QUE SABIA DEMAIS**
com JAMES STEWART

**TERRASSE** TEL. 20917

A's 21 (18 anos)
**A MAIS BELA DO MUNDO**
**OS BONS MORREM CEDO**

**CINEMA IDEAL**

A's 21 h. (18 anos)
**A GRANDE NOITE DE CASANOVA**
**O EXPRESSO DE PEQUIM**

GELO-ESTORIL

NÃO HÁ ESPECTACULO

**TIVOLI** TEL. 50595

**Em Cinemascope**
A história de uma mulher que tentou viver fora de todas as convenções
Às 3 e 6.15 da tarde (a preç. red.) e 9.30 da noite
**O MEDO DE AMAR**
com JEAN SIMMONS
e JEAN PIERRE AUMONT
(Para 18 anos)

**POLITEAMA** TEL 26305

A's 15,15 e 21,15
**Um êxito enorme** com o vibrante filme em ciemascope
**HOMENS SEM MEDO**
com **Robert Ryan e Virginia Mayo**
Col. De Luxe (Para 13 anos)

**A's 18,15** (Para maiores de 6 anos): A famosa comédia «**O RECRUTA E O GAIATO**» e a obra-prima do cinema francês «**O BALÃO VERMELHO**»
**AVISO:** O espectáculo das 21;15 termina antes da meia-noite.

**CONDES** TEL. 22523

**3.ª SEMANA**
**Ultimas exibições**
**Rita Hayworth e Glenn Ford** no filme aguardado por todos com ansiedade...
A's 15,15 e 18,15 (Preç. red.) e 21,30
**G I L D A**
Em versão integral para Adultos
**Amanhã - Estreia,** ás 15,15 do grande êxito de 1957
**L I S B O A** (Adultos)

**SÃO JORGE** BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

A's 15,15 - 18,15 e 21,30
2.ª SEMANA
VistaVision Technicolor
**ORESTE**
O cantor da voz de oiro na super-produção colorida
(13 anos)
**O REI VAGABUNDO**
com **Kathryn Grayson — Rita Moreno Sir Cedric Hardwicke**
Um filme de **Michael Curtiz**

**ODEON** T. 26283

A's 15,30 e 18,15 e ás 21,30
**2.ª semana**
**Ultimas exibições**
Um filme fantástico! Espectacular! Belo e divertido!
(18 anos)
**MAGIA DO ORIENTE**
com **Paul Henreid e Patricia Medina**
TECHNICOLOR

**CAPITÓLIO** TEL. 27493

A's 21,15 (13 anos)
**Estreia sensacional**
BURT LANCASTER
numa avalanche de furia
**HOMEM ATÉ AO FIM**
Em Cinemascope - Tecnicolor
**Dianne Foster e Diana Lynn**
**Atenção o espectáculo termina antes da meia-noite.**

**ROYAL** TEL. 845037

A's 21 h. (18 anos)
**PIQUENIQUE**
Em estreia o extraordinário filme brasileiro
**FLORADAS NA SERRA**
No programa:
**PRIMAVERA EM PORTUGAL**

**LIZ** TEL. 48560

A's 21,15 (13 anos)
**2.ª semana**
**O CISNE**
com Grace Kelly

**TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II**

**Todas as noites ás 21 e 45**
**(Para 18 anos)**
o drama de DIEGO FABBRI
**EM PLENO EXITO**
**PLEITO DE FAMILIA**
Notáveis interpretações de
**Amélia e Raul * Mariana e Paiva * Helena e Rogério * Meniche e Nascimento**

No dia de Ano Novo, ás 16 horas:
**PERALTAS E SÉCIAS**

NO
**TEATRO AVENIDA**
Telef. 27273

HOJE ás 21,45 — Em solene comemoração da entrada do Ano Novo, Vasco Morgado, subsidiado pelo Fundo de Teatro, sob a a direcção artística de José Gamboa, apresenta.
**O DRAMA QUE ELE NÃO ESCREVEU**
de RUY CORREA LEITE
por um categorizado e homogéneo conjunto com
**BRUNILDE JUDICE e JOSÉ GAMBOA** nos protagonistas
**Amanhã, dia de Ano Novo**
**A's 16 horas espectáculo á tarde.**
**A' noite ás 21,45 horas (Adultos)**

# Reveillon de 1956
## Nau Catrineta em Alfama

**Preferido pelas melhores familias para passar o REVEILLON por ser o mais distinto e acolhedor unico em edificio próprio, completamente remodelado. Noite de verdadeira alegria com musica para dançar por uma excelente orquestra. Fados e variedades por todo o elenco privativo da NAU CATRINETA.**

Pode reservar a sua mesa para qualquer das salas pelo Telefone **34338.**

# O Brinde

**do nosso BOLO REI,** é uma garrafa de Espumante **VICE REI.** Cada Quilo 32$00 Esc.

Desconto especial para revenda.

**Pastelaria S. João, Lda.**
**AVENIDA PARIS, 3-A**
**TEL. 725600**

## Restaurante TABUAS

**Festas do Ano Novo e ceias de passagem do Ano**
**MENU ESPECIAL**
**Reservam-se mesas para as ceias**
**Rua Barros Queirós, n.º 49 — T. 26614**

**Em ALCACER DO SAL o «Diário de Lisboa» vende-se na casa João André Monraia.**

# Carmélia Alves e Os Cangaceiros NO «REVEILLON» DAS BELAS ARTES!

**Baile até de madrugada ao som das orquestras**
**VICTOR BONJOUR ◆ CONJUNTO MELODICO BRASILEIRO**

**À 1 HORA DESLUMBRANTE «SHOW»** com:
**Carmélia Alves * Os Cangaceiros * Jimmy Lester Pernambuco * Duilio Cocenza *** O locutor **Luís Gonzaga** e outras grandes atracções!

**JABURU** — famoso jogador do F. C. do Porto, fará a sua estreia em Lisboa, dançando e cantando as trepidantes musicas do carnaval carioca, com Carmélia Alves e «Os Cangaceiros», repetindo assim o êxito alcançado no Coliseu do Porto!

**BILHETES À VENDA**
Nas Belas Artes e na Agência dos Restauradores

**INFORMAÇÕES PELOS**
Telefones: 41293, 771500 e 28823

Cavalheiros: 50$00 — Senhoras: 40$00 — Mesas: 20$00
Serviço de restaurante e bar a cargo do Café Palladium
**O «REVEILLON» mais ALEGRE e ELEGANTE de LISBOA!**

**Viela** R. TAIPAS, 14 TEL. 27256 (Adultos)

**«Casa de CELESTE RODRIGUES»**
deseja a todos os amigos, um Bom Ano

**Este é o restaurante realmente típico,** onde cantam **ALFREDO MARCENEIRO,** Arminda Vidal, Jorge Silva, Natercia da Conceição, acompanhados por Adelino dos Santos e Nicolau Neves.

NO TEATRO **AVENIDA** Telef. 27273

**AMANHÃ**
**DIA DE ANO NOVO!**
**Com entrada grátis ás crianças até 10 anos**

ÀS 18,30 h. PARA TODAS AS IDADES
ESPECTACULO INFANTIL com
O FAMOSO TEATRO DE

A fantasia para crianças «**Cinco Letras Luminosas**», e ainda o pequeno actor-cantor **Baptista Martins**—A grande atracção portuguesa de projecção internacional «**Rapazes do Ritmo**» e o admirável conjunto **BARTOLO VALENÇA**

Galerias 4$00 — Entradas de camarotes de 3.ª ordem 5$00, de 2.ª ordem 7$50 — Superior 7$50 — Cadeiras 10$00 — Balcão 2.ª fila 10$00, de 1.ª fila 12$50 — Poltronas 12$50, 14$00 e 16$00 — Camarotes 40$00 e 50$00 — Frisas 70$00

# COSINHA VELHA

**RESTAURANTE BAR — SALÃO DE CHÁ**
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ
**TELEF. 091232**

Almoços e jantares dia de Ano Novo — Menu especial
**Reservam-se mesas**

Nota: Pedimos a todos os nossos Ex.mos Clientes, quando pretendam jantar, o favor de reservar mesa até às 19 horas.

**AMANHÃ A's 18,30 "TEATRO DE BRINCAR" NO VARIEDADES**

«Billy the Kid» é hoje considerado, pelo seu dramatismo, força interior e movimento, um verdadeiro bailado a consagrar pelo classicismo. A musica foi escrita pelo compositor americano Aaron Copland e a coregrafia pertence a Eugene Loring. Trata-se de uma bela criação do bailarino John Kriza que veremos este ano em São Carlos, nesta mesma cena do presente «ballet»

«BALÃO VERMELHO»

# A vitória da fantasia sobre a realidade

por **RENÉ JEANNE**

**(especial para «Êxito»)**

«Fantasia! Oh! divina ilusão», canta o tenor de «Lakmé», a ópera hoje talvez um pouco esquecida de Léo Delibes. E é o que deveriam gritar os amadores de cinema que tiveram a felicidade de assistir á projecção do filme de Albert Lamorisse, «Balão vermelho».

Disseram-se muitas coisas acerca de «Cavalo branco», o primeiro filme de Lamorisse, e não menos se disse já de «Balão vermelho», desde que ele obteve, na Primavera passada, a mais alta recompensa que o juri do Festival de Cannes lhe podia atribuir. Mas, a aparição nos «écrans» de uma obra que corresponde tão exacta e generosamente a todos os objectivos da arte cinematográfica, incluindo até os que constituem a sua própria personalidade, é um acontecimento tão feliz e raro que justifica que também nós falemos dele. Muito raro sobretudo na ocasião em que os «écrans» são presos do realismo mais enfadonho e, por vezes, mais sórdido, realismo de que se desprendem bafios asfixiantes...

«Balão vermelho» é uma lufada de ar fresco. Como quem diz, um milagre... ouf!

O que é, então, precisamente «Balão vermelho»? Num dos primeiros volumes da sua longa série «Homens de boa vontade», Jules Romains leva os leitores a passear através de Montmartre—não o Montmartre das *boites* e do *Paris by night*, mas o das ruas populares e laboriosas—em companhia de um dos seus mais simpáticos herois, um miudo que vai empurrando um arco. Já não se encontram nas ruas de Paris garotos que brinquem ao arco. Mas há cinquenta anos eles não faltavam... Para todo o verdadeiro parisiense, este retrocesso no tempo, por um passeio poético, corresponde, pode dizer-se, ao «charme» a que ele não é capaz de resistir.

Parece impossível que o autor de «Balão vermelho» não tenha pensado, talvez subconscientemente, neste episódio do romance de Jules Romains. O tema do seu filme é, simplesmente, o passeio de um garoto de Paris, não através de Montmartre, mas através de Ménilmontant; não em companhia de um arco, mas de um balão. Um bonito balão vermelho.

Isto constitui o achado: o balão vermelho. Achado de poeta! Quem não vê com efeito, o que distingue um balão vermelho de um arco? Pode imaginar-se um brinquedo mais terra-a-terra que um arco? Bem ao contrário de um balão vermelho, flutuando suavemente no céu de Paris.

Mas, o balão vermelho de Lamarisse não se contenta em flutuar inerte no céu cinzento de Paris. Tem uma personalidade e sentimento. Pelo menos um sentimento: o de gratidão para com o rapazinho que o soltou do candeeiro onde estava preso. E, para lhe provar a sua gratidão, segue-o por toda a parte, obedecendo-lhe á mais pequena palavra e ao menor gesto, muito melhor que qualquer cão. Não é isto fantasia, e da melhor? E orgulhoso de possuir um balão tão inteligente, tão fiel, o rapazinho leva-o consigo por toda a parte. Como é proibido meter balões nos autocarros, mesmo quando eles são dotados de inteligência, o belo balão vermelho segue o caminho do autocarro em que vai o seu dono, com grande espanto dos transeuntes. Quando a criança chega á escola, onde os balões, como nos autocarros, também não são admitidos, bastam algumas palavras «Fica aí! Espera-me! Porta-te bem!» —para que o balão se imobilize em frente da janela da escola. Mas tudo isto é demasiado belo. Os camaradas, levados pela inveja, tiram-lhe o balão e rebentam-no.

Então, a estonteante brincadeira, agoniza num terreno amplo e vazio: é a vitória da realidade sobre a fantasia. Vitória provisória, aliás, pois de todos os pontos do horizonte surgem balões que, para consolar o pequeno, se juntam num cacho e, para lá dos telhados de Paris, cantados por René Clair, o levam até ao *paraíso* dos balões vermelhos. Desta vez é o triunfo definitivo da fantasia sobre a realidade. Fantasia que lembra a de Méliès, o criador do espectáculo cinematográfico, que é preciso não esquecer, para o regresso a uma tradição que poderá salvar o cinema do realismo paralisante a que está enleado há muito tempo. Todavia, por muito próximo que esteja de Méliès sobre certos aspectos, Lamorisse teve o cuidado de não se sacrificar ao Teatro. Não há cenários no seu «Balão vermelho», cuja acção se desenrola toda ao ar livre, ou seja nas ruas de Ménilmontant, o que nos proporciona imagens de Paris como jamais viramos em qualquer outro filme. Apesar de não ser a primeira vez que o cinema procura inspirar-se na atmosfera da grande cidade. René Clair fê-lo, e bem, nos seus filmes «O silêncio é de ouro» e «Quatorze Juillet». E Marcel Carné também. E Jean Renoir.

Mas ninguém tornara tão notável esta mancha cinzenta, com «nuances» de rosa, em que se move o «Balão vermelho», da primeira á ultima imagem, nem á emocionante impressão de vida enquadrada entre os muros das ruelas seculares e para lá das fachadas das casas, onde existe uma laboriosa humanidade. E, como o filme é notàvelmente fotografado a cores por Edmond Séchan, toda essa manobra cinzenta parece não existir senão para sublinhar a personalidade, a irrealidade do balão vermelho, pincelada rutilante dum pintor impressionista, sobre o fundo imutável de mediocre banalidade. Tudo isto é arte, digna da fantasia que procura servir.

RICHARD WIDMARK
no seu ultimo filme

# REVISTA DE CINEMA

■ **ESTADOS UNIDOS— O produtor Hal Wallis acedeu a que os comediantes Dean Martin e Jerry Lewis, que sempre actuaram juntos, aparecessem cada um em seu filme. Jerry está, actualmente, a trabalhar na película «The delicate delinquent» e Dean será o protagonista de «10.000 bedrooms», que será rodada na Itália.**

■ **INGLATERRA — Em Londres, inaugurou-se, recentemente, uma sala de espectáculos destinada á exibição de filmes da Europa continental, principalmente da França. Trata-se do «Cameo-Royal», cujo primeiro filme que exibiu foi «Miss strip-tease», com Brigitte Bardot na protagonista.**

■ **ITÁLIA — Dentro em breve estarão concluidos dois filmes com argumentos de Cesare Zavattini: «L'anellino» e «Messico mio», que são dirigidos, respectivamente, por Garcia Ascot e Carlos Velo.**

■ **FRANÇA — Morreu em Paris, com 92 anos, a viuva de Georges Méliès, um dos pioneiros do cinema francês. Madame Méliès foi intérprete de numerosos filmes dirigidos por seu marido e, há três anos, participou no filme «O grande Méliès», de Georges Franju.**

# Teatro da retaguarda teatro da vanguarda

*Teatro pressupõe duas entidades constantes, a que está no palco e a que está na plateia. Por tendência e por força criadora, o que se passa no palco está mais sujeito a evoluir do que as reacções do publico. São muito poucos, em regra, na plateia, os que se insurgem contra a decadência do teatro; pelo contrário, são muitos os que reagem contra a evolução do teatro.*

*Da Europa ensanguentada de 1918, saiu um teatro amoroso, frívolo ou sentimental que os Franceses chamaram de «boulevard». Contra a sua decadência, mais tarde, e antes que se revelasse o teatro de «avant-gard», apareceu o teatro literário, uma evasão de poetas e romancistas que não teria sempre uma verdadeira expressão teatral, mas que nem por isso deixou de ser contribuinte da renovação do teatro.*

*Quando Paul Fort fundava em Franço o Teatro de Arte reagia contra o realismo de Antoine e do Teatro Livre, o teatro de vanguarda que triunfava em Paris. Verlaine, Mallarmé, Vehaeren, Maeterlink e mais tarde Claudel eram alguns dos autores que acorriam ao seu apelo; Gauguin, Emile Bernard, Henri de Crome, Antequin, eram alguns dos pintores chamados a exprimir uma estética simbolista, contra uma estética naturalista. Cofran, sobretudo, ergueria na Europa a um conceito excepcional o teatro de vanguarda. Na América, o movimento criaria outras raizes e daria outros frutos. Miller ou Tenecessee são apenas duas fórmulas desse novo teatro a que Portugal continua alheio.*

*Na verdade, um peso de fatalismo parece carregar nos ombros da dramaturgia portuguesa, onde uma pequena, mas lucida tentativa de evasão de Luís Francisco Rebelo (sobretudo em «Dia seguinte») ficará, sabe-se lá por quanto tempo, sem confirmação.*

*A grande massa do publico—referimo-nos, antes de mais, á pequena, média e grande burguesia—mantem-se quase sempre fiel ao princípio do menor esforço, ao que é mais fácil, ao que não dá trabalho a compreender. E os autores, lisongeados com esse êxito fácil que os credita junto das empresas porque lhes enchem—quando enchem—as bilheteiras, claudicam, trasigindo consigo e com a missão que lhes cumpre como fundamentos de teatro, dando ao publico peças que estão para lá da sua necessidade e da necessidade do teatro: nem teatro moral, nem teatro histórico, dentro dos quadros universais, nem teatro de ressonancias filosóficas e humanas, como o de Anouilh («Antígona»), o de Sartre («Les Mouches») ou o de Camus («Calígula»).*

*Em Portugal, aliás, não seria possível um Romain Rolland que ressurgisse um teatro em que os entusiasmos do povo («14 de Julho») se fundissem entre a plateia e o palco. É esse, de algum modo pela identidade de situações com as do publico, com a sociedade, com a humana reacção do povo—o teatro que parece votado a conquistar mais largas condições. É que, quando o povo fala—ou ouve falar por ele—é como se a nação inteira se exprimisse.*

*Iremos então ficar num mudo teatro de retaguarda, quando tanto se fala em teatro de vanguarda?*

Eleonora Rossi Drago, esguia, loira e extraordináriamente bela, surge-nos aqui, numa imagem do filme «Kean», realizado por Vittorio Gassman, sobre a obra de Alexandre Dumas, num arranjo de Jean Paul Sartre

# Crítica de discos

## Canções de Natal

**por DALVA DE OLIVEIRA**

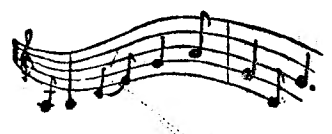
Numa gravação «Parlophone» (P. D. P. 5007 — 78 rotações), apareceram agora no mercado duas canções de Natal, interpretadas por Dalva de Oliveira: — «Lindo presente» (Adeste fidelis) e «Noite de Natal» (Silent nigth, holy night). Estas novas versões dos já famosos trechos, próprios da quadra festiva que atravessamos, ganham colorido na voz agradável da popular cançonetista brasileira. O acompanhamento musical está a cargo de Roberto Inglês e da sua orquestra do Savoy Hotel de Londres, cujo estilo próprio pode, uma vez mais, ser devidamente apreciado neste disco.

A qualidade da gravação, manufacturada em Portugal, é de nível bastante satisfatório.

## Discos de Renato Carosone

Renato Carosone é o melhor fantasista italiano. As interpretações do seu quarteto são admiráveis. As suas cançonetas são verdadeiros mundos de ironia, de ritmo, de farsa. Há em Paulo Carosone algo de figura da *Comedia dela vita*. Toca todos os sentimentos. E' universal.

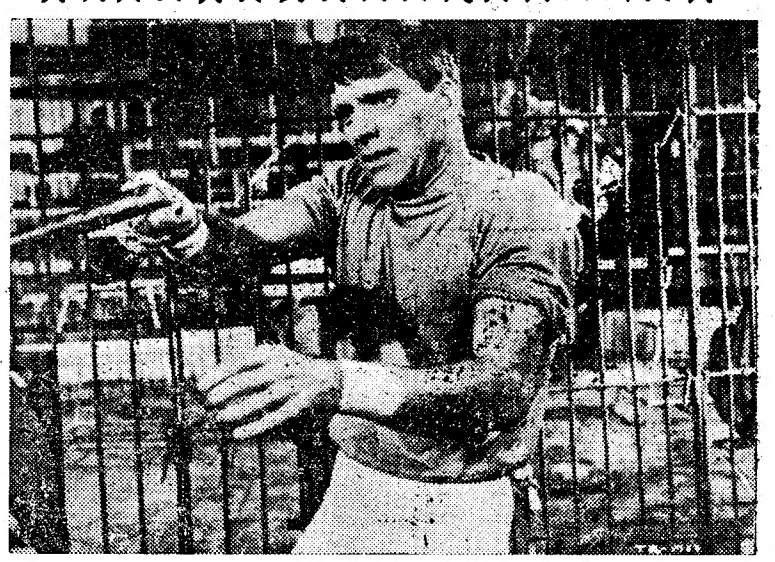
Notáveis as suas interpretações do «Eternamente», da película de Chaplin «As luzes da ribalta» 78 r; PPG 1), do Ricorelate Marcelino»? (78 r; PPG2) e do «E spingono?» (78 r; PPG2), e do «E spingotor do «microfono d'argento»—1956, Renato Carosone é um dos maiores nomes da canção italiana e mesmo europeus.



## «PÃO, AMOR E... CHA-CHA-CHA»

*A série «Pão, amor e...» vai ser aumentada. Em Roma, os cineastas Luciano Vincenzoni e Paolinelli preparam as sequências de «Pão, amor e... cha-cha-chá», que terá como principal intérprete a azougada Abbe Lane, que foi vocalista da orquestra de Xavier Cugat.*

★★★★★★★★★★★★★★★★★★



**Exito, dos verdadeiramente notáveis, é o que obtem o famoso Burt Lancaster no ultimo filme de Carold Reed, «Trapézio», que em Lisboa bate todos os «records» de assistência, no Império.**

**A sua criação na figura do voador «Mike Ribble», valeu-lhe o primeiro prémio do festival de Berlim de 1956, um autêntico certame da mais alta carreira cinematográfica. O triangulo amoroso de «Trapézio» é completado por Gina Lollobrigida e Tony Curtis, a Lolla e o Tino, da extraordinária película.**

# EXITO

Razões de saude levam o dr. Laurent, de Paris a instalar-se numa pequena localidade da montanha. As circunstancias das suas primeiras visitas, e o caso de uma jovem, levam-no a empreender uma campanha local em prol dos métodos de parto sem dor. — Este é, linhas gerais, o argumento de «Sem dor», o novo filme do cineasta francês J. P. Le Chanois. A fotografia que publicamos pertence ao referido filme. Nela se vêem os dois principais intérpretes, Jean Gabin, no papel de médico, e Nicole Courcel, no de futura mãe

## O último livro de Manuel de Azevedo

«À margem do cinema nacional» de Manuel de Azevedo, é uma colectanea de estudos cinematográficos, actuais, honestos e combativos.

Manuel de Azevedo é um ensaista cinematográfico que nada tem de limitado. E, no entanto, há-os em grande quantidade, clamando por coisas positivas, sem maleabilidade de espírito ou qualquer espécie de tolerancia. Esses são uteis. Têm uma tarefa a cumprir e cumprem-na. Erguem-se contra o que é ideal, complexo por abstracto, aristocrático. Exacerbam-se contra os individualistas. Afundam-se na cultura das massas. São autores de manuais de divulgação ou de colecções de contos tradicionais populares. Querem tudo explicado e explicam-no a seu modo. São mentores de toda a gente. São infatigáveis. Têm critérios extremamente simplistas. Querem dar um aspecto limpo aos homens e ás coisas. Também acreditam no que fazem, mesmo quando provam coisas contrárias á evidência.

Manuel de Azevedo não é deste tipo. A sua defesa, elogio ou apologia do Cineclubismo é perfeitamente aceitável, razoável e inteligente. Traça a panoramica do cinema português sem excessos. Tem serenidade e equilibrio.

Manuel de Azevedo é um homem construtivo, logo um pouco destrutivo. Construir bem sobre construções medíocres é um contra-senso. A posição de Manuel de Azevedo perante o cinema português é a mais aceitável: o espanto. Espanto pelo que se fez e espanto pelo que se quis fazer.

O que me parece fundamental na obra de Manuel de Azevedo é esta interrogação:

— Há ou não um cinema português? Extinguiu-se? Mantém-se? Nunca existiu?

«À margem do cinema português» prova abundantemente duas teses opostas:

a) O cinema português existe.

b) O cinema português não existe.

Não temos uma estética cinematográfica definida. Não temos um estilo. Não temos um critério. Não temos uma escola. Temos uma colecção de peliculas sem consistência, desigual com rasgos de talento. A tonalidade geral é mediocre.

Claudine Dupuis é um dos «Adoráveis demónios» do filme de Maurice Cloche que tem aquele título. Trata-se de uma fantasia cinematográfica, com humor parisiense e ritmo americano, segundo declarou o seu realizador. Veremos até que ponto isso será possível...

## pelos CINE-CLUBES

### Cine-clube de Viana do Castelo

O Cine-clube de Viana do Castelo, nas suas 21.ª e 22.ª sessões, projectou as películas «A comédia e a Vida», de Jean Renoir e «Kon-Tiki», de Thor Heyerdahl. Foram editados programas muito documentados, verdadeiras colectaneas de críticas cinematográficas e observações do maior interesse.

### Cine-clube de Setúbal

Este cine-clube acaba de promover a sua nona sessão na qual exibiu a obra de Bardeur e Berlanga «Benvindo, mr. Marshall!».

### Os novos corpos gerentes do Imagem

Realiza-se depois de amanhã a posse dos corpos gerentes do Cine-Clube Imagem, eleitos, em assembleia geral, no passado dia 14 do corrente. A sessão realizar-se-á no Centro Espanhol, Rua Nova da Trindade, 20, ás 21 e 30, e será completada com a projecção de dois filmes cedidos pelo Turismo Francês: «La route aux indes» e «Jardin publique».

## O ponto e a "claque" dois anacronismos do Teatro em Portugal

Muitas vezes, não é a dor que nos impede de agir. E' o medo da dor. Muitos com medo de ir ao dentista passam a vida com dores de dentes. Como as aves, que, antes de voarem, têm receio de se lançar no espaço.

Não será o que sucede em Portugal com os dois anacronismos, o ponto e a claque?

São os artistas, preguiçosos e desrespeitadores dos textos e do publico (os que vão para o palco sem saber uma palavra do «papel») que se têm batido mais pela sobrevivência dessa entidade concreta — tão concreta que a sua «batuta» sai do cacifo que lhe cabe e aponta até á ultima fila da plateia. O anacronismo da claque é tão inglória e pueril como a argumentação de que o ponto é preciso num teatro em que os programas se mudam de vinte em vinte dias, exigindo cabeças de ferro para os decorar.

Não, o teatro não precisa de claque. Alguns artistas é que talvez a não dispensem, para se dar a ilusão saloia de que são interrompidos durante a representação, ou no final do espectáculo, com chamadas especiais...

A peça não se mantém porque a claque aplaude mas porque o publico lhe deu as suas palmas. Palmas que ressoam para lá da porta do teatro e que, por isso, servirão para chamar outras mais.

## As três «Castros» no Teatro Nacional

**Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro prometeram e vão cumprir a sua promessa, apresentando este ano as três «Castros», de António Freire, Montherlant e Casona. Serão interpretadas por Mariana Rey Monteiro, Carmen Dolores e Lourdes Norberto em semanas alternadas, prolongando-se no palco, cada uma delas, consoante a imposição do publico.**

**Embora correndo o risco de prolongar demasiadamente o espectáculo, não seria curioso repetir em ante-estreia a experiência de Electra e os seus fantasmas»? Mesmo sob a ameaça de ser preciso jantar e cear no teatro—valia a pena pôr diante do publico, quase paralelamente, as três versões da história da mísera e mesquinha que depois de morta foi rainha.**

Dentro em breve Lisboa vai ver um dos mais belos filmes de todos os tempos: «O Mundo do Silêncio», surpreendente revelação de um mundo desconhecido. A obra-prima de Jacques Yves Costeau obteve até agora os seguintes prémios: Grande-Prémio do Festival de Cannes de 1956, Prémio Louis Lumière do mesmo ano e «Óscar» da Academia Americana para o melhor filme estrangeiro

Virginia McKenna, a excelente actriz inglesa, que recentemente vimos em «Regresso da Malásia», enviou-nos uma fotografia sua, autografada, com um abraço de boas festas para os leitores do «Diário de Lisboa». Ao simpático gesto de Virginia McKenna corresponde «Exito» com a publicação da referida foto, que fica como expressão dos nossos desejos de próspero Ano Novo para todos quantos nos lêem

## O Estado e o Cinema português

### O sr. prof. Luís Pinto Coelho responde a António Lopes Ribeiro

*Sr. Director do «Diário de Lisboa»:* — Peço desculpa por voltar a incomodar V. com a solicitação de ocupar algum espaço do seu apreciado jornal a propósito do tema «O Estado e o Cinema português». A isso me leva a leitura, que acabo de fazer, da nova carta do sr. António Lopes Ribeiro, hoje publicada e que na sua maior parte me diz respeito.

Com verdadeiro prazer verifiquei que o sr. Lopes Ribeiro, através desta sua fogosa carta de seis colunas, veio demonstrar que eram justificados os esclarecimentos que procurei dar serenamente na minha, mais modesta, de cerca de três colunas.

Não quero referir-me ás confissões expressamente feitas pelo sr. Lopes Ribeiro de que é débil a causa que defende e de que eram voluntárias a ambiguidade de certos passos e até certas inexactidões da sua carta anterior. O tom de modéstia, mesmo quase de humildade, que visivelmente as marca, reduz-lhe consideràvelmente o valor.

Quem tiver paciência bastante para reler as cartas anteriores (a do sr. Lopes Ribeiro e a minha) verificará sem dificuldade que a nova carta do sr. Lopes Ribeiro nada inutiliza do que eu escrevi.

Poderá talvez esse leitor paciente concluir que fui exagerado, por exemplo, quando entendi ser conveniente esclarecer o que o sr. Lopes Ribeiro queria dizer quando disse que o Estado Português «tomou conta» de 50 % do capital da TOBIS. Com efeito, é decisiva a transcrição que o sr. Lopes Ribeiro faz do dicionário de Caldas Aulete. Mas ainda assim não estou arrependido do meu cuidado, pois julgo não fazer injuria a ninguém se pensar que nem todos os leitores de cartas do sr. Lopes Ribeiro têm a feliz mania dos dicionários ou têm á mão o que ele familiarmente designa por «o Caldas Aulete».

Só é pena que o sr. Lopes Ribeiro, nesse passo da sua carta, ao dar conta das suas aflições, venha escrever que eu garanti o que apenas admiti. Era escusado, mas no campo da liberdade literária isso não tem, realmente, grande importancia.

Pena é, também, que o sr. Lopes Ribeiro, cuja incontestável cultura o leva até ao ponto de citar disposições legais — v. g. o § 3.º do art.º 173.º do Código Comercial — reincida na pura e nítida inexactidão de afirmar que a Lisboa Filme é administradora da TOBIS só porque «o representante legal da menor que é hoje proprietária de *todas* as quotas da Lisboa Filme — o sr. D. Francisco Xavier Quintela — continua a ser administrador da Tobis Portuguesa e só áquele título». Garanto ao sr. Lopes Ribeiro (aqui, sim, garanto) que labora em grande confusão. Mesmo que a me

(Continua na 13.ª página)

# De ontem para hoje

### PRÉMIOS LITERÁRIOS

INFELIZMENTE, sabe-se em regra muito pouco de literatura portuguesa de além-mar. E é preciso que a Agência-Geral do Ultramar tome o encargo de divulgar os melhores livros de cada ano, para que algumas vezes se dê conta dos valores intelectuais dessa velha Africa onde corre o nosso sangue e se exprime o pensamento de nossos avós. Os nomes que são valores agora revelados ou confirmados pela Agência do Ultramar são os do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes que, pelo seu romance «Chuva Braba» recebeu o prémio «Fernão Mendes Pinto»; do poeta da mesma província, Raimundo Soares, que, pelos seus poemas «A ilha e a solidão», a que foi atribuído o prémio «Camilo Pessanha»; e do etnógrafo angolano José Redinha, que, pelo seu trabalho «Etno-sociologia do Nordeste de Angola», recebeu o prémio de ensaio «Frei João dos Santos». São todos no valor de 10 mil escudos e só o prémio «João de Barros», de investigação histórica não foi este ano atribuído.

### FALTOU-LHES A ASA BRANCA

NEM Deus põe a mão por baixo nem o anjo lhe põe a sua asa branca. Por isso a criança morre de mortes sinistras, de acidentes em que o homem quase sempre é o responsável. Por isso também em Arazede uma pobre mãe (Elvira Cardoso) e seu marido (Joaquim Gonçalves) choram a morte da sua Maria Adelaide. Enquanto a mãe lavava, a menina de 2 anos aproximou-se do poço e quis voar, mesmo sem a asa branca do seu anjo da guarda. Foi idêntica a sorte de uma pobre velha de 80 anos (Maria José, de Oliveira do Hospital). Caíra numa levada de água e lá ficou.

### «TÃO POBRE SEJAS...»

HÁ quem se aproveite de todas as oportunidades para especular. Agora que o sal constitui problema económico («tão pobre sejas que nem sal tenhas», diz o povo antigo...) vá de os espertos tentarem a sua sorte. Foi assim em Segadães (Águeda) onde apareceu a brigada da Intendência por causa de uma venda ilegal de sal, a 20$00 cada vinte litros. De quem é de quem não é a culpa e foram autuados os transgressores José Pires e Manuel Cabedo, da freguesia de Trofa, com muita pena do povo da região. E' que na região o povo continua a queixar-se de que não tem sal.

### JORNAL PEQUENO

A Camara Municipal de Viana do Castelo recebeu um cheque de 4 mil escudos, remetido pelo Ministério da Justiça, verba aquela destinada á construção do Palácio da Justiça, só demorada pelos entraves movidos por proprietários de prédios vizinhos do local onde há-de erguer-se. * No lugar de Silvares (Macinhata de Seixa) morreu electrocutado António Marques, quando em casa de um vizinho ligava uma tomada de corrente eléctrica. * Quando regressavam de Lisboa, onde tinham vindo jogar com elementos do campeonato de futebol (2.ª divisão) os jogadores do União Sport de Montemor-o-Novo sofreram um desastre de viação, ao passar em Vendas Novas. Entre os feridos, há um de gravidade, António Guerreiro Lopes do Carmo, que sofreu um duplo acidente, ao ser transportado a Lisboa. * Monsenhor Vittore Ugo Righi, que foi conselheiro da Nunciatura Apostólica em Portugal, foi nomeado encarregado de negócios da Santa Sé no Haiti. Deixa por isso, em breve, o nosso País, onde conquistou profundas simpatias.

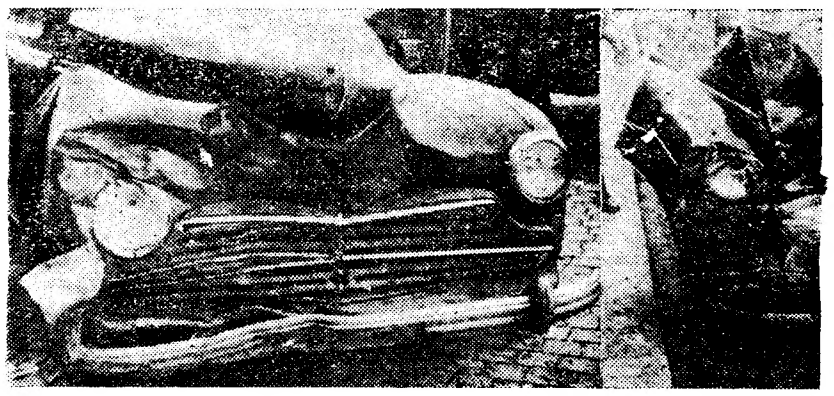
# Ninguem quis

## concorrer este ano ao título de «Rei do Lixo»...

Ninguém quis concorrer, no Pavilhão dos Desportos, ao trono de «Rei do Lixo», para o próximo ano, ao que parece em virtude de o reinado ser só para a duração de dois anos improrrogáveis. Não deixa de ser curioso este facto, se nos recordarmos que em anos anteriores havia sempre elevado numero de pretendentes. A's vezes chegava a haver combinações prévias entre os candidatos com mais probabilidades de «ascenderem ao trono», para desistirem dos seus propósitos, mediante a indemnização de algumas dezenas de contos. Mas como nem sempre as coisas corriam de harmonia com as promessas e, nos anos seguintes, aqueles que haviam concordado em desistir, julgando-se iludidos, lá estavam de novo, para ajustar as contas... e elevar o mais que podessem os preços-base para a conquista do «trono». Chegaram até a formar-se companhias para ir a casa dos moradores dos prédios da cidade buscar os lixos que as donas de casa, naturalmente entregavam com o maior agrado, tudo isto, é claro, para prejudicar o negócio do arrematante. Mas aqui interveio a Camara, proibindo, por uma postura, que se efectuasse a recolha de lixos por particulares.

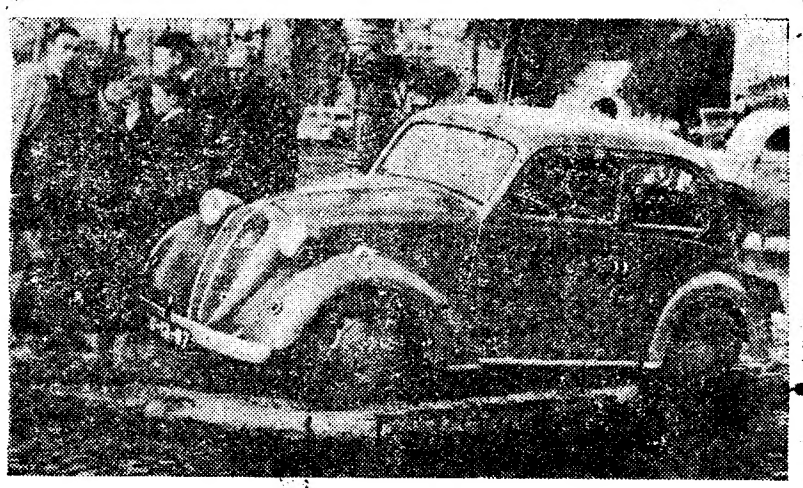
O caso começou a desinteressar os concorrentes, a ponto de em duas praças não ter comparecido quem quisesse arrematar o lixo da cidade para o ano que vem. E a praça teve de ser adiada: para o dia 31 de Janeiro próximo.

O que sucedeu este ano com o lixo, aconteceu também com as azeitonas das árvores das propriedades da Camara, que ninguém quis ao preço por que foi posta em praça. Tudo parece indicar que a hora dos grandes negócios de ocasião já passou e todos receiam arriscar o seu rico dinheirinho em aventuras.



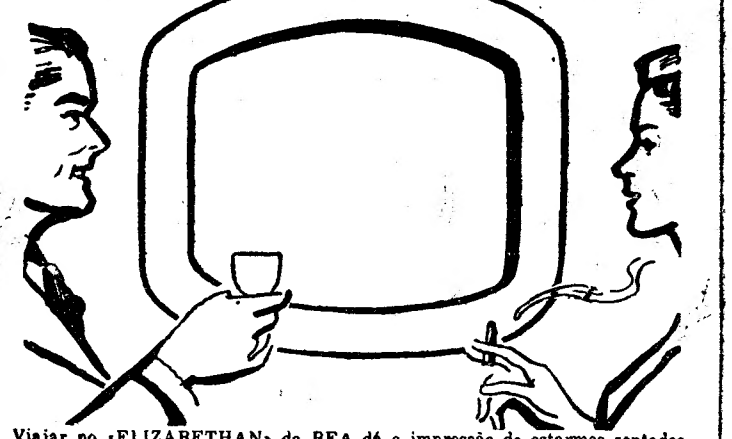
O estado em que ficaram dois dos automóveis sinistrados

A frente de um dos veículos ficou com este aspecto impressionante!



Um dos cinco automóveis foi atirado para cima de uma placa...


Espaço... com vista ampla



Viajar no «ELIZABETHAN» da BEA dá a impressão de estarmos sentados numa sala deliciosamente decorada, com ar condicionado; dificilmente imaginamos que estamos num avião em voo. É tão grande a sensação de espaço, as poltronas são de tal maneira cómodas e as janelas (abertas a nível inferior ao da asa) permitem uma vista tão maravilhosamente extensa! Com a suavidade do voo, a alta velocidade de cruzeiro e o serviço de refeições quentes e refrescos, o «ELIZABETHAN» da BEA é um dos preferidos entre os transportes aéreos da Europa. Peça indicações de horários, preços e marcação de lugares à sua Agência de Viagens; ou à

B. E. A. Avenida da Liberdade, 23-27 — Telefone 3 09 31/2/3 — Lisboa

voe pela BEA

A MELHOR FROTA AÉREA DA EUROPA
BRITISH EUROPEAN AIRWAYS

AUTO EMBAIXADOR, L.DA
R. Luciano Cordeiro, 80-B
RECOLHAS E ESTAÇÃO DE SERVIÇO
A Gerência comunica aos seus Ex.mos Amigos e a todos os automobilistas que inaugura AMANHÃ as suas instalações devidamente apetrechadas com o melhor e mais moderno material, dotada de pessoal especializado e competente

Caixa 7$00 — Boião 16$00
Gripe! UMA FRICÇÃO DE Curamentol
PEÇA LITERATURA
COUTO, LDA.
L. S. Domingos, 106 — PORTO

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
Director — Prof. Vasco Botelho de Amaral (diplomado em Portugal e na Inglaterra). — Assistentes estrangeiros.
Inglês, Francês, Alemão, Português para Estrangeiros
Aulas (curso completo até á obtenção de Diplomas estrangeiros, com exames em Lisboa). — Lições individuais práticas. — Explicações para o Liceu. — Prospecto grátis. — Av. Fonte P. de Melo, 17, 1.º Tel. 730892.

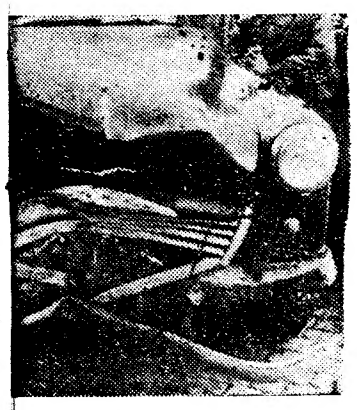
Ensopado de enguias
Outro prato regional do RIBATEJANO — Salvaterra de Magos

ROGÉRIO FERNANDO MESQUITA
JOIAS — ANTIGUIDADES
Deseja aos seus estimados Clientes e Amigos, Feliz Ano Novo.

A Central da Baixa
RESTAURANTE
CEIAS FIM DE ANO
94 — RUA DO OURO — 98 — Telf. 20280

ROCK AND ROLL
Pelo conjunto Shegundo Galarza, versão extraordinária, à venda nas boas casas em discos «Estoril».

OS SÓCIOS GERENTES DA OURIVESARIA
«BARATEIRO DE S. DOMINGOS»
56 — Rua Barros Queirós — 56
ALÍPIO DE OLIVEIRA, JOSÉ DA SILVA e ANTÓNIO GOMES
Desejam um feliz Ano Novo aos seus Ex.mos Amigos e Clientes.



# inco automóveis

## uns contra os outros

## a Av. 24 de Julho

É possível que na América do rte e noutros países onde o trá- o é intensíssimo e em que o de- o da velocidade é quase geral, am vulgares os desastres de via- como o que, a noite passada, registou, na Avenida 24 de Ju- , em frente da Avenida D. Car- I. Em Portugal, felizmente, não anal ver cinco automóveis enfei- dos, uns contra os outros, alguns m uma violência de que as gra- as de que publicamos dão uma ia!

A chuva da noite passada tornou pavimentos das ruas perigosos ra o transito automobilistico, mes- a poucos quilómetros á hora.

Naquele local, chocaram dois au- móveis e, em consequência do astre, ficaram ligeiramente fe- os o industrial sr. José Faustino bel, de 50 anos, Avenida Brote- 42, e a sr.ª D. Isaura Alfaro, de anos, Rua da Vinha, 23, r./c.

Dali a pouco, um carro cujo mo- rista se distraiu a observar o es- o em que se encontravam os dois tomóveis sinistrados, foi chocar m um outro, o que deu aso a vo acidente, que lançou um carro atra uma árvore.

No segundo desastre, ficaram fe- os, também ligeiramente, os srs. sé Joaquim Aterelo, de 33 anos, a Feliciano de Sousa, 10, 1.º, dt.º; ul da Silva Gomes, de 29, Rua mandante António Feio, lote 4, Almada; e Julio Freire de Oli- ra, de 27 anos, comerciante, Be- dos Contrabandistas, 33, r./c.

Os feridos recolheram a suas ca- , depois de receber curativo no spital de São José.

Esta manhã, um dos automóveis retirado para uma oficina; e os tros quatro foram rebocados por pronto-socorro do Batalhão de padores Bombeiros, com o auxí- de polícias da Segurança Publi- para locais onde não prejudicas- o transito.

## n carro eléctrico

### matou uma septuagenária

Hoje, cerca das 10 horas, na Calçada Marquês de Abrantes, um carro eléc- o colheu uma mulher que aparenta cerca de setenta anos. A pobre mu- r foi conduzida ao Hospital de S. é, onde chegou já morta, pelo que o po foi transferido para o Necrotério.

# As solenidades oficiais

## por motivo do Ano Novo

(Continuação da 1.ª pág.)

berá os cumprimentos do corpo diplomático acreditado em Lisboa, numa cerimónia identica ás dos anos anteriores. Ás 13 horas, a título particular, o Presidente da Republica recebe os cumprimentos do chefe do Governo, ministros e subsecretários de Estado e dos presidentes da Assembleia Nacional, Camara Corporativa, Supremo Tribunal de Justiça e Camara Municipal de Lisboa.

Como há dias informámos, os cumprimentos do alto funcionalismo publico ao Chefe do Estado passam, a partir do próximo ano, a ser apresentados no Dia da Raça (10 de Junho).

### Cumprimentos a ministros

Como é tradicional, por motivo do fim do ano, houve hoje, nos diversos ministérios, cerimónias de apresentação de cumprimentos aos ministros e subsecretários de Estado, por parte do funcionalismo superior.

O sr. dr. Trigo de Negreiros, ministro do Interior, recebeu, de manhã, os comandantes da Guarda Nacional Republicana e da Polícia de Segurança Publica e os directores da Polícia Internacional e de Defesa do Estado e dos diferentes serviços dependentes do ministério, que formularam os mais ardentes votos para que no ano de 1957 se verifiquem as mesmas condições que se observaram no ano que termina, a fim de que, na ordem e tranquilidade publicas, possam todos desempenhar as tarefas que lhes incumbem, contribuindo assim para o progresso da Nação.

### No Ministério da Marinha

O sr. almirante Américo Tomás, ministro da Marinha, recebeu durante a tarde de hoje, no seu gabinete, os votos de feliz Ano Novo, que lhe foram apresentados por todos os organismos representativos da Marinha Mercante e das Pescas. Em primeiro lugar, o ministro recebeu a Junta Nacional da Marinha Mercante; depois, o Grémio dos Armadores da Marinha Mercante e as direcções de todos os Sindicatos de oficiais e tripulantes, e os conselhos de administração de todas as companhias de navegação.

A seguir, acompanhados pelo sr. comandante Henrique Tenreiro estiveram também no gabinete do sr. almirante Américo Tomás os componentes das direcções e conselhos fiscais de todos os organismos corporativos das pescas.

A todos o ministro agradeceu a atenção dos cumprimentos e desejou feliz Ano Novo.

Em nome da respectiva corporação, o sr. almirante Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior da Armada, apresentou cumprimentos de Ano Novo ao sr. ministro da Marinha.

### ISENÇÃO FISCAL

Foi concedida a isenção da taxa de salvação nacional na importação do óleo mineral denominado «hexana», sempre que o referido produto se destine a ser utilizado como dissolvente na industria da extracção de óleos vegetais.

## Cinco gémeos

**NOVA DELHI, 31 — Anunciam de Pondichéry que uma mulher deu á luz cinco raparigas.**

**Já tem sete filhos, cinco raparigas e dois rapazes e todos estão de boa saude. (F. P.).**

## Foi exonerado

### o comandante-geral da Legião Portuguesa

Em virtude de ter sido escolhido para desempenhar novas funções no Ministério do Exército, foi exonerado do cargo de comandante-geral da Legião Portuguesa o sr. general José Maria Rebelo Valente de Carvalho. A portaria da nomeação, assinada pelo ministro do Interior, é acompanhada da expressão de louvor pela «inteligência, pela dedicação com que exerceu o mesmo lugar».

## A Gioconda

### volta ao Louvre

PARIS, 31 — Sosseguem, amadores de arte do Mundo inteiro: o famoso quadro de Leonardo de Vinci, a «Gioconda», regressará ao seu lugar, no Museu do Louvre, logo que os restauradores dos museus nacionais tenham reparado o pequeno rasgão no cotovelo esquerdo de Mona Lisa.

O Boliviano autor do «atentado» está a ser examinado por psiquiatras. Crê-se, desde já, que é um desequilibrado.

Não é a primeira vez que a «Gioconda» dá que falar. Roubada em 22 de Agosto de 1911, desapareceu do Louvre durante dois anos, só reaparecendo em 13 de Dezembro de 1913, quando o autor do rapto tentava vendê-la a um antiquário de Florença. — (F. P.).

*

PARIS, 31 — Hugo Unzaga Villegas, o vagabundo boliviano que danificou com uma pedrada o quadro da «Gioconda», parece que praticou esse acto de vandalismo, a fim de passar o Inverno na cadeia. Tendo sido expulso, Villegas encontrava-se sem emprego e sem recursos. — (F. P.).


NEGRESCO

REVEILLON DE PASSAGEM DO ANO
ESGOTADO

JANTARES DO ANO NOVO
SALA QUASE ESGOTADA

A Gerência deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos um Ano Novo muito próspero.

CHARCUTARIAS AZULINA, LDA.

AVENIDA JOÃO XXI, 23-A — TELEF. 761112
RUA AUGUSTO GIL, 22-A — TELEF. 761291

Desejam aos seus Ex.mos Clientes, Amigos, ao publico em geral e fornecedores, BOAS FESTAS e ANO NOVO repleto de Felicidades.

PARK ROYAL

R. Aurea N.º 142/146
LISBOA

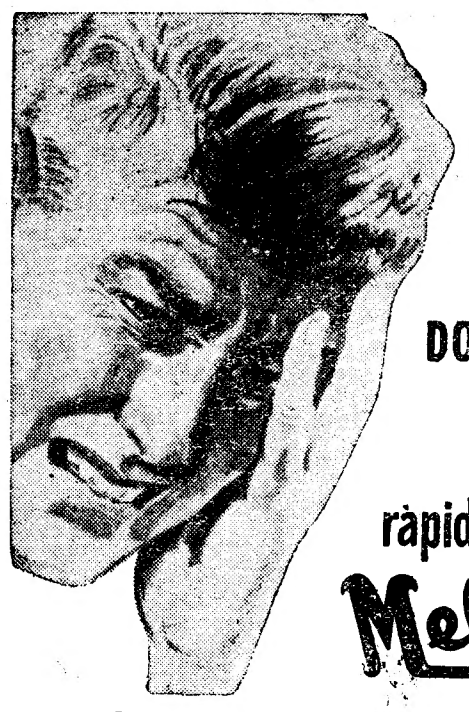
ADRIANO DE MORAIS cumprimenta os seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores a todos desejando um Novo Ano muito próspero.

Restaurante MONTES CLAROS

REVEILLON DE PASSAGEM DO ANO
ESGOTADO

JANTARES DO ANO NOVO
SALA ESGOTADA

A Gerência deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos um Ano Novo muito próspero.



Essa forte DOR DE CABEÇA alivia-se ràpidamente com Melhoral

O mais importante num calmante é aliviar ràpidamente. Melhoral produz efeito poucos segundos depois de ser tomado, proporcionando rápido bem-estar. Não sofra. Ao primeiro sintoma de dor, tome Melhoral, o calmante de acção rápido, segura e eficaz.

CONTRA DORES DE CABEÇA TOME Melhoral
2 COMPRIMIDOS: ESC. 1$00

# Esperanças e desilusões: na passagem de 1956 para 1957

(Continuação da 1.ª pág.)

*nossos passos e a trave-mestra que sustentou esta Casa.*

*O novo ano, como tudo quanto nasce, traz consigo uma alvorada de esperança e um conteúdo incomensurável de sonho. Façamos um balanço breve do ano que passou, para tirarmos algumas conclusões que os factos nos sugerem.*

*Na ordem interna, alguns acontecimentos dominaram a vida do País e despertaram uma atenção mais viva ou marcaram directrizes novas na política e na administração pública. Com a visita do Presidente eleito do Brasil, dr. Kubitschek de Oliveira, estreitaram-se mais os laços que nos prendem a êsse país irmão, e com a designação de Álvaro Lins para embaixador em Portugal abrem-se novas perspectivas a uma política de realidades que há-de, certamente, produzir os seus frutos.*

*O Chefe do Estado, sr. general Craveiro Lopes, com a nítida compreensão dos seus deveres e o aprumo que põe no desempenho do seu alto cargo, levou a cabo mais uma viagem de soberania às nossas províncias do Ultramar, que serviu para fortalecer a unidade nacional e afirmar, mais uma vez, a lealdade das populações á Mãe-Pátria. A sua viagem estendeu-se a países amigos e vizinhos de Portugal em África, que lhe dispensaram um acolhimento tão afectuoso para a sua pessoa, como honroso para o País de que êle é o mais alto representante.*

*No prosseguimento de uma política, traçada com firmeza e decisão, o Governo resolveu instituir as Corporações, que considera a cúpula da organização em que assenta o sistema político vigente e estabeleceu as bases do seu funcionamento no quadro das actividades nacionais.*

*Celebraram-se os trinta anos do regime instaurado em 28 de Maio com diversas manifestações de ordem política ou cultural, a mais importante das quais foi, sem dúvida, o IV Congresso da União Nacional, em que se debateram problemas da maior trascendência para a vida portuguesa. Na sessão de abertura, o sr. dr. Oliveira Salazar proferiu um importante discurso, no qual passou em revista acontecimentos nacionais e internacionais, com a clareza, o desassombro, o bom senso e a clarividência que lhe são peculiares. Convém escutar a sua voz e seguir o seu conselho, que contém uma lição de energia e de moral política para meditar:*

«Aos ânimos fortes os maus tempos não destroem, antes redobram as energias; e como tanto para as nações como para os indivíduos a vida é luta, os que desistem de lutar são indignos de viver. Mas isto não se dirá de nós.

«Para que seja assim exactamente nos momentos confusos como o actual, eu desejaria que mantivéssemos o entendimento desanuviado, o coração limpo, a vontade decidida e firme. Assim, temos possibilidade de ver com nitidez o caminho, respeitar com bondade e justiça o interesse alheio, defender com vigor o nosso, colaborar activamente com os mais para o bem comum. O que se pede com essa atitude é afinal um exemplo de clarividência e de realismo, de confiança em nós próprios e nos destinos da Nação».

*Anteriormente, o Chefe do Governo proferira outro discurso, na posse dos novos dirigentes da União Nacional, que classificámos, então, como documento de trascendente significação política, «produto de meditação profunda de uma longa experiência no contacto permanente com os problemas que nos são próprios e com aqueles que nos chegam como expressão e reflexo de outros de amplitude universal».*

*O seu espírito, se por um lado se louvou em certezas animadoras, por outro lado formulou dúvidas, definiu princípios e expôs ideias que se prestam a uma larga e proveitosa meditação. O Presidente do Conselho afirmou:*

«Os tempos criaram não só a necessidade como a esperança de modificações profundas na estrutura social que a economia e a política são as primeiras a reflectir. Muitos supõem não poder operá-las senão por uma revolução. O nosso voto é que todos possam empreendê-la, a essa revolução necessária, como nós a vamos fazendo — em paz. Demasiado devagar? Talvez um tanto devagar, mas repito e sublinho — em paz».

*Um terceiro discurso, mais pròpriamente uma mensagem, foi especialmente dirigido por Salazar aos legionários, durante as comemorações do vigésimo aniversário da Legião Portuguesa, em que novamente o seu pensamento político se definiu com precisão e clareza. Foi, principalmente, a situação internacional que o preocupou. Os seus receios encontraram eco noutros países, onde as suas palavras foram escutadas com atenção e pesadas com escrúpulo. Ele próprio respondeu à interrogação que o preocupa:*

«Direi francamente que tenho medo... do medo ...

«Esta Europa que foi berço de nações e agente missionário da civilização que tão esforçadamente servimos e propagámos afigura-se cansada da sua mesma grandeza, em parte amolecida pelas coisas fáceis da vida. Penso que ela sente demasiado medo da pobreza e do sofrimento, que são afinal a vida. Ora ter medo da vida e ter medo de bater-se para defender a dignidade dessa mesma vida são a maior causa do nosso abatimento e Deus queira a não sejam da nossa perdição, pois aqueles que se nos opõem, se mostram desprezo pela vida alheia, também estão decididos a jogar a sua».

*Tais são algumas das afirmações que se contêm em três discursos de Salazar e que convem recordar neste balanço do fim do ano.*

*Na ordem internacional, o ano findo foi cheio de sobressaltos e de surpresas. A paz, o bem supremo por que os povos anseiam, continúa a assentar em bases precárias. O Mundo sofreu transformações que não deixaram de surpreender uns e de confirmar os vaticínios de outros. Vimos um sultão exilado regressar do exílio em triunfo ao seu trono e conseguir, como se fosse pelo toque de uma varinha mágica, o milagre da independência do seu país, que antes sofrera todas as limitações políticas que um protectorado impõe.*

*Viagens de cortesia, afirmações de amizade e votos de entendimento formulados entre duas taças de champanhe ou dois copos de vodka, ao calor dos brindes que se trocam no final dos banquetes, haviam de terminar em ameaças e represálias que desvelaram pensamentos reservados e puseram em grave risco a paz do Mundo. Os interesses e as paixões sobrepuseram-se, mais uma vez, aos ideais, ao bom-senso e á cortesia que deve presidir às relações entre os povos.*

*Homens eminentes sofreram grave diminuição do seu prestígio. O ídolo que ainda ontem era incensado, e diante do qual tremiam aqueles que hoje se mostram tão fortes e arrogantes, caiu do altar onde o haviam colocado e os actos que em vida dele não houve a coragem de criticar foram condenados depois da sua morte, como os desvarios de um louco a quem não ousaram vestir um colete de forças.*

*Um país submetido brutalmente, cujos anseios de independência e de liberdade foram afogados em sangue, é o exemplo vivo da doutrina que se apregoa e não se cumpre de deixar que os povos disponham dos seus próprios destinos.*

*Dois acontecimentos sociais de natureza diversa não deixaram de enternecer os corações bem formados — o que prova que no Mundo ainda há lugar para a delicadeza de sentimentos, e o coração humano não está empedernido pelo cepticismo e pela descrença. A gata borralheira dos estudios de Hollywood desposou o príncipe dos seus sonhos e a boda foi celebrada com estrondo, entre sorrisos e flores, no meio de um povo feliz e numa cidade alegre — igual ás imagens que ilustram os contos de fadas.*

*Um venerando ancião que representa na Terra um poder mais alto, perante o qual se dobram todas as vontades, pôde festejar com saúde os oitenta anos de vida exemplar, depois de uma grave enfermidade que o teve ás portas da morte e em cuja cura ele próprio viu uma intervenção mais alta que escapa ao entendimento humano.*

*O ano termina por um parentesis de esperança e por uma clareira de sol que se abre num céu carregado de nuvens. Oxalá os homens de quem dependem os destinos da Humanidade acabem por se convencer de que a guerra, longe de resolver, só contribui para agravar os problemas que nos preocupam. Nenhum país a quer. Nenhum povo a deseja. Não há mãe que oiça falar dela sem estremecer. E, no entanto, ela constitui uma ameaça permanente que pesa sobre nós. Um pesadelo que nos rouba o sono. Uma sombra negra que nos envenena a alegria de viver. Como se nos lábios de uma criança gelasse de repente um sorriso em flor. E o Mundo precisa cada vez mais da alegria dos homens e dos sorrisos luminosos das crianças, para sobreviver aos perigos que ameaçam subvertê-lo no caos e na barbárie.*

*Há que libertá-lo da psicose do medo — e dos que têm pedras no bolso para atirar á «Gioconda».*

## Aeronautica Militar

Foi publicado um decreto-lei que promulga o reajustamento dos serviços da Aeronáutica Militar.

**A Tia Adelina, Domingos Mesquita e Filhas**

**proprietários do mais antigo estabelecimento do género**

**ADEGA MESQUITA**

**Rua do Diário de Notícias, 107 — Telefone 28307** restaurante típico lisboeta que é o centro de convergência de toireiros, ganaderos, escritores, jornalistas, críticos, pintores, arquitectos, engenheiros, artistas do Teatro, do Cinema e da Rádio, construtores, decoradores, diplomatas, médicos, advogados, comerciantes, industriais, altos funcionários, etc.

**Está em festa nesta quadra de festa**

e Boas Festas desejam a todos os seus queridos amigos e Ex.mos Clientes, desejando-lhes um 1957 que desbanque todos os anteriores anos em alegrias e felicidades.

**A Adega Mesquita é com certeza uma casa portuguesa**



**CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO COMÉRCIO**

**CONCURSO PARA ADMISSÃO DE PESSOAL**

A Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio com sede em Lisboa, na Alameda D. Afonso Henriques, 82, anuncia que se encontra aberto concurso pelo prazo de 10 dias para preenchimento de vagas de aspirantes de 2.ª classe e dactilógrafos de 2.ª classe.

Só serão admitidos indivíduos devidamente habilitados com concurso de admissão para as referidas categorias.

Os concorrentes deverão apresentar, na sede da Caixa, requerimento elaborado em papel comum azul de 25 linhas, com a indicação de todos os elementos de identificação (nome completo, filiação, idade, estado, naturalidade, residência, habilitações literárias e classificação no concurso de admissão para a respectiva categoria).

Lisboa, 31 de Dezembro de 1956.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA,

**Alberto Monteiro**



**OURIVESARIA**

**NOGUEIRA**

NOGUEIRA & SIMÕES, LDA.

RUA DE S. LAZARO, 171 E 173 — TELEFONES 50786 — LISBOA

AGENCIA OFICIAL OMEGA E TISSOT

**Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Novo Ano muito próspero.**

**OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO**

DESEJARIAM QUE AS SUAS VOZES TIVESSEM O POTENTE SOM DA TROMBETA DUM ARAUTO, PARA FAZER ECOAR OS SEUS VOTOS DE QUE O

**NOVO ANO DE 1957**

SEJA REPLETO DE FELICIDADES E PROSPERIDADES PARA OS SEUS **ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS,** QUE COM A SUA AMÁVEL PREFERÊNCIA, AJUDARAM A ERGUER ESTA

**OBRA COLOSSAL**

QUE SÃO HOJE OS

**GRANDES ARMAZENS DO CHIADO**

**OS MAIORES ESTABELECIMENTOS DA PENINSULA**

**Ilda Allen Nobre Pereira**

**FALECEU**

Joaquim Raul da Silva Pereira e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida esposa e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

**AGENCIA FERREIRA ALVES**
**Telefone 59056**

**Ilda Allen Nobre Pereira**

**FALECEU**

Raul Pereira, Lda., Sapataria Ratinho, participa o falecimento da esposa do seu sócio e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

# Actos comemorativos do Natal e do Ano Novo

## A festa de Natal da U. E. P.

### decorreu com grande animação

Como vem sucedendo desde há treze anos, realizou-se agora a tradicional Festa do Natal dos Filhos do Pessoal da União Eléctrica Portuguesa (Sul), em Setubal e á qual compareceram numerosas famílias de empregados e operários daquela importante empresa.

Pelas 14 horas, já o Grande Salão Recreio do Povo regorgitava de crianças que, deslumbradas, caminhavam em direcção ás gigantescas árvores de Natal, colocadas no palco, para receber os pacotes de bolos e lindíssimos brinquedos que lhes eram destinados e foram distribuídos pelas esposas dos engenheiros e chefes de serviços.

E perante uma vastíssima assistência, na qual se destacavam os srs. dr. Jorge Botelho Moniz, presidente da Camara Municipal de Setubal; dr. João Ruella Ramos, administrador da U. E. P.; engenheiro Paulo de Barros, gerente da mesma, e sua esposa, D. Maria Antónia de Barros, iniciou-se o espectáculo, ansiosamente esperado por todos os presentes.

A abrir, surgiram no palco os palhaços Armand & Anhuk, que, com as suas engraçadas paródias e alegres numeros musicais, provocaram a maior hilaridade no publico e o jubilo da petizada.

Ramon Navarro, empregado da U. E. P. — e que na sua vida artística é o conhecido e apreciado ilusionista Prince — fez-se exibir no seu variado e valioso repertório, alcançando calorosos aplausos ao apresentar o seu ultimo numero, intitulado «Jardim de Allah», na verdade, bem justificados, pelo grande trabalho e espectaculosidade que representou.

E, a culminar o programa, seguiu-se a representação da revista fantasia, «Jardim da Nossa Vida», inspirada na já magnífica e modelar Obra Social da U. E. P. Quer o poema, do operário João Silva, quer a musica, do maestro Celestino Rosado Pinto, reafirmaram o valor já demonstrado pelos autores. Interpretada por crianças e adultos de ambos os sexos, alguns numeros se destacaram pelo sentido de observação, ternura e reconhecimento áqueles que têm tornado possível essa esplendorosa e utilíssima realidade que é a Colónia de Férias, instalada num aprazível e benéfico local do concelho de Palmela. Quadros houve, em que os nomes de D. Maria Antónia de Barros e engenheiro Paulo de Barros eram cantados em hinos de homenagem á carinhosa acção dispensada, da qual numerosas e felizes crianças tanto beneficiam. Em todos os intérpretes se notou a mais sincera intenção de reconhecimento e justiça.

Pode acrescentar-se que esta parte do encantador espectáculo constituiu um assinalado êxito, não só pela fantasia e graciosidade de certos numeros, como também pela arte que alguns revelaram. Destes, é forçoso destacar «Estátuas» e «Boneca dos Meus Sonhos», pelo seu valor de concepção e coreografia. Na verdade, Maria Madalena Silva e Maria Fernanda Casal (que duas intérpretes de dança clássica dariam estas duas graciosas meninas, se a isso se dedicassem!) elevaram de tal forma o nível interpretativo das suas danças que, juntamente com as pequeninas e habilidosas Maria Elisa Pires Nogueira e Maria Margarida Venancio, compensaram os esforços feitos, certamente, pela ensaiadora coreográfica, D. Maria de Lourdes Vilaça. Mas, para tal êxito da revista, é indispensável mencionar os nomes do sr. eng.º Armando de Medeiros — incansável obreiro das festas da U. E. P. — da sr.ª D. Maria Adelaide Rosado Pinto e dos srs. Alberto Fialho e José Rodrigues dos Santos (Azoia). Todos, quer na encenação, quer na colaboração dada á coreografia ou á parte musical, receberam as justas felicitações e aplausos, como prémio aos seus valiosos contributos.

No final — enquanto se entregavam lindos ramos de flores á sr.ª D. Maria Antónia de Barros e aos srs. dr. João Ruella Ramos, eng.º Paulo de Barros e aos mais destacados colaboradores — publico e intérpretes cantaram a marcha da U. E. P., como hino a uma festa que entrou já num tradicionalismo simpático e serve para vincar, cada vez mais, a indesmentível cordialidade entre o pessoal da importante empresa.

Um interessante aspecto da festa da U. E. P.

### Filhos dos alunos da Escola de Polícia

Numa das dependências de Santa Marta, onde funciona a Escola da Polícia de Segurança Publica de Lisboa, realizou-se hoje, ao princípio da tarde, uma interessante festa, dedicada aos filhos dos alunos da referida Escola.

Pelas 15 horas, já se encontravam reunidas muitas crianças, com suas famílias. A todas elas foram distribuidos brinquedos, tendo assistido á festa o respectivo director, tenente Abreu Calado.

### Pessoal da Fábrica Regina

Pela gerência da Fábrica de Chocolates Regina, foram hoje, a meio da tarde, distribuidos prémios aos seus empregados que mais se distinguiram no exercício das suas funções, durante o presente ano. Foram também entregues medalhas aos atletas melhor classificados nos campeonatos da F. N. A. T., e menções honrosas aos premiados na I Exposição de Arte e Artesanato, organizada pelo C. A. T. anexo áquela empresa.

### Pessoal da «General Motors»

No restaurante dos Montes Claros, realizou-se hoje o almoço anual dos funcionários da «General Motors Overseas Corporation».

Presidiu o director daquela organização no nosso País, sr. Henry V. Leonard Jor., estando também presentes o sr. D. S. Schiffman, e os chefes de todos os Departamentos. (A. J. Doherty, das Vendas, F. O. Alves, de Peças e Acessórios, L. Almeida Leite, de Importação, F. Palma Leal, dos Serviços Técnicos, R. H. Boniface, de Frigidaire, L. B. Duarte, de Diesel, Arthur Sheriff, da Produção e J. Granger Pinto, da publicidade). No decorrer do almoço, foram entregues, pelo director, emblemas de ouro e prata, aos empregados com mais de 10 e 5 anos de serviço efectivo na Companhia.

### No Hospital Miguel Bombarda

O pessoal do Hospital Miguel Bombarda apresentou hoje, ás 14 horas, cumprimentos de homenagem e votos de bom ano ao director sr. dr. Almeida Amaral. Falaram os srs. drs. Abrantes da Conceição, adjunto do director, e José Pedro Horta, chefe dos serviços clínicos, e o fiscal-geral António Ferreira. O sr. dr. Almeida Amaral agradeceu comovido e retribuiu votos de prosperidade para os médicos e pessoal do hospital que dirige.

### Na residência do embaixador da Alemanha Ocidental

O sr. dr. Gebhard Seelos, embaixador da Republica Federal Alemã, recebeu hoje, na sua residência, na Quinta de São João do Rio, no Dafundo, os cumprimentos dos seus compatriotas, aos quais dirigiu palavras de saudação e de confiança no futuro do seu País.

### Na Embaixada de França

O sr. Jean Rivière, embaixador de França, recebeu hoje, no palácio da Embaixada, na Calçada do Marquês de Abrantes, a partir das 18 horas, os membros da colónia francesa.

### Cinema para as crianças

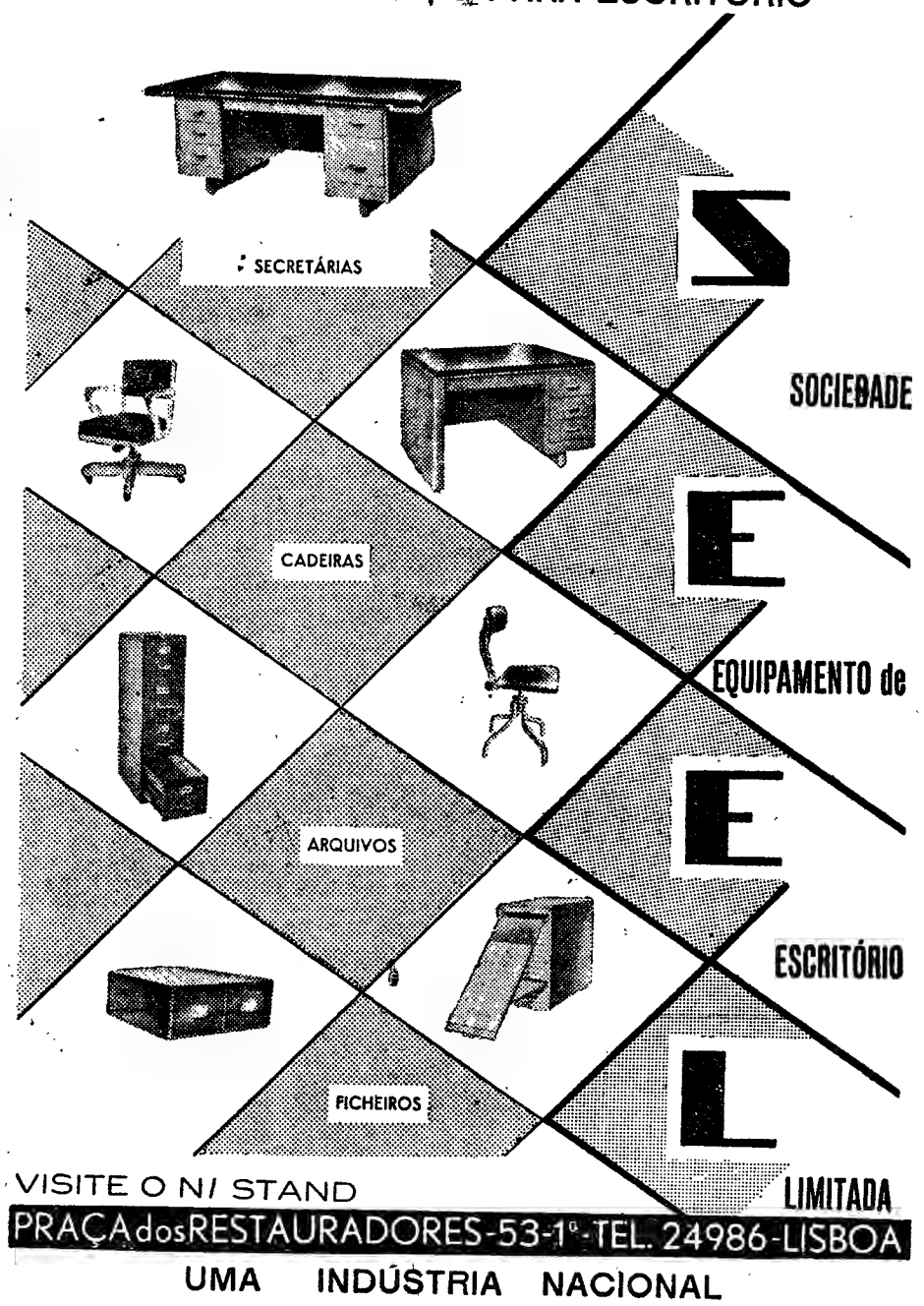
Por ser amanhã o primeiro dia do ano, realizam-se, no Pavilhão dos Desportos, ás 15 e 16 horas, as habituais sessões gratuitas de cinema, destinadas ás crianças, promovidas pela Camara Municipal de Lisboa. Os bilhetes distribuem-se no referido local e o programa é constituído por filmes educativos, desportivos e de desenhos animados.

BRUNSVIGA MÁQUINAS DE CALCULAR
MÁQUINAS DE SOMAR

CÉREBRO DE AÇO
BRUNSVIGA

A marca famosa
ha mais de 60 anos
Representante:
M. SIMÕES JR. R. DA PRATA, 68, LISBOA
R. Sto ANTÓNIO, 208 - PORTO

MATERIAL DE AÇO PARA ESCRITÓRIO




SOCIEDADE EQUIPAMENTO de ESCRITÓRIO LIMITADA

VISITE O NI STAND
PRAÇA dos RESTAURADORES - 53-1º - TEL. 24986 - LISBOA
UMA INDÚSTRIA NACIONAL

UMA SAMARRA PARA SI

COM BOA DISPOSIÇÃO É UM PRAZER TRABALHAR
O FRIO DEIXA DE O APOQUENTAR
SE VESTIR UMA SAMARRA **ADÃO**
GRANDE SORTIDO EM PREÇOS E QUALIDADES

**ADÃO Camiseiros**
238, RUA AUGUSTA, 240

COM CERTIFICADO DE GARANTIA

CONTRA TODOS OS ACIDENTES

Escolha um RELIDE

DISCOS
polydor
À VENDA NAS BOAS CASAS REVENDEDORAS

Balcões e vitrines
Grande variedade, para diversos ramos, mesas e cadeiras, tudo em bom estado, vende o
BAZAR NOBRE, LDA.
Rua de S. Bento, 224 — Telef. 661227
(á Praça de S. Bento)

BRINDES!...
Baratíssimos na antiga ourivesaria
18 MIGUEL A. FRAGA, LDA. 18
Largo Martim Moniz
Tel. 28503 (Pavilhão dos Ourives)


## CASINO ESTORIL

**PROGRAMA DO CINEMA**

**da semana de 1 a 6 de Janeiro de 1957**

3.ª-feira, 1: «Convite á dança», da Metro, com Gene Kelly, Tamara Tovmanova e Igor Youskevitch. A's 17 e ás 21.30 para adultos.

4.ª-feira, 2: «O pecado mora ao lado», da Fox, com Marilyn Monroe e Tom Ewell. A's 21,30 para adultos.

5.ª-feira, 3: «Inferno em S. Francisco», da SIF, com Alan Ladd, Edward G. Robinson e Joanne Dru. A's 17 e ás 21,30 para adultos.

6.ª-feira, 4: «O aventureiro de Hong-Kong», da Fox, com Clark Gable, Susan Hayward e Michael Rennie. A's 21,30 para adultos.

Sábado, 5: «Uma mulher para Joe», da Jarofilme, com Diane Cilento e George Baker. A's 17 para 13 anos — ás 21,30 para adultos.

Domingo, 6: «Armadilha amorosa», da Metro, com Frank Sinatra e Debbie Reynolds. A's 17 e ás 21,30 para adultos.

## COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

**ADMINISTRAÇÃO**

**Pagamento do juro de obrigações relativo ao 2.º semestre de 1956**

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao 2.º semestre de 1956, será efectuado a partir de 1 de Janeiro de 1957 aos preços abaixo indicados:

Emissão «C. P.» 4 1/2 % — 1954
Esc. 22$50 — para títulos ao portador ou nominativos;
Emissão «C. P.» 4 % — 1951
Esc. 20$00 — para títulos ao portador ou nominativos;
Emissão «Norte» 5 % — 1937
Esc. 2$50 — para títulos ao portador ou nominativos;
Emissão «Guimarães» 4 1/2 % — 1905
Esc. 1$60 — para títulos ao portador ou nominativos;
Emissão «Guimarães» 5 % — 1896
Esc. 1$80 para títulos ao portador ou nominativos;
Emissão «Nacional» 9 % — 1928
Esc. 4$25 — para títulos ao portador ou nominativos;
Emissão «Mirandela-Bragança» 4 1/2 % — 1903
Esc. 1$60 — para títulos ao portador ou nominativos.

O pagamento efectuar-se-á todos os dias uteis, desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas, e aos sábados desde as 10 ás 12 horas:

Em Lisboa, na sede da Companhia
No Porto, na Tesouraria da Companhia, estação de S. Bento.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1956.

**O Conselho de Administração**

O «Diario de Lisboa» vende-se em ESTREMOZ, na casa Reinaldo Luna & Irmão, Ld.ª

# O homem e o seu destino

(Continuação da 1.ª pág.)

mãos da vida tenham desbastado, cinzelado, idealizado as suas formas rudes e agrestes. Os seus elementos desencadeados: o vento devastador, os cataclismos sismicos, as tempestades fulgurantes continuam a assolar este pobre planeta.

O que se vai passar é sempre um trágico ponto de interrogação para a Humanidade, por mais que as velhas sibilas e as esfinges sem sorriso, os sacerdotes do mistério e os profetas clarividentes queiram traçar, augurar um destino.

No entanto, todos os corações, todas as almas olham para o Novo Ano, com uma luz de redenção, quase divisada em milagre.

Sobretudo, os pobres dos pobres, os desterrados esquecidos, os encarcerados sem esperança, até mesmo os que descem ao tumulo sem ter cumprido o seu destino, mas aquele que a fatalidade lhes impôs. A boceta de Pandora, tauxiada de oiro, onde o bem e o mal estão misteriosamente guardados, não se abriu ainda.

Nos primeiros dias de 1957 o Mundo vai estremecer de alegria e de confiança. O homem será, pluralmente, a multidão, e não, egoistamente, ele próprio. Mas, depois, crucificado numa obsessiva ansiedade, reconhecerá uma vez mais que através das técnicas progressivas, dos tipos de civilização requintados, do próprio génio da Vida que, na alquimia dos laboratórios, engendra novas fórmulas e numera outros isotopos — o «eu» perde em individualidade, mecaniza-se, torna-se uma peça estatistica do grande todo, se não é vitima, afinal, da sua fabulosa e monstruosa criação! O espírito «*la folle du logis*» vai diminuindo, perdendo o domínio não apenas sobre a matéria física que habita, mas sobre este débil e vacilante Mundo de que o átomo-tempo um dia fissionado poderá ser o Apocalipse.

A literatura torna-se cada vez ras para a acção do pensamento, mais estridente mais corrosiva, com o rumor crispante do aço lacerado e o dinamismo dos «robots» que não podem inventar novas hodeixa de potencializar-se num ideal colectivo, de que a paz seria o primeiro imperativo do decalogo.

Dir-se-ia que já não há espaço na terra para os santos e os moralistas. Que as flores mesmo verdadeiras são artificiais. Que a beleza se vende ou troca como matéria desprezivel. Que as próprias crianças perderam a alegria ludica da vida e dos sonhos imaculados de evasão, inconscientemente transidas pela dolorosa expectativa do homem.

Entretanto, outro ano surge com um numero vulgar, cuja máscara interrogamos, mal liberta dos limbos do destino.

Será igual aos outros? Quer-nos parecer que, históricamente, nada o assinalará na cavalgada do tempo. Ainda não é o ano da viragem, da evolução decisiva, deste regelado e humilhado século. Apenas, um mero registo temporal longe todavia da idade de oiro dos filosofos platónicos.

Assim será, mas resgatemos a sua banalidade por um acto de fé. Acto de fé, mesmo sem ser de crente. Não deixemos que o infantil sorriso dos seus primeiros dias, as limpidas estrelas que traz nos olhos, as suas mãos puras se maculem no sangue, na guerra, na miséria, no ódio, — e, sobretudo, na indiferença que alguns criticistas identificam com a serenidade, mas que é, afinal, o pior crime perpetrado contra a pessoa humana. Esperança ainda até ao derradeiro segundo do naufrago perdido, até na morte que não revoga!

Que a vida seja Vida! Que o espírito seja Espírito! A mesma labareda, sem cinzas, luminosa, jubilosa, fraternal, rasgando o negrume soturno do tempo.

E continuemos, avançando estrada fora — unico caminho sem regresso — fitando o Sol, na sua eternidade, que mesmo a noite não apaga.

Para além ainda! Para além sempre! Até ao fim que jamais se alcança! 1957 é mais um passo no tempo. O resto será o que nós quisermos que seja! Como sempre, afinal!

Ao alto tocam as campanas de bronze, na aleluia de 1957, acordando os homens de boa vontade, sem distinção de raças, as cidades ociosas ou orgulhosas, mesmo este sombrio planeta que parece ter perdido a sua órbita.

Vagabundo que vais perdido, pelo corrego torcicolado sobre a neve, a desolação, o silêncio e a morte! Ao longe, brilha uma luz. Tu não sabes, porém, se fulgura no tumulo da terra, se na imensidade do céu, onde os astros parecem guiar-te as pegadas que julgas perdidas.

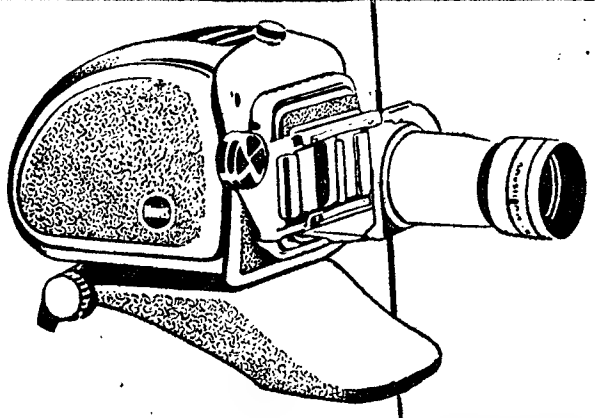
Leva a mão á nudez do peito! No teu coração encontrarás, embora já a esvair-se, um pouco de calor, de ternura, mesmo que bata devagarinho.

Lembra-te que perdão e «amor se escrevem com o sangue de Deus», e prossegue!

ARTUR PORTELA


PARA O ENSINO PELA IMAGEM

Noris



DIA-PROJECTORES PARA FILMES DE 35 MM E 6x6 CM

INDISPENSÁVEIS A SACERDOTES, PROFESSORES, CONFERENCISTAS, ETC

OS MELHORES AUXILIARES DO EDUCADOR MODERNO

Preferidos igualmente pelos bons amadores fotográficos para projectar as suas transparências em côres

Os dia-projectores Noris são fornecidos em elegantes maletas de transporte e a preços extremamente baixos

OS PROJECTORES DE IMAGENS FIXAS Noris PODEM SER FORNECIDOS COM LÂMPADAS PARA 110 OU 220 V. E TAMBEM PARA BATERIA DE 12 V. PARA AS REGIÕES SEM ELECTRICIDADE

Noris OS PROJECTORES QUE CONQUISTARAM A SIMPATIA DOS EDUCADORES PORTUGUESES

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTE | M. SIMÕES JR. RUA DA CONCEIÇÃO, 46, 1.º – TELEF. 3 0306 – LISBOA



Restaurante Dias & Vicente

VULGO «ANARQUISTAS»

LARGO DA TRINDADE, 14

Saturnino Dias participa a todos os seus Clientes e Amigos que retoma a direcção, amanhã dia 1, desejando a todos um Novo Ano muito próspero.


## BOMBEIROS

### Voluntários de Vila Real

VILA REAL, 30 — A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários desta cidade promove, depois de amanhã, para festejar o 66.º aniversário da sua fundação, os seguintes festejos: ás 9 horas, alvorada por uma banda de musica e terno de clarins; 10 e 30, formatura geral do corpo activo; 11 e 30, recepção, na Avenida Carvalho Araujo, ao novo pronto-socorro, seguida de cumprimentos ás autoridades; 14 e 30 cumprimentos aos sócios beneméritos e amigos da Associação; 21 e 30 espectáculo de gala, no Teatro Avenida, pela companhia de Rafael de Oliveira, com a representação da peça «Prémio Nobel».

**O «Diário de Lisbôa» vende-se em PORTIMÃO, na casa Pedro Dias, Limitada.**

# O Estado e o Cinema português

(Continuação da 7.ª página)

nor legalmente representada pelo sr. D. Francisco Quintela seja hoje a proprietária de todas as quotas da Lisboa Filme — e tenho razões para duvidar de que o seja — e mesmo que o sr. D. Francisco Quintela fosse administrador da TOBIS apenas a titulo de representante legal da dita menor — e tenho a certeza de que não é — daí não se podia concluir que *a Lisboa Filme é administradora da TOBIS*.

As sociedades comerciais têm, para com terceiros, individualidade distinta da dos sócios, diz o art.º 108.º do Cód. Comercial que o sr. Lopes Ribeiro decerto tem á mão. Portanto, sócio e sociedade são pessoas distintas. Logo, para que a Lisboa Filme fosse administradora da TOBIS era necessário que fosse accionista desta, não bastando que seja accionista um sócio, mesmo o *unico*, da Lisboa Filme. Ora, por mais que custe ao sr. Lopes Ribeiro, a Lisboa Filme *não é accionista da Tobis*, portanto não é administradora. Quem é accionista e administrador, a titulo pessoal, é o sr. D. Francisco Quintela.

Porque eu dissesse que o Estado tomou posição apenas em relação aos estudios da TOBIS e da Lisboa Filme e havia, como há, mais estudios, o sr. Lopes Ribeiro, sobrevalorizou a palavra «apenas» achando que «vale um poema» e depreciou a afirmação de que havia e há mais estudios dizendo que não vale grande coisa. Isto porquê? Porque, que ele saiba, só havia um outro estudio, com um só «plateau» e pequeno: o da Cinelandia, depois chamado da Cinanfa; e hoje nem esse, pois foi alugado á Televisão Portuguesa.

Aqui tenho de penitenciar-me por ter usado a expressão «ha mais», tão corrente na nossa lingua, seguida de um plural quando, segundo a autorizada informação do sr. Lopes Ribeiro, só havia mais *um*. Mas a verdade é que a minha afirmação, que teve o involuntário efeito de suspender o folego ao sr. Lopes Ribeiro, só merecia tanto espanto se, além dos estudios da TOBIS e da Lisboa Filme, não houvesse mais *algum*. A afirmação principal, e exacta, era a de que o Estado não tomou posição em todos os estudios.

Esse outro que havia tinha um só «plateau» e pequeno? Em todo o caso sempre serviu para lá se produzirem, em 16 anos, 11 dos 77 filmes de longa metragem que a nossa industria deu á luz em 24 anos, segundo os numeros apresentados no quadro do sr. Lopes Ribeiro.

O meu ilustre contraditor, na sua primeira carta escreveu que, até á intervenção do Estado nos estudios, de ano para ano se faziam mais filmes; de 1 ou 2 por ano, a produção subiu a 4, 6, 8 filmes; desde que o Estado tomou conta da TOBIS, vai para dois anos, produziu-se um, ao todo.

Porque o Estado só tomou conta dos estudios da TOBIS e da Lisboa Filme e neles a produção umas vezes era das próprias empresas, outras vezes era de clientes, tornava-se manifestamente licito depreender que o sr. Lopes Ribeiro referia os numeros apontados á produção própria daquelas duas empresas, que a intervenção do Estado fizera estancar.

O sr. Lopes Ribeiro vem agora esclarecer que a produção cinematográfica a que se referia «não era apenas a própria das empresas proprietárias dos estudios, mas sim *toda* a que deles saiu até á aparição do Estado». E mais, pode acrescentar-se, não só a daqueles estudios, mas também a da Cinelandia (depois Cinanfa).

Muito bem. Esse ponto está esclarecido. Mas então fica-se sem saber, á míngua de explicação oportuna: a) porque é que, antes mesmo da intervenção do Estado, a produção anual total dos estudios era tão variável (por exemplo, de 1947 a 1952, 7, 4, 6, 3, 4, 7) e o sr. Lopes Ribeiro escreveu que «de ano para ano se faziam mais filmes»; b) em que é que a intervenção do Estado em dois estudios paralisou a produção do restante, quando el nada produzia há 5 anos; c) em que é que a intervenção do Estado da TOBIS e na Lisboa Filme impediu a produção por clientes a elas estranhos, que sempre forneceram o maior contingente de produção — na TOBIS 28 filmes contra 12 de produção própria; na Lisboa Filme, 16 contra 9 de produção própria.

Estas observações são baseadas no quadro apresentado pelo sr. Lopes Ribeiro e que ele tem por mais elucidativo que o meu. Também eu... Com efeito, o que por mim foi apresentado era mais modesto; provava o que eu afirmava em contrário do que supunha ou admitia ser o «objecto das afirmações» do sr. Lopes Ribeiro. Mas este agora permite provar em contrário do que é certo ser objecto das tais afirmações.

E já agora que falo do meu quadro, só uma nota de resposta ao fácil espírito do meu ilustre opositor. Não inclui nele o ano de 1955 apenas porque esse ano fora o termo escolhido pelo próprio sr. Lopes Ribeiro quando escreveu «até á intervenção do Estado...», «desde que o Estado tomou conta da TOBIS...». O que importava, para o efeito, era saber o que se passara antes da intervenção. Não será assim?

O sr. Lopes Ribeiro tomou como critério a data das estreias. Eu tomei o da apresentação ao visto da censura. Aparte uma ou outra divergência, o resultado é o mesmo.

Por aqui me fico, pois, sem saber se isso dá prazer ou tristeza ao sr. Lopes Ribeiro, entendo que não devo sair dos limites objectivos da matéria da minha primeira carta. Não me sinto de modo algum obrigado a discutir na Imprensa, e muito menos com o sr. Lopes Ribeiro, as minhas opiniões pessoais sobre o cinema e muito menos as minhas atitudes. E não o faço por diversas razões: primeiro porque sei muito bem a quem devo prestar contas, depois porque não me sobra o tempo, depois ainda porque não sou capaz de recorrer ao uso de processos que estão fora da minha maneira de ser e, finalmente, porque é manifesto que o sr. Lopes Ribeiro e eu temos concepções muito diversas do que seja *cumprir* e *servir* — mesmo no campo do cinema.

Nem sequer me incita a abandonar este caminho a garantia final do sr. Lopes Ribeiro de que não voltará a descer ao terreiro em defesa da sua dama, neste torneio dos Cavaleiros Tristes contra os da Triste Figura.

Fiquemos por aqui. E' melhor assim porque não se chega a saber quem é a «dama» e nisto de tristezas e de figuras, cada qual faça por carregar com as suas... De V. etc., *Luís Pinto Coelho*.

## NOVO HORÁRIO

### de carreiras aereas

A partir de depois de amanhã, as carreiras aéreas da T. A. P., entre Lisboa e Madrid passam a ter o seguinte horário: ás segundas, quartas e sextas-feiras, partida de Lisboa ás 9 horas e chegada a Madrid ás 10 e 45; partida de Madrid ás 11 e 30 e chegada a Lisboa ás 13 e 15.


Chás Medicinais «HERBIS»

Usados na Alemanha há 50 anos

| | | |
|---|---|---|
| HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico | HERBIS N.º 4 Azia e más digestões | HERBIS N.º 8 Figado e vesícula |
| HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação | HERBIS N.º 5 Contra bronquites | HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal |
| HERBIS N.º 3 Depurativo do Sangue | HERBIS N.º 6 Nervos e insónias | HERBIS N.º 10 Tónico do coração |
| | HERBIS N.º 7 Rins e Bexiga | HERBIS N.º 11 Laxativo suave |

Preparados segundo formulas do Dr. E. Richter, de Munich

PACOTES DE 100 GRAMAS

# ÚLTIMAS NOTÍCIAS

## O discurso do ministro do Interior

(Continuação da 1.ª pág.)

Durante os três anos que passou na ilha Terceira deve ter-se compenetrado do vigor da tradição, da hospitalidade dos seus habitantes e da sua fidelidade á Pátria. Ajoelhando na igreja de S. Francisco—verdadeiro panteão nacional — perante o tumulo de Paulo da Gama, terá junto o nome deste aos dos navegadores que dali partiram á descoberta de novas terras—os irmãos Corte-Real, João Fernandes Lavrador, Pedro Velasco, Manuel Pacheco, Pedro de Barcelos, João Alvares Fagundes e Manuel Fernandes — honrando, por igual, a Pátria e a terra que lhes foi berço.

Ali terá também recordado as palavras altivas com que o corregedor Ciprião de Figueiredo, entendeu responder a Filipe II, quando este quis fazer-lhe mercê pelo serviço que dele esperava, as quais constituem modelo de fidelidade ao juramento prestado. Nelas se dizia: «um morrer bem é viver perpétuamente; daqui me vem ter mais conta com perseverar até ao fim da vida nesta lealdade que temer vossos apercebimentos de gente, navios e munições com que Vossa Majestade na sua carta me ameaça».

E o heróico defensor da Terceira concluia: «Nenhuma coisa me poderá mover a troco de vender honra e lealdade, que não tem preço, nem há nenhum que em tanto estime...».

Com tais nobres exemplos, não admira que a lealdade e o portuguesismo da gente da Terceira sejam uma constante da nossa História. Para que se mantenham deverá V. Ex.ª fazer tudo quanto possa concorrer para estreitar os laços de solidariedade que unem a população que vai governar á mais gente espalhada por todas as províncias do Império, ligando-a no mesmo pensamento de independência e de engrandecimento pátrio. E' que na pluralidade dos distritos e das províncias, na diversidade de raças e de climas, na desigualdade de condições económicas, de cultura e de aspirações, só uma realidade conta: Portugal, na imortalidade do seu destino como Nação livre e independente.

Senhor governador: A circunstancia da posse de V. Ex.ª se efectuar no ultimo dia do presente ano oferece-nos, por um lado, o ensejo, que gostosamente aproveitamos, de formular os melhores votos pela felicidade de V. Ex.ª e pelas prosperidades do seu distrito no ano que vai começar e, por outro, o de volver um olhar retrospectivo para os acontecimentos que no aspecto político ficaram a assinalar o ano de 1956.

No domínio interno, o primeiro desses acontecimentos, de importancia transcendente, foi a viagem presidencial a Moçambique, no decurso da qual, como já se havia verificado quando da visita a Angola, S. Tomé e Príncipe, Guiné e Cabo-Verde, se patenteou por forma expressiva o lealismo dos habitantes, profunda e inabalávelmente portuguesa. O entusiasmo delirante com que as populações aclamaram o Chefe do Estado constituiu afirmação viva da unidade nacional. E' esta a primeira lição a extrair da viagem presidencial. Mas houve ainda o ensejo de tomar conhecimento directo do progresso verificado nas ultimas décadas nas nossas magníficas terras do Ultramar.

Com tão admirável e inesquecível manifestação de lusitanismo e um mais perfeito conhecimento das possibilidades materiais que essas terras oferecem, aumentou sem duvida a fé em nós próprios, na nossa capacidade realizadora, e no destino que vamos, dia a dia, laboriosamente construindo.

Integrado nas comemorações do 30.º aniversário do 28 de Maio, acontecimento histórico memorável na medida em que restituiu ao País a visão clara de si próprio—das suas aspirações e ansiedades de ordem e de progresso; da sua aptidão para levar a cabo grandes tarefas de interesse colectivo; da sua fidelidade ás constantes históricas; no sentimento de grandeza e independência, fundado na consciência da imortalidade do seu destino—realizou-se o IV Congresso da União Nacional.

Nele, como tivemos ocasião de anotar, versaram-se os temas mais diversos: políticos, sociais, económicos e culturais. Examinaram-se problemas, apontaram-se soluções. E, se a nossa vida publica não comporta já formas alarmantes de desordem e de agitação, nem por isso escasseiam outros índices mais positivos e mais significativos do interesse do País pelas coisas publicas e da sua integração numa política construtiva.

O Congresso correspondeu plenamente á necessidade decriar uma consciência política, através do activo movimento de doutrinação.

Tanto na apresentação dos trabalhos, como nas sessões em que foram discutidos, houve a maior liberdade, tendo surgido divergências e críticas vindas de vários sectores. Mas, como disse o prof. Marcello Caetano, «o facto de terem aparecido no Congresso teses em que se manifestaram desgostos, impaciências, discordancias, azedumes e queixas», teve valor construtivo na medida em que favoreceu «um largo exame da vida publica em todos os seus aspectos, reflectidos através de diversas tendências, mentalidades e temperamentos». E esse valor não foi diminuido pela «especulação inevitável dos adversários do Estado Novo» que, para o efeito da sua propaganda, aproveitaram uma ou outra tese escolhidas entre aquelas que, traduzindo apenas o modo de ver dos seus autores, não foram homologados pelo Congresso.

Ainda dentro dos quadros da União Nacional surgiu a feliz iniciativa da criação do Centro de Estudos Políticos-Sociais, com excelente intenção de facultar a todos e designadamente aos novos a apresentação e debate dos problemas da época actual que possam interessar á nossa vida colectiva.

No mesmo espírito de formar uma nova mentalidade cívica e corporativa e completar a organização que ela pressupõe, foram enviadas á Assembleia Nacional duas importantes propostas, visando um vasto «plano de formação social e corporativa» e a instituição das Corporações. As duas propostas, depois de exaustivos e bem fundamentados pareceres da Camara Corporativa, foram largamente debatidas na Assembleia Nacional, vindo a ser convertidas nas leis n.º 2.085 e 2.086.

A exposição cultural relativa aos ultimos trinta anos deu-nos o balanço da actividade intelectual durante este período e constituiu desmentido eloquente daqueles que afirmavam ou insinuavam que atravessamos uma fase calamitosa para a vida do espírito. Ora, longe de assistirmos a um eclipse da inteligência portuguesa, esta afirma-se vigorosamente nos mais variados sectores.

Ainda no corrente ano acentuou-se o ritmo em que vem sendo executado o Plano de Fomento em curso, tanto na Metrópole como no Ultramar, e iniciaram-se os trabalhos preparatórios de um Novo Plano que deverá abranger o quinquénio de 1959 a 1964.

Também o importante sector da saude publica não foi descurado, antes, pelo contrário, continuou a merecer a atenção do Governo e das entidades responsáveis, especialmente quanto á luta antituberculosa em que ao aumento substancial da verba que lhe foi destinada correspondeu notável incremento dos serviços que lhe estão afectos.

Senhor governador: Dada a importancia dos Açores na defesa do Ocidente e os inestimáveis benefícios da paz, quando salvaguardada com honra, é legítima uma palavra respeitante aos perigos que a ameaçam e ás inquietações que pesam sobre a Humanidade nesta viragem do ano.

As questões levantadas no decurso de 1956 e que deram ao Mundo a noção de estar á beira da catástrofe não foram resolvidas.

No Médio Oriente e na Hungria, a paz e os valores morais que esta comporta estiveram em causa e não podemos dizer que fossem salvos graças ao esforço dos organismos responsáveis.

O problema levantado a propósito do canal de Suez criou um estado de afl va confusão que, apesar de tudo o que se tem feito, e sobretudo isto, subsiste e se traduz em prejuí s enormes para a economia mundial e em especial para a economia europeia, gravemente afectada pela paralisação do transito e pela insegurança da zona servida pelo Canal.

Desorganizou-se o sistema de abastecimentos da Europa em combustíveis líquidos com a sua consequente carestia e perturbou-se a normalidade de tráfego, ao mesmo tempo que se criou uma zona de agitação e de mal estar cujas repercussões muitos estão longe de avaliar.

As palavras com que Salazar nos advertiu e ao Mundo de que «a África é completamente natural da Europa, necessário á sua vida, á sua defesa, á sua subsistência», pelo que, «sem a África, a Russia pode desde já ditar ao Ocidente os termos em que lhe permite viver» não foram tomadas na devida consideração.

Os resultados são conhecidos.

Quando em Marrocos se risca das avenidas e praças o nome de Liautey ou no Cairo se destroi a dinamite a estátua de Lesseps, encerra-se uma época e proclama-se a ingratidão colectiva dos povos que assim renegam os benefícios do seu convívio com o Mundo Ocidental.

Na Hungria, assistiu-se ao trágico espectáculo da luta de um povo pela sua liberdade, ao levantamento em massa de uma nação que se recusa a abdicar da grandeza da sua tradição histórica e a aceitar a escravidão. Não pode resolver-se um problema desta natureza pela repressão brutal que se exerceu e que só terá contribuido para o agravar, provocando sentimentos de revindicta que jamais se apagarão.

Mostraram os factos que o drama da Hungria é o drama de todos os Estados satélites da Russia e que todos eles, sem excepção, anseiam por readquirir a sua liberdade de movimentos no plano político e no plano militar, reconquistando a autonomia a que têm incontestável direito.

Num e noutro incidentes, foi visível e palpável a presença da União Soviética, interessada em desenvolver a intriga contra a influência moral do Ocidente, isto tanto entre os Estados árabes, a que nos ligam tantas memórias históricas e com os quais mantemos boas relações, como na Europa Central.

Á palavra de ordem da Russia desencadearam os comunistas portugueses uma ofensiva dirigida contra as potências ocidentais, tomando como pretexto tanto o caso do Egipto, como o da Hungria. Aos morticínios de Budapeste e ás deportações em massa dos magiares, que horrorizaram os povos civilizados e provocaram grandes manifestações de solidariedade, muito deliberadamente se associaram os comunistas portugueses que não tiveram pejo de denegrir essas manifestações e de justificar a intervenção do exército soviético.

Perante a crise interna e externa por que passa a nossa civilização, o sr. presidente do Conselho com mais que justificado motivo anotou: «Direi francamente que tenho medo... do medo».

«Esta Europa que foi berço de nações e agente missionário da civilização que tão esforçadamente servimos e propagámos afigura-se cansada da sua mesma grandeza, em parte amolecida pelas coisas fáceis da vida. Penso que ela sente demasiado medo da pobreza e do sofrimento, que são afinal a vida. Ora ter medo da vida e ter medo de bater-se para defender a dignidade dessa mesma vida são a maior causa do nosso abatimento e Deus queira não sejam da nossa perdição, pois aqueles que se nos opõem, se mostram desprezo pela vida alheia, também estão decididos a jogar a sua». E daí conclui «que nenhuma superioridade moral ou intelectual demoverá ou fará recuar os bárbaros do nosso tempo —tão sábios e tão «técnicos» como nós próprios—e que, se quisermos sobreviver, teremos de estar resolvidos a lutar».

É bem esta a palavra de comando no limiar do ano que amanhã começa, válida no plano internacional para congregar os povos e chamá-los á realidade que é a necessidade da defesa comum, e válida, igualmente, na frente interna para, dentro de cada país, se realizar a unidade e a coesão que constituem as primeiras exigências da indispensável preparação moral que é por sua vez condição fundamental de vitória na batalha que está atravada em todo o Mundo.

O sr. eng. José Luís Abecasis falou, a seguir, para agradecer a prova de confiança com que fora distinguido. Reconhecia que lhe faltava experiência política, mas, como os principais problemas técnicos, económicos e sociais do distrito não lhe eram estranhos, e como tivera já oportunidade de apreciar as qualidades do bom povo do distrito e compreender as suas legítimas aspirações, a sua missão estava simplificada. Não ignorava, porém, as dificuldades do cargo; todavia confiado na benevolência e na valiosa orientação do sr. ministro do Interior, procuraria seguir uma linha de conduta baseada no bom senso, equidade e dedicação á causa publica.

Como acima dissemos, o acto teve concorrência desusada. Entre muitas outras altas individualidades, viam-se os srs. eng. Arantes e Oliveiro, ministro das Obras Publicas; dr. Melo e Castro, eng. Saraiva e Sousa e dr. Baltasar Rebelo de Sousa, respectivamente, subsecretários de Estado da Assistência, das Obras Publicas e da Educação Nacional; dr. Mário Madeira, governador civil de Lisboa; eng. Cancela de Abreu, presidente da comissão executiva da União Nacional; deputado Paulo Rodrigues, dr. Higino Borges de Menezes, eng. agronomo Teixeira de Sousa, presidente da Junta Geral do Funchal; coroneis Mário Cunha e Carlos do Carmo, respectivamente, comandante-geral e 1.º comandante de Lisboa, da P. S. P.; capitão Neves Graça, director da P. I. D. E., etc.

## Os prémios do S. N. I.

### para filmes nacionais

São entregues ainda esta tarde, no Palácio Foz, os prémios cinematográficos do Secretariado Nacional da Informação, para filmes nacionais exibidos durante o ano de 1955. Só foram atribuídos dois dos prémios: o «Prémio Paz dos Reis», ao filme de Armando da Silva Brandão, «A aldeia e as quatro estações»; e o «Prémio da melhor fotografia» para Abel Escoto, pelo seu trabalho em «Silhuetas da vida».

Na mesma cerimónia foram, também, distribuidos os prémios dos ultimos seis anos e que ainda não tinham sido entregues aos seus titulares.

## Almoço de confraternização

### do pessoal de «A Mundial»

Com a assistência de cerca de 400 pessoas, realizou-se no restaurante Castanheira mais um almoço de «A Mundial», a que presidiu o sr. dr. Eduardo Correia de Barros. Após ter sido lido o expediente, usou da palavra o sr. Santos Salgueiro, do Grupo Desportivo de «A Mundial». Por fim, o sr. dr. Eduardo Correia de Barros discursou, pondo em relevo o significado da reunião, fazendo o balanço do que a Companhia fez durante este ano e manifestando a sua confiança na continuidade e êxitos de «A Mundial».

### AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima*, 13°,8; *mínima*, 6°,9. No mesmo dia do ano passado: *máxima*, 12°,8; *mínima*, 7°,7.

—Temperaturas observadas hoje, ás 9 horas, no Estoril: na atmosfera, 10°,1; na água do mar, 14°.

## Convocatória

Nos termos do Art.º 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 10 do próximo mês de Janeiro, quinta-feira, ás 21 horas, para os seguintes fins:

*a)* Discussão e aprovação do Relatório e Contas;

*b)* Eleição dos novos Corpos Gerentes.

Se por falta de numero, a Assembleia Geral não puder funcionar, realizar-se-á uma hora depois com qualquer numero de sócios, nos termos do § 3.º do Art.º 24.º dos Estatutos.

Lisboa, 26 de Dezembro de 1956.

O Presidente da Assembleia Geral

—*Dr. Domingos Ferreira Deusdado.*

ESTABELECIMENTOS SIDA, L.DA

Prevenimos todos os nossos estimados clientes, que por efeito de Balanço, estarão encerrados no próximo dia 2, todos os n/ serviços.

RESTAURANTE
CHAVE D'OURO
DIA 1 DE JANEIRO
JANTAR-ESPECIAL
COM
CONCERTO
*
MARCAM-SE AS MESAS
RESTANTES

DIRECTAMENTE DE MADRID PARA COLABORAR NO «SHOW» DO «RÉVEILLON» DO HOTEL EMBAIXADOR,
ODYR ODILLON

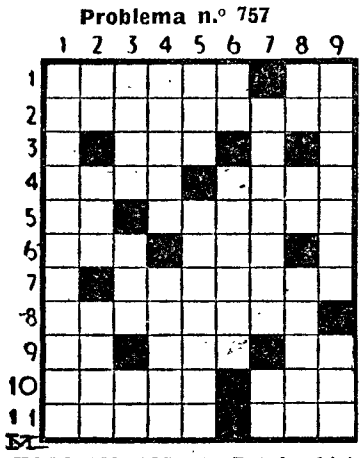
RIBATEJANO
(Reconhecido oficialmente de utilidade turistica)
Salvaterra de Magos — Telef. 14
«REVEILLON»
Antes que seja tarde reserve as poucas mesas que ainda restam para a noite de S. Silvestre no ambiente mais castiço de Portugal.
DIA DE ANO NOVO
Almoço regional com todas as atracções da noite de S. Silvestre.
INFORMAÇÕES E RESERVA DE MESAS EM LISBOA
TELEFONE 770320
Reservado o direito de admissão
AS NOSSAS SALAS TÊM AQUECIMENTO

# DIARIO DE LISBOA

## PALAVRAS CRUZADAS

*(COM PROVÉRBIO)*

**Problema n.º 757**



*HORIZONTAIS: 1—Rei lendário de Alba, pai de Amúlio e de Numitor. Medida inglesa de 12 polegadas (30,5 cm.). 2—Ides de encontro. 3—Olé! 4—Alguém que. Pendeu. 5—Certo. Lembra. 6—Seguiam. Estime. 7—Avalie. 8—Cidade do distrito de Santarém, junto da qual se travaram batalhas contra Massena. 9— Avista. Parte. Nota de musica. 10—Enfraqueci. Recusa. 11—Simples. Uma das ilhas Cíclades.*

*VERTICAIS: 1—Procuravam. 2—Reis. Determinado. Criancinha. 3—Instrumento musical de sopro. Título dos bispos maronitas. Aspecto. 4—Tranquilo. Cargo de ministro de Estado. 5—Lavra. Consanguíneos. 6—Senhor. Pratiquei. 7—Surge. Símbolo químico do níquel. 8—Nome de letra grega. Frequentar. Religião dos Muçulmanos. 9—E' olvidado. Preposição e artigo (pl.).*

**Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

**Solução do problema n.º 756**

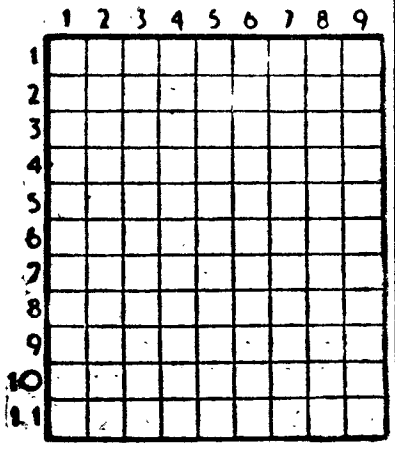
*HORIZONTAIS: 1—Etc. Prove. 2—Natas. Ai. 3—Por. Ara. 4—Eram. Soa. 5—Sé. Age. De. 6—Tremias. 7—Imo. Ops. 8—QUEM. Rela. 9—Ui. Aden. 10—Ética. Tua. 11—Ame. TEM.*

*VERTICAIS: 1—Despique. 2—Tn. Ré. Muita. 3—CAPA. Toe. Im. 4—Tomar. Mace. 5—Par. Geo. Dá. 6—Rs. SEMPRE. 7—Ao. Isente. 8—Varada. Um. 9—Eia. ESCAPA.*

*(Provérbio: QUEM TEM CAPA SEMPRE ESCAPA).*

**NOVA MODALIDADE**

**Problema n.º 1766**



HORIZONTAIS: 1 — Ervas dos prados. 2 — De ouro. 3 — Vê. Sapo do Amazonas. Pronome pessoal. 4 — Doutores. Ente. 5 — Lago salgado do Turquestão, Direcção. 6 — O mais. A mim. 7 — Pertences. Nome de uma letra. Nociva. 8 — Ancora. 9 — Tunda. Vaso do feitio da anfora mas mais pequeno. 10 — A Irlanda. Normas. 11 — Saudável. Patroa. Preposição e artigo.

VERTICAIS: 1 — Incandescência do ferro. Seres. 2 — Vagabundeias. Prega. 3 — Nota musical. Chiste. Empunhei. 4 — Artéria. Sacode. 5 — Apre! Procedi. 6 — Ar. Além. 7 — Existe. Preposição. Decametro quadrado. 8 — Receiam. Rema para trás. 9 — Vila e concelho do distrito de Coimbra. Eventualidade.

**Solução do problema n.º 1765**

HORIZONTAIS: 1 — Boga. Jade. 2 — A's. Aro. 3 — Preço. 4 — Ala. Gr. 5 — Oram. Ora. 6 — Reparação. 7 — Ata. Naus. 8 — Vã. Sud. 9 — Manar. 10 — Bólides. 11 — Cara. Arca.

VERTICAIS: 1 — Bau. Orava. 2 — Os. Creta. Bá. 3 — Apa. Mór. 4 — Atrama. Sala. 5 — El. Uni. 6 — Jaça. Andada. 7 — Aro. Oca. Res. 8 — Dó. Graus. Sc. 9 — Grãos.

## O TEMPO QUE FAZ

*Informação do Serviço Meteorologico Nacional:*

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento é moderado de Noroeste e o céu está pouco nublado por acção de uma massa de ar marítimo instável, transportada na circulação de uma depressão centrada perto da Escócia.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS NOVE HORAS: Bragança e Penhas Douradas, 1°; Porto, 5°; Lisboa, 8°; Faro, 10°; Ponta Delgada, 9° e Funchal, 14°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado encobrindo-se para o fim da tarde de amanhã. Vento moderado de Noroeste. Aguaceiros diminuindo progressivamente de frequência e intensidade. Temperatura sem alteração apreciável.

## HÁ TRINTA ANOS

«A primeira impressão de Lisboa ante Celia Gamez, que ontem fez a sua estreia no Trindade, foi de estranheza, como em Madrid. Aqueles tangos, limpidos e serenos, não correspondiam aos de importação, chorados e soluçados pelos que cantam tristezas de terras por onde nunca passaram. Esta impressão é tão errada como a que podem receber os povos que, conhecendo o nosso «fado» através de estrangeiros que o bailam, ouçam pela primeira vez uma autentica cultora da canção nacional»—escrevia Artur Portela no «Diário de Lisboa» de 31 de Dezembro de 1926.

Leiam o jornal humorístico
«SEMPRE FIXE»

## PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Conjuntos vocais; 21, Noticiário; 0, Noticiário e Fecho.

*Programa «A»* — Às 19, Crónica tauromáquica; 19 e 10, Musica ligeira espanhola; 19 e 30, Alegria no Trabalho; 20, Jornal Sonoro; 20 e 15, Orquestras ligeiras; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Noticiário; 21 e 15, Solos de instrumentos; 21 e 30, «O Grande Cagliostro»; 21 e 45, Ouvindo as Estrelas; 22 e 45; Quadros da História de Portugal; 23 e 15, Danças.

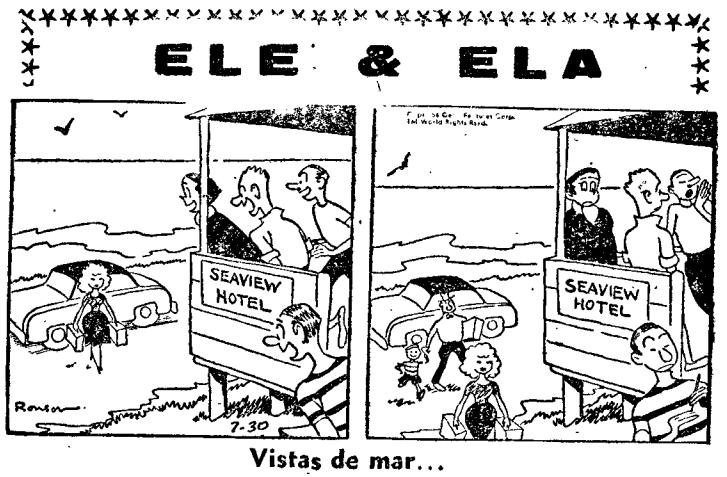
*Programa «B»* — Às 19, Segun violoncelista Hermann von Bechewetzingen de 1956; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Recital pelo violoncelista Hermann vin Becherath; 20 e 30, Trechos de óperas; 21 e 15, Musica sinfónica; 21 e 50, Quinzenário musical; 22 e 30, Crónica semanal; 22 e 40, «Seis Canções»; 22 e 55, «Noite Transfigurada», de Schonberg; 23 e 25, Musica infónica.

RADIO CLUBE—Ás 18, Fados e guitarradas; 18 e 30, Cançonetas; 19, Programa Anita Patrício; 19 e 30, Jornal; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Musica portuguesa; 20 e 45, Variedades; 21, Festa Brava; 21 e 15, Orquestra de Stalney Black; 21 e 30, Cultura para todos; 22, Novos discos; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 15, Solistas; 23 e 30, Festa do Natal; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Canta Guy Mitchell; 0, Musica de dança; 0 e 45: Rádio Jornal; 0e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RADIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; 19 e 30, ás 22, Club Radiofónico de Portugal; 22 á 1, Voz de Lisboa.

## ELE & ELA




**Vistas de mar...**

## FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO B—União Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro 98-A e Rua Dr. António Granjo, 18 e 18-A (a Palhavã). Telefone 764629 Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Patuleia Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B, Tel. 777170; S. João de Deus — Rua n.º 52, 1-A e 1-B — Telef 725140—Bairro S João de Deus; Algarve—Av. de Roma, 7-B, Tel 777478, Marbel — Avenida de Roma, Lote 2, J. A. A. — Telefone 776235; Miranda — Campo Pequeno 36-B-C Tel. 770776; Cruz Nunes — Praça Duque de Saldanha, 14, Tel. 41845, S Sebastião (De) — Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9, Tel 48642; Jaime José da Costa — Rua Conde de Redondo, 58-72, Tel. 54342 Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel 399216 Marvila (De) — Rua Direita de Marvila 25, Tel. 391612, Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B-C, Tel. 720703; Nova Luz — Rua D. Domingos Jardo, á Av D Afonso III, 28-A, Tel. 843439, Martins, Lda. — Rua Fernão de Magalhães 83, Tel. 849448; Arnali — Rua das Escolas Gerais, 88-A, Tel. 23940, Morão — Largo da Graça, 63, Tel 848700 Simões — Rua Padre Sena Freitas, 10-A Tel 842518; Oriental de Lisboa — Rua de Arroios, 215, Tel. 45079; Colonial — Caminho do Forno do Tijolo, 40, Tel. 841122; Intendente (Do) — Largo do Intendente Pina Manique, 50, Telefone 47838; Central de Campolide — Rua General Taborda, 17, Tel 40304; Soares — Avenida Pedro Alvares Cabral, 1, Tel 664282; Lobel — Rua de Infantaria 16, 98-B, Tel 663807; Paivas & Parente — Rua de Santo António, á Estrela, 96-98, Tel 665196; Martins — Calçada da Estrela, 167, Tel 660823; Bom Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 811454; J. A Silva — Rua dos Duarteis, 25-27, Tel 637777; Lisbonense — Rua do 1.º de Maio, 10, Tel 637020; Fontoura de Carvalho — R de Santos-o-Velho, 12, Tel 662075; Central — Rua de S Paulo, 108, Tel. 20389; Vieira — Rua dos Poiais de S Bento, 73, Tel 663573; Labor — Rua do Diário de Noticias, 81, Tel. 23428; Estácio — P D Pedro IV (Rossio), 60-63, Tel. 27067.

## CARTAZ DO DIA

### TEATROS

NACIONAL—As 21 e 45—«Pleito de familia».
AVENIDA—As 21,45 — «O drama que ele não escreveu».
TRINDADE—A's 21,45—«Fogo de vista».
MONUMENTAL — As 21 e 45 — «A 8. mulher do milionário».
VARIEDADES — A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Não faças ondas».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Rebolição».
ABC — A's 20 e 45 e ás 22 e 45 — «Daqui fala o Zé!».
APOLO—As 21 e 45—«Moral em concordata».
COLISEU—As 21 e 30 — 4.ª Companhia de circo.

### CINEMAS

TIVOLI—«O medo de amar».
SÃO LUIZ—«A filha do embaixador».
EDEN — «Juventude de uma rainha».
SÃO JORGE—«O rei vagabundo».
POLITEAMA—«Homens sem medo».
MONUMENTAL — «Lisboa».
CONDES—«Gilda»
IMPÉRIO—«Trapézio».
ALVALADE—«A filha do embaixador».
CAPITOLIO—«Homem até ao fim».
ODEON—«Magia do Oriente».
TERRASSE — «A mais bela do Mundo».
IDEAL — «A grande noite de Casanova».
OLIMPIA — «A sombra do justiceiro».
AVIS—«Nunca digas adeus».
JARDIM — «Furia na selva».
PROMOTORA — «Wichita».
RESTELO—«O homem que sabia demais»

## ENCICLOPÉDIA

*Dinguisuaio, herói banto do século XIX, filho do chefe dos Tétuas, tribo do Natal, fugiu ao pai, depois de uma disputa violenta, indo parar á Cidade do Cabo, que os ingleses tinham ocupado pouco antes. Impressionou-se fortemente com a organização militar que ali viu e, mais tarde, ao voltar á sua tribo com dois cavalos, animais ali desconhecidos, deslumbrou os conterraneos a ponto de o nomearem seu chefe. Organizou então um exército á semelhança do que vira no Cabo e, com Chaca, filho do chefe dos Zulos e também fugido ao pai, dedicou-se a expedições guerreiras, submetendo as tribos vizinhas pelo terror e incorporando ao seu Exército os mancebos prisioneiros. Dinguisuaio acabou por ser assassinado, depois de ter posto em pé de guerra o Natal, Zuluandia e o Sueste do Transval.*

# BOLSA DE LISBOA

| Fundos do Estado | Efect | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| Cons. 2 3/4 T. 10... ... | 913$00 | 912$00 | 914$00 |
| Cons. 3 % T. 10 ... ... | 964$00 | 963$00 | 964$00 |
| Cons. 3 1/2 % T. 10 ... | 1.016$00 | 1.015$00 | 1.017$00 |
| Centenários 4 % 1940 | 2.320$00 | 2.318$00 | 2.325$00 |
| Obg. Tes. 2 1/2 % 1942 | — | 980$00 | — |
| Obg. Tes. 2 1/2 % 1943 | — | 980$00 | — |
| Obg. Tes. 2 1/2 % 1944 | — | 980$00 | 983$00 |
| Externo 1.ª série ... ... | — | 1.210$00 | 1.220$00 |
| Ext.' 1.ª série car. ... | — | 1.210$00 | 1.220$00 |
| Externo 2.ª série ..... | — | — | — |
| Ext.' 2.ª série car. ..... | — | — | 1.220$00 |
| Externo 3.ª série ..... | — | — | 1.395$00 |
| Ext.' 3.ª série car. ..... | — | — | — |
| Caut. 3.ª série s/juro | — | 172$00 | 174$00 |
| **Obrigações** | | | |
| Aguas Lisboa 5 % ... | — | — | — |
| Norte de Portugal 5% | — | 109$00 | 109$50 |
| Gás Elect. 3 3/4 %... | 955$00 | — | 955$00 |
| Gás Elect. 4 % ... ... | 975$00 | 975$00 | 977$00 |
| Gás Elect. 4 1/2 % ... | 1.005$00 | 1.004$00 | 1.006$00 |
| Gás Elect. 5 % ... ... | — | 1.025$00 | — |
| U. E. P. 3 3/4 % ... ... | — | — | 95$50 |
| U. E. P. 4 % 1945 ... | 96$00 | 95$00 | — |
| U. E. P. 4 % 1948 ... | 96$00 | 95$00 | 97$00 |
| U. E. P. 4 1/2 % ... | — | 98$00 | — |
| U. E. P. 5 % 1951 ... | — | 101$50 | — |
| U. E. P. 5 % 1952 ... | — | 101$50 | — |
| Metropolitano ... ... ... | — | 1.020$00 | — |
| **Acções** | | | |
| Bancos | | | |
| Alentejo... ... ... ... ... | — | 450$00 | 500$00 |
| Angola ... ... ... ... ... | — | 885$00 | 920$00 |
| Espirito Santo... ... ... | 8.750$00 | 8.750$00 | 8.800$00 |
| Lisboa & Açores ... ... | — | 3.750$00 | 3.850$00 |
| Portugal ... ... ... ... | — | — | 2.310$00 |
| Ultramarino ... ... ... | 1.975$00 | 1.975$00 | 1.980$00 |
| Seguros | | | |
| Fidelidade ... ... ... .. | — | — | — |
| Mundial... ... ... ... .. | — | 655$00 | 675$00 |
| Nacional... ... ... ... ... | — | — | — |
| Tagres ... ... ... ... ... | — | — | 2.200$00 |
| Tagus... ... ... ... ... ... | — | — | 4.500$00 |
| Soberana ... ... ... ... | — | — | — |
| C.ªs Ultramarinas | | | |
| Ag. Cassequel ... ... ... | — | — | — |
| Ag. das Neves ... ... ... | — | 910$00 | — |

| C.ªs Ultramarinas | Efect. | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| Agric. Colonial... ... ... | — | 690$00 | 705$00 |
| Açucar de Angola ... | — | — | 2.900$00 |
| Boror ... ... ... ... ... | — | 491$00 | 505$00 |
| Cabinda... ... ... ... ... | — | 400$00 | — |
| Cáda... ... ... ... ... ... | 4.405$00 | 4.400$00 | 4.410$00 |
| Colonial do Buzi ... ... | 343$50 | 343$00 | 344$00 |
| Ilha do Principe ... ... | — | 2.250$00 | 2.300$00 |
| Incomati ... ... ... ... | — | 3.600$00 | — |
| Moçambique ... ... ... | 162$00 | 161$00 | 162$00 |
| Zambézia ... ... ... ... | 207$50 | 206$50 | 208$00 |
| **C.ªs Diversas** | | | |
| Cimentos Tejo... ... ... | — | 540$00 | 560$00 |
| Cimentos Leiria ... ... | — | 481$00 | 485$00 |
| Crédito Predial .. ... ... | 55$30 | 55$30 | 55$70 |
| Industrial Aliança ... | — | 300$00 | 320$00 |
| Portugal e Colónias ... | 405$00 | 405$00 | 406$00 |
| Nacional Navegação .. | — | 1.820$00 | 1.830$00 |
| Colonial Navegação ... | 915$00 | 910$00 | 919$00 |
| Port. de Celulose ..... | 2.500$00 | 2.490$00 | 2.520$00 |
| Portuguesa de Pesca. | — | 1.600$00 | — |
| Port. de Tabacos ... ... | 493$00 | 492$00 | 493$00 |
| Tabacos de Portugal. | 635$00 | 630$00 | 640$00 |
| Aguas, Electricidade e Gás | | | |
| Aguas Lisboa 1934 ... | — | — | 228$00 |
| Aguas Lisboa 1936 ... | — | — | — |
| Electr. das Beiras.. ... | — | 1.470$00 | 1.475$00 |
| Gás e Electricidade ... | 303$50 | 303$00 | 303$50 |
| H Alto Alentejo ... ... | 154$00 | 154$00 | 154$50 |
| H E. Cávado ... ... ... | 1.538$00 | 1.537$00 | 1.540$00 |
| H E. Zêzere ... ... ... | 1.490$00 | 1.485$00 | 1.495$00 |
| Nac. de Electricidade | — | — | 1.610$00 |
| União Elect. Port. ... | — | 225$00 | 230$00 |

**Cotações de notas e moedas estrangeiras**

| PAISES | Compra | Venda |
|---|---|---|
| Africa do Sul ... ... ... | 76$50 | 77$50 |
| Alemanha ... ... ... ... | 6$70 | 6$85 |
| América: | | |
| Dólares de 1 e 2 ... | 28$30 | 28$60 |
| Dólares de 50 a 1000 ... | 28$60 | 28$90 |
| Argentina ... ... ... ... | $75,5 | $79.5 |
| Bélgica ... ... ... ... ... | $55,8 | $56.8 |
| Brasil ... ... ... ... ... | $42 | $43.5 |
| Congo Belga ... ... ... | $55 | $56 |
| Dinamarca... ... ... ... | 3$65 | 3$95 |
| Espanha... ... ... ... ... | $56,3 | $57.8 |
| França... ... ... ... ... | $06,9 | $07,1 |
| Holanda... ... ... ... ... | 7$30 | 7$55 |
| Inglaterra ... ... ... ... | 75$00 | 76$50 |
| Itália... ... ... ... ... | $04,4 | $04,6 |
| Marrocos ... ... ... ... | $06.5 | $06.9 |
| Noruega... ... ... ... ... | 3$65 | 3$90 |
| Suécia ... ... ... ... ... | 5$15 | 5$45 |
| Suiça ... ... ... ... ... | 6$66 | 6$76 |
| Uruguay... ... ... ... ... | 6$50 | 7$20 |
| *Ouro:* | | |
| Inglaterra (Libra) ... | 305$00 | 315$00 |
| Portugal — Barra ..... | 32$90 | 33$40 |
| Portugal — Barra Fino | 33$30 | 33$70 |

**PINTO de MAGALHÃES, LDA.**

BANQUEIROS

Capital e reservas: 38.800.000$00

Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e Cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

LISBOA: Rua do Ouro, n.º 95/99 — Tel. 80777/79
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53 — Tel. 20134/36
PENICHE — FATIMA — AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ

**J. BURNAY, LDA.**

RUA DO OURO, 72

Bancos de crédito
Notas estrangeiras
TELEF. 21273

# E' considerada catastrófica a situação económica na Hungria

PARIS, 31—«A situação económica da Hungria é catastrófica»—declarou esta manhã, um comentador da Emissora de Budapeste e acrescentou: «A energia eléctrica falta em todas as empresas e as minas, porque a mão-de-obra é escassa, apenas fornecem 25% do carvão de que a industria nacional precisa. A esta situação, devemos acrescentar os danos causados por George e Rakosi, que gastaram centenas de milhões de «forints» com uma burocracia inutil.

«As faltas praticadas no passado, as greves que duraram mais de dois meses arruinaram a nossa economia e condenaram muitas centenas de milhares de trabalhadores hungaros ao desemprego. A Hungria atravessa um dos períodos mais graves da sua História. Os próximos meses não se anunciam favoráveis». — (France Presse).

### Os refugiados

VIENA, 31 — A Polícia informou que atravessaram a fronteira nas 12 horas que terminaram ás nove da manhã, 601 refugiados hungaros.

Este numero representa um aumento na vaga dos refugiados, após uma pausa devida, parcialmente, aos feriados do Natal.—(R.).

## Os Estados Unidos e o Médio Oriente

# As primeiras reacções do Congresso mostram certa surpresa perante os anunciados propósitos do Presidente

(Continuação da 1.ª pág.)

que conferenciou com Henry Cabot Lodge, delegado permanente dos Estados Unidos á O. N. U., terá longas conversações com o secretário-geral das Nações Unidas, com o fim essencial de garantir ao «Sr. H.» que a decisão do presidente Eisenhower, de cobrir os países do Próximo Oriente com a «sombrinha protectora» da potência militar dos Estados Unidos, contra uma agressão eventual, não deve ser interpretada como empenho da América em levantar obstáculo aos esforços das Nações Unidas para conseguir uma solução do problema do canal de Suez e um acordo pacífico entre Israel e os Estados árabes.

### O prestígio de Eisenhower vencerá a resistência do Congresso

Todos os jornais concordam em ver na decisão do presidente Eisenhower de pedir ao Congresso «carta branca» para utilizar, se for necessário, as forças americanas na defesa da paz no Médio Oriente, um gesto de projecção tão histórica como a decisão tomada, em 1947, pelo presidente Truman, o qual, a pedido da Grã-Bretanha, resolveu garantir a manutenção das tropas, em nome do Ocidente, na Grécia e na Turquia.

Os chefes das missões diplomáticas americanas em Londres, em Paris e nas outras capitais dos países da N. A. T. O. receberam instruções para expor aos Governos desses países as finalidades de «nova política americana».

Com efeito, os Estados Unidos mantiveram, até agora, a tendência para considerar exageradas as apreensões manifestadas, nomeadamente em Londres e Paris, quanto ao perigo de uma intervenção soviética no Médio Oriente.

Pensa-se agora, tanto no Departamento de Estado como na Casa Branca, que chegou a altura de Washington avisar claramente os dirigentes soviéticos de que praticariam um erro profundo, se vissem na atitude dos Estados Unidos uma espécie de política de neutralidade benévola para com todas as partes interessadas no Médio Oriente, e se fossem, consequentemente, tentados a preencher, em seu proveito, o vazio assim criado.

A intenção do presidente Eisenhower, pelo menos de momento, não é concluir nova série de pactos — ou participar no Pacto de Bagdad — mas simplesmente declarar, alto e bom som, com a aprovação do Congresso, que os Estados Unidos estão determinados a impedir que o Médio Oriente caia sob uma dominação hostil.

Foster Dulles afirmará hoje ao secretário-geral da O. N. U. que esta política entra no espírito do art.º 51.º da «Carta», sobre o «direito natural de legítima defesa; individual ou colectiva».

As reacções do Congresso continuam a manifestar-se, mas o chefe da Casa Branca conta com o seu grande prestígio popular para conseguir a aprovação da sua nova política em Janeiro próximo.

Por outro lado, no plano económico, a impressão que domina, em Washington, é que a Russia, com as suas próprias dificuldades económicas e os problemas que pretende resolver nos países satélites, está em situação de inferioridade na luta que os Estados Unidos estão dispostos a estabelecer, em prol do melhoramento do nível de vida no Médio Oriente.—(France Presse e Reuter).

### Haverá forte reacção no Congresso e nalguns meios internacionais

*NOVA YORK, 31.—Um telegrama de Washington para o «New York Times» diz que o pedido de poderes especiais para o presidente, no plano da política sobre o Médio Oriente, parece desemcadear «tempestuosa reacção congressista e internacional».*

*A mensagem enviada pelo correspondente do jornal, Dana Adams Schmidt, diz que as reacções entre os senadores republicanos foram cautelosas, ao mesmo tempo que os democráticos «tinham criticado abertamente».*

*Acrescentou: «Os diplomatas árabes indicaram que consideravam o plano desnecessário e uma forma de interferência nos seus assuntos. Os Britanicos e os Franceses, embora favorecendo o plano, trataram-no sarcasticamente, como justificação retardada da sua própria posição».*

*«Contudo — diz o correspondente —, há, em toda a parte, a profunda convicção de que se o presidente fizer um forte apelo ao Congresso este lhe concederá poderes para empregar medidas políticas, económicas e, se necessário for, militares para se opor a qualquer agressão soviética no Médio Oriente».—(Reuter).*

## Alpinistas em perigo

CHAMONIX, 31 — Partiu nova caravana de seis alpinistas suíços e dois franceses, a fim de tentar salvar Vincendon e Henry, em perigo num glaciário do Monte Branco.

A caravana dirigida por Lionel Terray, que partiu ontem, foi avistada esta manhã, progredindo no glaciário de Bossons. — (F. P.).

# Declarações de Chu En Lai sobre as relações sino-soviéticas

NOVA YORK, 31. — O primeiro-ministro da China Popular, Chu nia, deu uma entrevista ao correspondente da estação de T. V. americana, Columbia Broadcasting System.

Voltou a afirmar que as Nações Unidas não podem «desempenhar o seu papel na solução das questões internacionais, principalmente na Asia, com a ausência dos representantes de 600 milhões de Chineses».

Depois de afirmar que as relações entre a União Sovitica e a China são as de «dois países fraternos», declarou que essa solidariedade «não poderá ser desfeita por qualquer rompimento ou intriga. A igualdade e a amizade da China e da U. R. S. S. assentam nos «cinco princípios» aprovados, em Junho de 1954, pela India e a China e, mais tarde, aceitas pela Birmania».

Interrogado sobre se queria dizer que não via possibilidade de um conflito de interesses nacionais e a União Soviética, Chu En Lai respondeu:—«Como afirmei, o nosso sistema exclui desejos agressivos. Por consequência, entre a China e a União Soviética não pode haver conflitos de interesses».

Chu En Lai declarou-se «convencido de que os povos chinês e americano conseguirão estabelecer relações de amizade» — (F. P. e R.).

## Greve nos transportes em Argel

ARGEL, 31 — O pessoal muçulmano dos «eléctricos» declarou-se em greve, como protesto contra os actos de violência cometidos durante o funeral do presidente Froger.

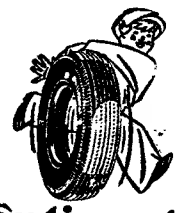
Tomaram-se as disposições precisas para garantir um tráfego satisfatório e os veículos em circulação são conduzidos por Europeus.

Ficaram feridos 30 Muçulmanos, um dos quais gravemente, pela explosão de uma granada, á saida de um cinema, em Constantina. — (F. P. e R.).

# Ultimas notícias

(Ler na 14.ª página)


ELEGANTE!... DISTINTO!... SELECTO!...
EIS O QUE SERÁ O
REVEILLON
NOS SALÕES CONFORTÁVEIS DA
UM FIM DO ANO QUE SERÁ LEMBRADO DURANTE MUITO TEMPO!
SÁBIA BOITE DE LUXO
UMA NOITE QUE FICARÁ MEMORÁVEL EM TODA A LISBOA!
CALÇADA DA GLÓRIA.
(á esquina da Av. da Liberdade)
BAILE ATÉ ALTAS HORAS | UM BRILHANTE ELENCO DE MUSIC-HALL | CEIAS COM ementa especial
DUAS ATRACÇÕES EM EXITO TOTAL:
JENNY e BELGUERRA | TRIO ODMIRA
EM CONSTANTE ACTUAÇÃO
Ferrer Trindade e sua Orquestra com o vocalista RICARDO LUÍS
TODOS OS DIAS:
ALMOÇOS E JANTARES Óptimo serviço de cozinha EMENTAS VARIADAS
Amanhã DAS 17.30 ÁS 20 H. Grandioso Chá Dançante
COM TODO O ELENCO DESTA «BOITE»
ATENÇÃO: A partir das 23 horas, a Rádio «Voz de Lisboa» transmitirá uma reportagem sobre o maravilhoso «REVELLON» da «SÁBIA». Locutor: João Carlos Quintela.
(PARA ADULTOS)

CHEGOU NOVA REMESSA DE PNEUS

Continental
Peçam no seu fornecedor ou á
SIMEL
Telef. 51448
R. Rodrigo da Fonseca, 103
LISBOA
Desejamos a todos os nossos Clientes e Amigos Boas Festas e um Novo Ano Feliz.

CASINO ESTORIL
HOJE — A VELADA DO ANO NOVO
NOITE DE S. SILVESTRE
com as atracções internacionais
JEANNE DARBIS e KEN and ANNA ALEXIS
BAILE COTILLON
Conjuntos musicais HELDER REIS E OLIVER
ORQUESTRA COPACABANA
Trajo de noite (Adultos)
AMANHÃ — DIA DE ANO NOVO
CHÁ-DANÇANTE com todas as atracções internacionais
JANTAR DO ANO BOM com ementa especial

Salão de Chá - Boite de Nuit
edifício do Chave d'Ouro, R. 1.º de Dezembro, 3.º andar (elevador)
REVEILLON!
(Exclusivamente para quem tiver a sua mesa reservada)
COM CERTEZA UMA NOITE INESQUECIVEL
COM O CONJUNTO DE
JORGE BRANDÃO
animado por JIMMY e a colaboração de
FERNANDO D'ALBUQUERQUE
HERMANAS RODRIGUEZ
uma atracção de 1.ª categoria
Uma grande surpresa no meio da noite
RIGOROSA SELECÇÃO
direcção de FERNANDO D'ALBUQUERQUE
(Maiores de 18 anos)

ESTRELA BAR
Café - Restaurante
Rua Tomaz da Anunciação, 9-B
Telef. 661286
HOJE
Grande ceia de ANO NOVO

Smarta
PASTELARIA-RESTAURANTE
NOITE DE S. SILVESTRE
Encontra-se aberta até ás 3,30 h. com todo o seu habitual bom serviço de PASTELARIA — CHÁS — CEIAS
ANO NOVO
Jantar tradicional

...SÓ QUERO... ...VINHOS

MESSIAS
POR SEREM BONS

Pico Dourado
HOJE ESTREIA
MARIA JOSÉ
Cançonetista da Rádio Espanhola
HERMANOS RABAY
Bailados Espanhois
REVEILLON
(ADULTOS)

AO VIRAR A FOLHA DO CALENDÁRIO...

# Um ano de acontecimentos da vida nacional

A visita do presidente Kubitschek de Oliveira, que se vê na gravura ao lado do Chefe do Estado português, não foi simples acto de cortesia, mas imperativo das relações fraternais que ligam Brasil e Portugal

*Publicamos a seguir uma breve resenha da vida portuguesa durante o ano que hoje finda, através da qual se poderão avaliar a nossa actividade política e diplomática, a projecção de Portugal no estrangeiro, a nossa intervenção nas questões científicas, económicas e militares, o desenvolvimento do plano de fomento e outros aspectos da vida portuguesa.*

## Actividade política

O chefe do Governo pronunciou, durante o ano, três discursos: na posse dos novos dirigentes da União Nacional, no Congresso desta organização política e no 20.º aniversário da Legião Portuguesa. ✱ O ministro da Presidência discursou sobre o panorama geral da política e da administração, na abertura do Centro de Estudos Político-Sociais da União Nacional. ✱ Foi nomeado subsecretário de Estado do Exército o coronel Almeida Fernandes, em substituição do tenente-coronel Sá Viana Rebelo, que foi nomeado governador geral de Angola. ✱ O comandante Correia de Barros foi nomeado governador de Macau, em substituição do almirante Joaquim Esparteiro. ✱ O subsecretário de Estado da Educação visitou os Açores. ✱ O ministro das Corporações anunciou a instituição das Corporações e o Plano de Formação Social e Corporativa. ✱ Realizaram-se os Congressos da União Nacional e da Mocidade Portuguesa. ✱ As comemorações da data de 5 de Outubro assumiram este ano, particular significado, com a realização de muitos actos cívicos em todo o país. ✱ Comemorou-se também o 23.º aniversário do Estatuto Nacional do Trabalho. ✱ O Governo anunciou o termo da Campanha Nacional de Educação de Adultos e publicou um certo numero de medidas de combate permanente ao analfabetismo. ✱ Foi nomeado secretário nacional de Informação o dr. Eduardo Brazão. ✱ O capitão Neves Graça assumiu a direcção da P. I. D. E. em substituição do capitão Agostinho Lourenço, atingido pelo limite de idade.

## Viagens presidenciais

Durante o ano, o Chefe do Estado efectuou a sua anunciada viagem a Moçambique e visitou várias cidades do continente. ✱ Assim, partiu por via aérea, acompanhado pelo ministro do Ultramar, no dia 2 de Agosto e regressou em 9 de Setembro, depois de ter visitado Moçambique e S. Tomé, alguns trabalhos em curso em Angola e de ter sido hóspede dos Governos da Rodésia do Sul e da União da Africa do Sul. ✱ No continente, o sr general Craveiro Lopes visitou o Porto e Braga, por ocasião das comemorações do 28 de Maio; Santarém e as barragens em construção no Norte do país. ✱ O sr. Presidente da Republica deslocou-se á região de Avis, onde assistiu á fase final das manobras militares.

## Portugal e a crise do Suez

O ultimo navio português que atravessou o canal de Suez, pouco antes de deflagrarem as hostilidades, foi o petroleiro «Alvelos», em viagem para o Golfo Pérsico. ✱ Portugal absteve-se na votação da moção de censura á Inglaterra e á França, na assembleia extraordinária da O. N. U. ✱ O ministro dos Negócios Estrangeiros deslocou-se a Londres para representar o país na conferência dos Utentes do Canal. ✱ Como consequência da extensão da rota dos petroleiros pelo Cabo, os combustíveis líquidos subiram de preço, foi proibido o abastecimento de gasolina aos domingos e estão suspensas as viagens em automóvel ao estrangeiro.

## O caso da India

O pleito entre Portugal e a União Indiana, apresentado pelo nosso País ao Tribunal Internacional de Haia, mantém-se como uma questão latente. ✱ Bandoleiros indianos efectuaram vários ataques junto da fronteira do Estado da India, causando a morte a alguns Portugueses, civis e militares, por meio de acções traiçoeiras.

## Visitantes ilustres

O ano que hoje finda registou um intenso movimento de visitantes ilustres ao nosso País. Citaremos algumas dessas personalidades, destacando em primeiro lugar o Presidente eleito da Republica do Brasil, dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, que chegou a Lisboa em 22 de Janeiro e que esteve três dias hospedado no Palácio Nacional de Queluz. Estiveram igualmente, entre nós: os ministros da Educação do Brasil e da Itália; Hugh Milton, secretário adjunto do Exército dos Estados Unidos: o cardeal Tisserant, o dr. José Maza, presidente da O. N. U., o antigo chefe do Governo francês Antoine Pinay, que veio passar umas férias a Portugal; Joseph Charles, ministro dos Negócios Estrangeiros do Haiti; Pedro Calmon, o vice-presidente do Brasil, dr. João Goulart; os académicos brasileiros, drs. Peregrino Junior e Rodrigo Octávio Filho; o director-geral da Organização Mundial de Saude, dr. Gomes Candan; o secretário-adjunto da Marinha dos Estados Unidos e o «Mayor» de Okland, Cliford Rishell. ✱ As personalidades militares que estiveram em Lisboa foram, igualmente em grande numero: o general Carpentier, comandante aliado do centro da Europa; o general Schnyler, chefe do estado-maior, cessante, do S. H. A. P. E. e o seu sucessor, general Carter; o general Coo, 2.º comandante da N. A. T. O. na Europa; o general Johnson, comandante das forças aéreas dos Estados Unidos; o general Gruenther, que veio despedir-se por cessar as funções do comandante-chefe dos exércitos dos países da N. A. T.; o general Decker, comandante-adjunto norte-americano na Europa; o general Speidel, chefe do estado-maior do novo exército alemão; o general Burs, comandante da força internacional da O. N. U. no Egipto; o marechal do ar Reynolds e o almirante sir John Eccles, comandantes-chefes aliados, respectivamente, das zonas aéreas e naval do Atlantico Oriental.

## Portugal no Mundo

Foram muitos os acontecimentos internacionais em que Portugal esteve presente. ✱ Nas duas reuniões da O. E. C. E., em Paris, estiveram o ministro da

Consagrando a política de boa vizinhança com os povos de África, o presidente da Republica, na sua visita a Moçambique, foi também hóspede oficial da Rodésia, cujo governador se vê na gravura ao lado do general Craveiro Lopes

Presidência e o subsecretário do Orçamento. ✱ No Conselho Ministerial dos países da N. A. T. O., estivemos representados, na primeira reunião deste ano, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, e na segunda, por este e pelo seu colega da Defesa. ✱ Na posse do novo Presidente do Bra-

(Continua na página seguinte)

O general Grunther, que antes de abandonar o seu alto posto de comandante supremo, visitou todos os países do Pacto do Atlantico, esteve em Portugal, onde, á sua chegada ao aeroporto, foi recebido pelo ministro da Defesa

A sua chegada ao aeroporto de Lisboa, o vice-presidente do Brasil, Jo... Goulart e sua esposa, receberam os cumprimentos do ministro Paulo Cunha

# Vida nacional

(Continuação da página anterior)

sil, fez-se Portugal representar por uma missão extraordinária chefiada pelo dr. Albino dos Reis, presidente da Assembleia Nacional. ✱ No 80.º aniversário do Papa, por uma outra delegação, presidida pelo prof. Costa Leite, presidente da Camara Corporativa. ✱ Uma comissão de deputados tomou parte, em Paris, na reunião de parlamentares de países da N. A. T. O. ✱ Mais recentemente, o ministro dos Negócios Estrangeiros deslocou-se aos Estados Unidos para tomar parte nos trabalhos da Assembleia Geral da O. N. U. ✱ Os chefes do Estado-Maior General das Forças Armadas, do Estado Maior do Exército e do Estado-Maior da Armada visitaram oficialmente os Estados Unidos, onde foram hóspedes do Governo americano. ✱ O presidente da Camara Municipal de Lisboa visitou oficialmente Londres. ✱ O nosso País fez-se representar pelo duque de Palmela, nas cerimónias da implantação da Republica do Paquistão. ✱ Anunciou-se a visita a Lisboa da rainha da Inglaterra, em Fevereiro de 1957.

## Algumas consagrações

Prestaram-se tributos de gratidão a várias figuras nacionais e a personalidades em evidência na vida portuguesa. ✱ Celebrou-se, no Porto, o centenário de Mouzinho de Albuquerque. ✱ Comemorou-se em Lisboa, o centenário de António Arroio. ✱ O nosso saudoso camarada Norberto de Araujo passou a ter o seu nome numa rua do bairro da Alfama. ✱ Inaugurou-se em Freixo de Espada á Cinta, um monumento ao navegador Jorge Alvares. ✱ Festejou-se o primeiro centenário dos Caminhos de Ferro Portugueses. ✱ O prof. José Gabriel Pinto Coelho foi homenageado por deixar, atingido pelo limite de idade, a reitoria da Universidade de Lisboa, cargo em que lhe sucedeu o prof. Vitor Hugo Duarte de Lemos. ✱ Por se ter aposentado, foi igualmente alvo de uma homenagem, o prof. Armando Marques Guedes. ✱ O prof. Bissaia Barreto recebeu, por igual motivo, uma consagração pela sua obra científica e social. ✱ O nosso camarada Artur Portela, ao completar trinta e cinco anos de jornalismo, viu-se rodeado por muitos dos seus camaradas, num significativo almoço de homenagem. ✱ A Brigada Naval ofereceu uma espada de honra ao comandante Henrique Tenreiro, no 20.º aniversário daquela corporação.

No programa das comemorações do 5 de Outubro, figurava uma romagem ao cemitério do Alto de S. João, onde foram colocadas flores nos monumentos aos Mortos da Grande Guerra e daqueles que tombaram pela Republica

## Forças armadas

A par das manobras militares na região de Aviz, as forças navais efectuaram muitos exercícios, alguns em conjunto com forças navais britanicas, francesas e holandesas, e as forças aéreas, além de um período de manobras, tomaram parte em exercícios interaliados, na Europa. ✱ Inaugurou-se em Beja, o novo quartel de Infantaria n.º 3. ✱ As novas forças pára-quedistas fizeram a sua primeira exibição no aeroporto de Lisboa, no «Dia das Forças Aéreas». ✱ Quarteis, estabelecimentos fabris do Exército e da Armada e algumas unidades navais foram visitados pelo Chefe do Estado. ✱ As nossas forças militares, navais e aéreas continuaram a receber material diverso, aviões e navios fornecidos pelos Estados Unidos ao abrigo do Pacto do Atlantico.

## Vida diplomática

Foram elevadas a embaixadas as legações da Itália e da Alemanha Ocidental em Lisboa e as legações de Portugal no Quirinal e em Bonn. ✱ O Paquistão decidiu abrir uma legação em Lisboa.

## Congressos e reuniões internacionais

Tal como já sucedera em anos anteriores, Portugal foi escolhido para a reunião de muitos congressos e conferências internacionais. Assim, reuniram-se: o Congresso Luso-Espanhol para o Avanço das Ciências, em Coimbra; o Congresso Internacional de Química, o Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia, a sub-comissão europeia de Agricultura, da F. A. O., a Conferência dos Países Produtores de Café, o Congresso Luso-Espanhol de Ortopedia e a Comissão Internacional de Barragens; e celebraram-se a III Reunião da Comissão Internacional de Estatística, a 43.ª reunião da Associação de Anatomistas, a 3.ª reunião luso-espanhola de Veterinária e, no Porto, o III Encontro Luso-Espanhol da União Católica de Dirigentes do Trabalho e as II Jornadas Médicas Luso-Brasileiras. ✱ Além destes trabalhos, muitos homens de ciência estrangeiros fizeram conferências em Lisboa, no Porto e em Coimbra.

## Vida económica

Confirmou-se a existência em Angola—e em apreciáveis quantidades — de petróleo, o primeiro carregamento, do qual (5.000 toneladas) chegou a Lisboa, para refinação, em 26 de Setembro. ✱ Inaugurou-se em Lisboa, por iniciativa da Junta de Energia Nuclear, a Exposição de Atomos para a Paz, que foi visitada pelo Chefe do Estado. ✱ Os estaleiros nacionais de construção naval intensificaram a sua actividade. ✱ Anunciou-se a instalação da industria de siderurgia. ✱ Realizou-se em Lourenço Marques a Feira das Industrias da Metrópole, integrada na Exposição de Actividades.

## Algumas inaugurações

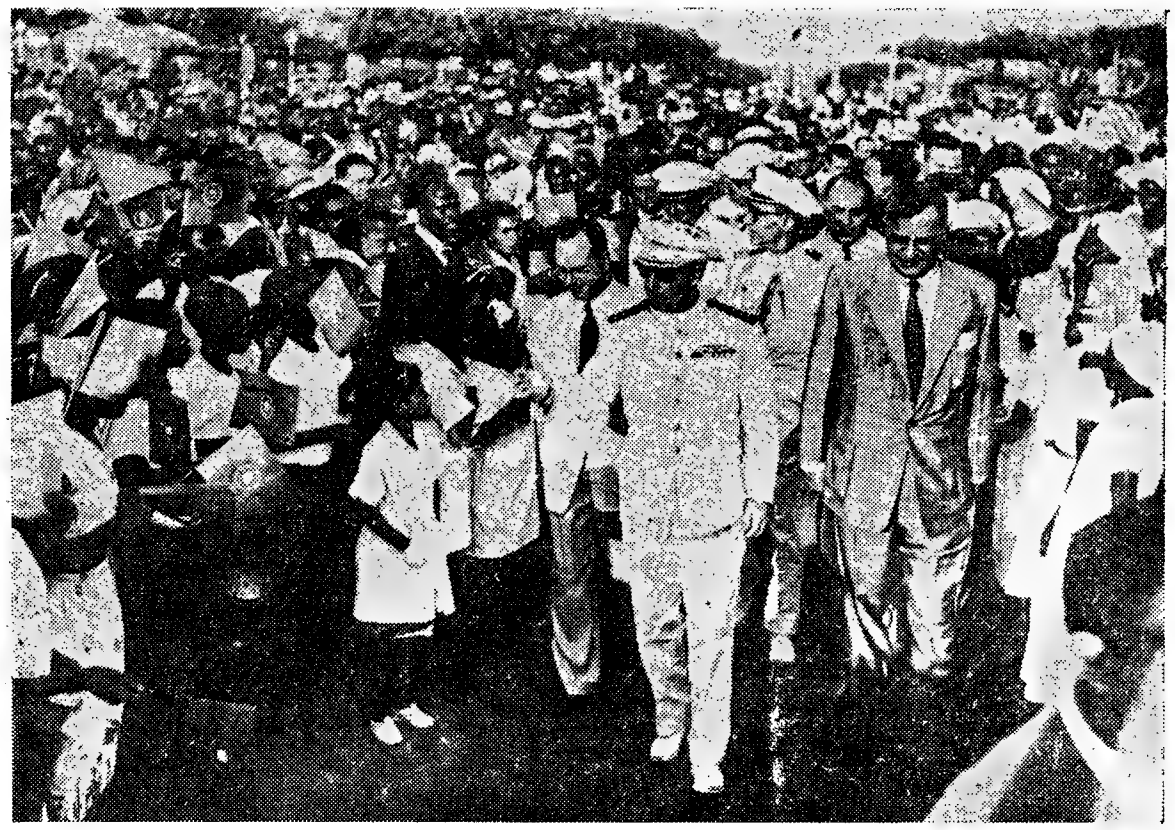
Das muitas obras em curso no País, muitas foram inauguradas por membros do Governo, no decurso deste ano. Eis as mais importantes: o Hospital Sub-Regional de Mirandela, o Estádio Universitário, os Palácios da Justiça de Vila Real e de Chaves; o porto de pesca de Olhão, o tribunal e o hospital de Mangualde, os Paços do Concelho de Vimioso, escolas técnicas em várias cidades e o Seminário de Portalegre. ✱ O ministro das Obras Publicas percorreu o País em visitas de inspecção aos trabalhos em curso.

## Vida citadina

Prosseguiram rápida e metódicamente as obras de construção da primeira linha do Metropolitano de Lisboa. ✱ Inaugurou-se o novo mercado do Forno do Tijolo. ✱ Continuaram os trabalhos preparatórios para a instalação da Televisão. ✱ Ficaram muito adiantadas as obras de construção, na Junqueira, do Pavilhão da Feira das Industrias. ✱ Está decidida a instalação do Museu de Marinha, nos Jerónimos. ✱ Realizaram-se, no meio de grande interesse popular, as Festas do Outono.

## As nossas reportagens

Como todos os anos, o nosso jornal teve alguns dos seus redactores em missão de reportagem no estrangeiro e no Ultramar. ✱ Artur Portela visitou os países do Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo). ✱ Mário Neves observou os trabalhos de extracção de petróleo em Angola. ✱ Urbano Tavares Rodrigues acompanhou a viagem do «Bartolomeu Dias» ao Oriente e esteve depois no Egipto. ✱ Maurício de Oliveira visitou a Alemanha Ocidental e esteve em Espanha. ✱ Vitor Direito acompanhou a viagem do Periplo de África a bordo do «Vera Cruz» e visitou os Açores. ✱ Eurico da Costa esteve na Austria, por ocasião da revolta na Hungria.



A viagem do Chefe do Estado a Moçambique que se vê na gravura ladeado do ministro do Ultramar e governador-geral, foi sublinhada pela comunhão de todas as raças que formam a população daquela provincia

## As horas aziagas

Não foi, felizmente, fértil em grandes desastres o ano bissexto que hoje finda. ✱ Houve uma explosão na fábrica de pólvora, em Corroios, que causou cinco mortos. ✱ A explosão de um forno nas fundições do Tramagal, ocasionou duas mortes. ✱ Violentos temporais e enxurradas na ilha da Madeira, roubaram a vida a seis pessoas. ✱ Houve ainda os inevitáveis desastres de aviação militar, que só não ocorrem nos países que não têm forças aéreas.

## Algumas notas soltas

Lisboa voltou a receber, este ano, a visita de dezenas de navios de guerra estrangeiros de muitas nacionalidades. ✱ O batiscafo da Marinha francesa efectuou imersões de estudo em vários pontos da nossa costa e fez base no Tejo. ✱ Chegaram a Portugal as primeiras crianças hungaras refugiadas. ✱ Esteve patente em Lisboa uma exposição técnica alemã. ✱ O Governo decidiu que não se construa, em Sagres, o projectado monumento ao Infante D. Henrique.

Ao ser dado o nome de Rua Norberto de Araujo a uma pitoresca artéria dessa Alfama que o escritor tanto amou, não foi só o «Diário de Lisboa» que se honrou, mas toda a obreira classe de jornalistas

## Os mortos do ano

Muita gente ilustre ou conhecida da nossa terra, morreu durante o ano que hoje finda. Entre os que desapareceram para sempre, lembramos saudosamente, em primeiro lugar, Joaquim Manso, fundador e director do «Diário de Lisboa», que faleceu no dia 11 de Setembro. Outros mortos do ano: prof. Cunha Gonçalves, prof. Celestino da Costa, comandante Baeta Neves, generais Teixeira Botelho e Pereira Lourenço: o antigo Presidente do Ministério dr. Domingos Pereira; dr. António Cabral, vice-almirante Ivens Ferraz, o diplomata e escritor António Ferro, coronel Bruno do Carmo, dr. Correia Ribeiro, o lavrador Luís da Gama, dr. José Cutileiro, major Luís Alberto de Oliveira, dr. Emílio de Oliveira Martins, dr. António Gomes Mota, prof. Serras e Silva, pintores Fausto Sampaio e Falcão Trigoso; prof. José Lobo de Avila, escultor Costa Mota (sobrinho), livreiro Ventura Abrantes, coronel José Cabral, dr. Gonçalves Braga, o popular e generoso padre Américo, Mimon Anahory, dr. Manuel de Sousa Coutinho, dr. Eugénio Aresta, coronel Pe-

(Continua na página seguinte)

# Notas de um observador

## da vida estranha

## *dos que passam pelo aeroporto*

O ano que termina hoje foi fértil em acontecimentos mundiais, muitos deles ligados ás actividades da aviação comercial ou militar portuguesa e estrangeira. Por isso mesmo, neste acabar de 1956, por entre os amargores do nosso tempo, gostariamos de fixar aqui algumas recordações do «reporter» que, no Aeroporto de Lisboa, por entre a vulgaridade, a rotina do dia a dia, sempre encontrou a oportunidade de registar este ou aquele apontamento humano, numa época em que o humano é atirado aos quatro ventos na boca dos responsáveis, — apontamentos humanos, na sua simplicidade, na sua alegria, como na sua tristeza ou confusão.

Já um dia fixámos Mr. Nil, esse passageiro inexistente, inscrito nas listas dos passageiros de aviões; Mr. Nil, que fixa o passageiro que não viaja e, mesmo assim, dá grande trabalho a todos os funcionários das companhias de aviação; já um dia fixámos também os nomes mais curiosos de passageiros, de nacionalidade francesa ou britanica (Mr. Chat; Mr. Lyon; Mr. Wood; Mr. Dog; etc.), e também os carregamentos de animais vivos, desde os pássaros aos leões, elefantes, macacos, cobras, etc. Por aqui, nesta aerogare internacional, centro ou porta do Mundo, que nos convém acarinhar, desenvolver e melhorar, em relação ao futuro, passam centenas de aviões de todas as nacionalidades e tipos, dos mais antigos aos modernos, sem esquecer os de jacto; nas suas cabines viaja, confortàvelmente, gente do Mundo, que fala ao Mundo ou tem posições no Mundo: Eisenhower, Eden, De Gasperi; William Saroyan, Graham Green; Virgil Gheorghiu; Eduardo Carranza; Lins do Rego e Marques Rebelo e Gilberto Freyre; Duhamel e Stephen Spender; cardeais Roncali e Tisserant; artistas como Gina Lolobrigida e Silvana Pampanini; Vittorio de Sicca e Mary Pickford; Errol Flynn; Edmund Purdom e Ricardo Montalblan; Robert Cummings e Ray Millan, Maureen O'Hara; Claude Rains, etc.; e neste belo aeroporto têm embarcado e desembarcado, pelo que respeita a Portugal, e por diversas vezes, além do sr. Presidente da Republica, muitos dos membros do Governo, políticos, missões oficiais do Exército, da Marinha e da Aviação e, ultimamente, por entre o fragor da situação internacional, grupos de refugiados hungaros, que buscam abrigo em países livres, longe do martírio da sua Pátria.

As carreiras de aviação estrangeiras continuam a manter o seu tráfego para Portugal — tráfego que se tem reduzido, por motivos que não cabe referir nesta croniqueta de fim do ano, e, presentemente, utilizam o Aeroporto de Lisboa cerca de uma vintena de companhias estrangeiras. Em estudo se encontram presentemente trabalhos a realizar para melhorar o nosso aeroporto, pelo que se refere á aerogare e ás suas pistas, que devem ser aumentadas como aumentada deve ser também a sua capacidade de resistência com vista á sua utilização pelos modernos aviões de jacto. No plano técnico, urge dotar o nosso aeroporto de instalações de radar, assunto que já mereceu, em tempos, a atenção da D. G. A. C.

Mas, a croniqueta tem outro objectivo, depois deste ligeiro introito.

Nesta ronda, com a sua pontinha de emoção, o «reporter» não quer fixar as figuras curiosas do seu «carnet» quotidiano, como não deseja penetrar em certas alfurjas doentias para recordar aquele «anão optimista e o complexo de inferioridade do gigante»; aquele cego da guerra de 1914, Lacombe de la Tour, que um dia entrevistou ou aquele viajante impenitente, Mr. Maguirre, que já deu a volta ao Mundo uma porção de vezes; não fixa ainda Mr. Mohan Singh, coleccionador de notas, que nos levou uma de vinte escudos; não quero repetir a história da «Mulher Gazela», que nos disse «encarnar Lincoln e Martinho Lutero»; nem tão pouco reviver pequenos drama da ultima guerra contados por combatentes luso-americanos... em todo o caso, os nossos leitores apreciarão dois a três apontamentos desse «carnet» do jornalista, pelo que eles definem, na confusão dos nossos tempos...

Eis um deles:

O «reporter» está a «vê-lo» diante de si: S. M. Nii Kwabena Bonne III, o chefe de 60.000 homens de Christianborg, em Accra, na Costa do Ouro. Por cima e enrolados ao corpanzil negro tição dois mantos de veludo, verde e encarnado; nos pés enormes, umas sandálias, com as «solas» de prata, presas por tiras de cabedal com diversos simbolos, também de prata; no pescoço um colar de prata lavrada, com dezenas de cruzes, pendentes do pescoço *hérculeo;* na mão esquerda um anel de prata, com dois pequenos leões e uma águia, simbolizando a vitória da sua tribo sobre outra do Sudão, que, há centenas de anos, perseguira os povos da Costa do Ouro; na cabeça um turbante de veludo verde, com duas cruzes de prata, a «afirmarem a sua fé de cristão»... Pronto: aí tem o leitor S. M. Bonne III, que no aeroporto despertou então uma curiosidade, misto de ironia e admiração. Viajava então Bonne III para Inglaterra e o «reporter» rebusca no seu «carnet» as palavras que então lhe ouviu:

— Tenho um grande palácio e um «Buick» e «possuo» 12 mulheres e 24 filhos! Já morreram oito das minhas mulheres e, mesmo assim, tenho tantos netos que nem lhes sei a conta...

Claro: a sua confissão de cristão não se coaduna lá muito bem com a poligamia, mas S. M. Bonne III parece importar-se pouco com isso e, sorridente, dizia-nos então que era presidente da «Ga Football Association» (e mostrou-nos um cartão de visita com os numerosos titulos honorificos) confessando-nos ser, politicamente, «um liberal para o meu povo de 60.000 almas...».

A concluir, como nota «impressionante», S. M. Bonne III (lê-se no «carnet» do «reporter»), quando lhe perguntaram se, quando se zangava com as suas 12 mulheres, era capaz de lhes bater, sorriu e respondeu:

— Não é preciso! Isso são costumes dos brancos!...

*

Este outro apontamento tem por figura central uma criança: 12 anos, hungara. Magrita, pálida, olhos muito abertos e muito azuis, voz suave, limpida, cabelo castanho claro. Ninguém a entendia. Passou há poucos dias por Lisboa, rumo á Argentina. Como entender essa ave desgarrada se ela não falava senão hungaro? A hospedeira da companhia escolheu os gestos e a pequena, que havia fugido de Budapeste, sózinha, ria, ria constantemente, abria a boca bonita e falava, falava... Não a entendiam e a garota enervava-se, umas vezes; outras, ria, a troçar da hospedeira e do próprio «reporter»... Fizeram-se perguntas em cinco ou seis linguas diferentes: a pequena hungara, inteligente, repetia quase perfeitamente, as palavras que ouvia e depois ria-se e falava hungaro... a hospedeira tentava compreender e o jornalista desiste... Pela mão da hospedeira, a garota refugiada deu um pequeno passeio pelo aeroporto e no restaurante fez-se entender por meio de sinais... Depois seguiu para Buenos Aires, onde segundo nos disseram tem parente afastado...

O apontamento, frágil na aparência, encerra um dos dramas mais graves da nossa época. E o «reporter» desiste de fazer quaisquer considerações sobre ele, para as deixar aos leitores, especialmente aos que amam as crianças e sonham com um futuro melhor para elas...

E finalmente, com este apontamento, que o «reporter» procurará descrever com a mesma simplicidade dos demais:

Chamava-se Maria Francisca, a pobre velhinha. Tinha 65 anos e era viuva. Os filhos estavam nos Estados Unidos e a senhora Maria Francisca ia embarcar para Boston. Trémula, muito branca, ia conhecer, pela primeira vez, o «sabor» do avião, um salto sobre o Atlantico. Não via o filho «há um rôr de anos». Tinha 5 filhos e restava-lhe apenas o «meu João»... Trasmontana, ela e o marido, que morrera na guerra de 14... O «reporter» pega no seu «carnet» e transcreve as palavras da senhora Maria Francisca:

— Já não tenho mais ninguém, meu senhor! Só o meu João... Eu tenho medo do avião mas tenho que ir... O meu filho está á minha espera na América...

Vimo-la depois embarcar, amparada ao braço de um funcionário da companhia. Muito branca, os olhos quase sem luz cheios de lágrimas, na mão o pequeno saco e no «carnet» há ainda estas palavras da senhora Maria Francisca, que não resistimos á tentação de transcrever:

— Olhe, meu senhor... Eu vou para a América, sabe porquê? Quero que o meu filho me feche estes olhos que a terra há-de comer... Eu só tenho o meu João... mas quero que estes olhos o vejam ainda, sabe? — E chorou mais a pobre velhinha que há uns bons 6 para 7 anos vimos embarcar no aeroporto, rumo a Boston.

*

Simples apontamentos do «carnet» do «reporter», descritos sem arrebiques de forma e sem se darem ares, eles ficarão bem, neste fim de ano, cada um deles como um símbolo do nosso tempo — tão fértil em símbolos que nada dizem aos homens e, por isso mesmo, os mantêm na confusa incerteza sobre o dia de amanhã.

MARQUES CASTÃO

**Um dos homens do ano é Dag Hammarskjoeld, sintéticamente conhecido, segundo a fórmula posta em curso nos Estados Unidos, por «Senhor H». A sua actividade como secretário-geral da O. N. U. conferiu-lhe missões e uma actividade que o mantiveram permanentemente em evidência durante todos os doze meses de 1956**

# Vida nacional

(Continuação da página anterior)

feira Coentro, o actor Alves da Cunha, o escritor Joaquim Leitão, o publicista Alvaro Pinto, prof. António Curson, Alfredo Augusto Pinto, arquitecto João António Piloto, a sr.ª D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, viúva do marechal Carmona; arquitecto Dario Vieira, pintor Joaquim Lopes, Octaviano de Sá, dr. Miranda e Sousa, eng.º Carlos Freire de Andrade, prof. Luís Schwalbach, os jornalistas Gaspar Baltar e Campos Lima; Luís de la Cueva e o nosso saudoso companheiro de trabalho Augusto Gomes da Costa. * Faleceu no Estoril, vítima de desastre com uma pistola de tiro de sala, o infante D. Afonso, filho mais novo dos condes de Barcelona.

NO TRESPASSE DE 1956...

# Um bom ano

## para o futebol português

*O futebol conheceu em 1956 um período de brilho. Indiscutivelmente que foi um ano agradável, sob quase todos os aspectos. Um ou outro «caso» não chegou para afuscar o fulgor de uma actividade que se reflectiu em resultados animadores e no interesse cada vez maior do publico. As receitas estão a subir de forma extraordinária e só não servem, em absoluto, para atestar maior entusiasmo dos desportistas pelo jogo da bola, porque sem duvida para esse incremento muito contribuiu o facto de se poderem contar, agora, com estádios amplos, capazes de acomodar dezenas de milhares de pessoas. A inauguração dos estádios de Alvalade e do Restelo, juntando-se mais dois belos recintos aos já existentes, da Luz e das Antas, permitiram maior afluência de espectadores, até então, em muitos casos, retraídos por insuficiência das instalações de alguns clubes.*

*Os campeonatos nacionais tiveram o maior exito.*

*Na 1.ª Divisão travou-se curioso despique entre o F. C. Porto e o Benfica, o qual terminou pelo triunfo dos «portistas», voltando, deste modo, o grande clube de além-Douro a inscrever o seu nome na lista dos campeões — o que já não sucedia havia demasiado tempo...*

*O mesmo clube, num alarde de forma, conquistou a Taça de Portugal, sendo de obeservar, com agrado, o facto de haver chegado á final desta prova o Torriense, na época então em curso promovido á Divisão maior, onde teve papel de vulto.*

*Na 2.ª Divisão a ascensão do Oriental confirmou-se. O regresso do clube de Marvila ao convívio dos «grandes» foi muito bem recebido no meio. E o certo é que os «orientalistas» têm continuado a afirmar interessante capacidade.*

*O Sparting venceu o Nacional de juniores, apresentando, convém dizer, uma equipa magnífica, da qual já alguns jovens subiram á reserva, com pretensões ao 1.º «team». Aliás, a política dos novos parece acentuar-se em todos os clubes com manifesto benefício técnico e financeiro.*

*Internacionalmente, 1956 foi magnífico!*

*A equipa nacional, seleccionada pelo nosso prezado camarada dr. Tavares da Silva registou bons resultados. Venceu a Turquia, por 3-1, em desforra do revés de Istambul; perdeu com o fortíssimo Brasil por 1-0, num jogo que discutiu até final; empatou com a mais que forte Hungria, por 2-2, e derrotou a Espanha, por 3-1. Os dois ultimos resultados acentuaram o exito de que se coroaram os congressos da FIFA e da União Europeia, pela primeira vez realizados em Portugal, e cuja organização mereceu louvores justissimos do Ministério da Educação Nacional e da mesma FIFA.*

*Não há duvida de que o futebol português saiu prestigiado destes certames e destes confrontos continuando esse prestigio a verificar-se através de outros jogos internacionais, embora de diferente natureza. Assim, o «team» militar venceu igual equipa francesa, em Caen, e a mesma turma nacional classificou-se em 2.º lugar no torneio inter-nações celebrado no nosso País (Lisboa, Porto e Evora).*

*Este conjunto oferece inegáveis motivos de satisfação e põe bem em evidência, a acção notável desenvolvida pela Federação, seleccionador e jogadores. Mas é de observar, com justiça, que o labor ultimamente desenvolvido pelos clubes também contribuiu para este bonito rosário de exitos.*

*De resto, os próprios clubes tiveram actividade internacional de apreciável valia, atingindo bom plano. O Sporting, o Belenenses, o Benfica, o Oriental e o F. C. Porto viram-se envolvidos em encontros oficiais ou amigáveis caso do F. C. Porto na Taça dos Campeões Europeus e do Benfica na Taça Latina) e o balanço geral dessa actividade não deixa de ser lisonjeiro para o futebol lusitano. Alguns grupos estrangeiros de primeira bitola tombaram em frente dos nossos (o Reims e o Toulouse, perante o Belenenses; o Celta e o Valencia, perante o Sporting) é importa referir que a eliminação dos «portistas» da Taça dos Campeões Europeus saíu de uma equipa que eliminou recentemente, o célebre Honved.*

*Por todas as razões, portanto, o ano de 1956 foi magnífico para o futebol nacional; que atingiu uma craveira muito boa e se prestigiou em vários aspectos e sectores. Entra-se em 1957 com uma impressão de confiança e de relativo á-vontade, na certeza em que todos estamos de que se rompeu o «envólucro» que criava dificuldades ao progresso do jogo no nosso País. As afirmações feitas por elementos oficiais, deixam perceber que algo de muito importante e benéfico ocorrerá no novo ano.*

## Fundação Gulbenkian

A Fundação Calouste Gulbenkian enviou á Sociedade A Voz do Operário, cuja obra no campo da educação popular merece as mais justas simpatias, um donativo de 20 mil escudos, para serem distribuidos pelos seus alunos, no actual período de festas.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Funerais — Trasladações
Embalsamamentos
Transportes e Artigos
Fúnebres — Decorações

Rua de Santa Marta, 52-A, 56-A
Telefones 43189 - 43180 - 55301 - 662772 - 080022

Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

RECOMENDA-SE O MAIOR CUIDADO NA CONSULTA DA LISTA TELEFÓNICA

# ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

## O PEQUENO MENDIGO

Condensação do conto de DOSTOÏEWSKY

ERA um garoto. Não tinha mais de seis anos. Acordou numa cave humida e fria. Tremia, gelado, pois o seu vestuário consistia apenas num bibe velho e esfarrapado. Olhou o bafo que, como vapor esbranquiçado, saia da sua boquinha, porque era fastidioso permanecer naquele canto, sentado, sobre um baú, sem nada fazer. Por isso expelia bafos densos e observava-os a desaparecerem.

Sentia fome e queria comer. Por diversas vezes, durante a manhã. tinha-se aproximado do catre onde jazia a sua mãe doente, sobre um colchão em ruína, e com farrapos debaixo da cabeça á laia de travesseiro.

No corredor encontrou água mas não havia nem uma codea de pão. O casarão estaria abandonado desde que a proprietária tinha sido, havia dias, levada pela policia. Começava a escurecer e o garoto sentia medo. Em vão tentou acordar a mãe, que tinha a cara fria como a parede. «Que frio tão grande!», pensou, pousando a mãozita no ombro da morta. Soprou os deditos para os aquecer e, de repente, lembrou-se do seu boné que estava sobre o baú. Pô-lo na cabeça e quis sair da cave, mas teve medo do enorme cão de guarda que ladrava lá fora. Mas agora tudo estava tranquilo. Quase sem dar por isso, o garoto encontrou-se na rua.

Que cidade, Santo Deus! Que ruído, quanta luz, que grande multidão e que frio, que frio! Das ventas dos cavalos que puxavam as carruagens saia vapor branco. As ferraduras batiam no chão com estalidos agudos. Os homens caminhavam apressados! Meu Deus, que vontade de comer, um bocadito que fosse, de qualquer coisa! E como doíam os dedos!

Outra rua e que larga que é! E tão linda! E as luzes, quantas luzes! E que é aquilo? Uma janela, uma janela muito grande, e detrás dela um salão e dentro uma árvore que chega ao tecto, uma árvore de Natal, grande abeto iluminado por muitas chamazinhas, coberto de coisas douradas e em sua volta um mundo de bonecas e cavalinhos. Crianças correm de um lado para o outro, asseadas e lindas, brincam e bebem e comem doces. Também se ouve musica.

O pobre garoto olha deslumbrado e até já ri, apesar de lhe doerem os pézinhos. Neste momento não sente tudo isso. Mas de repente doem-lhe as mãozinahs e ele chora.

A porta da casa abre-se para dar pasagem a muitas pessoas. O garoto entra no salão. As crianças zangam-se com ele, escorraçam-no, gritam-lhe. Uma das senhoras entrega-lhe um *Kopek*, abre-lhe a porta e manda-o para a rua. O *Kopek* cai-lhe da mão. Já não pode dobrar os deditos para segurar a moeda.

De repente sente que alguém o agarra pelo pescoço. Volta-se e vê que por detrás dele um rapazola alto lhe dá um soco, lhe arrebata o boné e ferra um pontapé. O garoto cai no chão. Depois, transido, levanta-se vagarosamente, e foge, foge, até não saber onde foi parar...

Foi ter a um pátio desconhecido. Senta-se detrás de uma pilha de madeira. Assim permanece, quieto e silencioso. De repente invade-o um indizível bem-estar. Os pézinhos e as mãozinhas deixam de doer. Um calor brando, bom e suave acaricia-o. Que bom seria adormecer ali! «Deixar-me-ei ficar aqui e depois voltarei a ver a árvore e as luzes» — pensa.

Então ouve cantar a mãe, muito baixinho, quase imperceptivelmente. «Mamã, estou a dormir! Ó mamã, que bem que sabe dormir aqui!...».

Primeiro julga que é a mãe que lhe fala. Mas não, não é ela.

Não vê ninguém. Estende as mãozitas e... quanta luz! Que linda árvore de Natal! Nunca viu uma árvore assim tão bela! Muitos meninos rodeiam-no agora e beijam-no e levam-no consigo. Ele sente-se deslizar, suspenso no espaço. E além... sim, além, está a sua mãezinha que lhe sorri carinhosamente.

«Mamã, mãezinha! Que lindo é tudo isto! Mas quem sois vós, meninos?».

«E' o Natal do Menino Jesus» — respondem-lhe — «E há sempre uma festa para todas as crianças que na terra não têm árvore de Natal.

* * *

Cá em baixo, na cidade, alguns criados encontraram, atrás de uma pilha de lenha, o cadáver de um garoto, com cerca de seis anos, vitimado pelo frio. A sua boca abria-se num sorriso.

PEQUENAS BIOGRAFIAS

## ERASMO

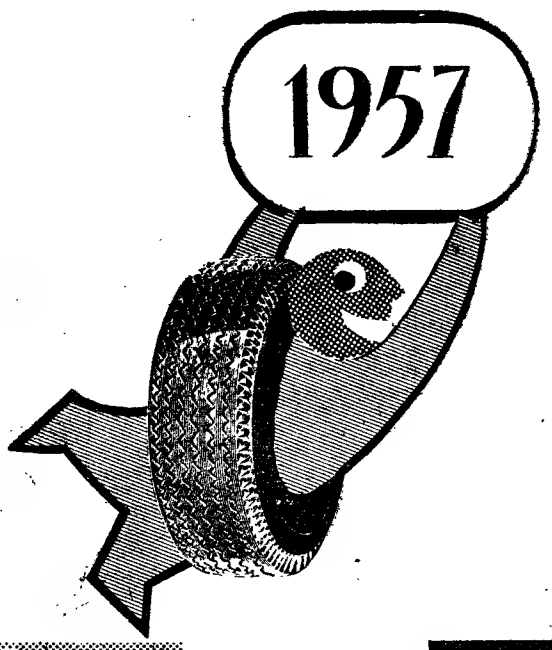
Desedério Erasmo nasceu em 1467 e morreu em 1536, em Roterdam, na Holanda. Foi escritor, filósofo e sábio.

Em 1518, publicou «Colóquios», série de notáveis diálogos contra as imposturas e superstições do seu tempo e, em 1501, publicava o «Elogio da loucura» obra satírica escrita em latim erudito e que é uma crítica alegre ás diversas classes da sociedade do seu tempo.

Erasmo exerceu grande influência intelectual, não só no seu país como em toda a Europa, sendo considerado um dos mais notáveis humanistas da Renascença e durante o século XVI, o mais querido do velho continente. Sobre Erasmo diz um dos seus biógrafos: «Ele não teve, como filósofo, grande valor. Não ousou atacar de frente nenhum dos grandes problemas do seu tempo, limitando-se a uma crítica espirituosa e prudente — mas nem por isso destituida de erudição e bom senso—dos costumes da época e das subtilezas escolásticas».

Stefan Zweig foi um dos biógrafos de Erasmo. Diz que lutou toda a sua vida como um acérrimo apologista da liberdade de pensamento, acrescentando que a sua existência foi a de um homem de ideias claras e justas, homem que compreendia e se fazia compreender. Um guia no verdadeiro sentido da palavra e dos maiores reformadores morais e espirituais da humanidade.

A primeira edição das obras completas de Erasmo é de 1540. As suas cartas são de particular interesse para o estudo da literatura e da filosofia na França, Alemanha, Itália e Inglaterra. Há traduções portuguesas de «Elogio da loucura», que ficou conhecido na história com o nome de Erasmo de Rotterdam.


Feliz Novo Ano

DESEJA A TODOS OS SEUS CLIENTES, AMIGOS E COLABORADORES, DA METRÓPOLE E DO ULTRAMAR, A

MABOR

15-56

F. C. MATIAS
ALFAIATE
*Cumprimenta e deseja Festas Felizes e um ANO NOVO muito feliz.*
Av. Almirante Reis, 16, 1.º-D
Telef.: 57221 — LISBOA

Leiam o «SEMPRE FIXE»


## Publicações

**Boletim «Brasil»**

Saiu o segundo numero do boletim «Brasil», edição do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil, em Lisboa. Trata-se de uma publicação muito bem apresentada, com excelente colaboração gráfica, óptimo texto e muitas informações da mais flagrante oportunidade, acerca das riquezas económicas e das belezas naturais das atracções turísticas do Brasil, como as páginas dedicadas ao Carnaval do Rio.

Entre os assuntos de maior interesse versados, figuram o «Convite a Portugal», para que se represente e participe o mais largamente possível na Exposição Internacional de Industria e Comércio que vai realizar-se, com a duração de 10 anos, a partir de 1957, no Rio de Janeiro e a saudação ao novo embaixador Alvaro Lins, subscrita pelo sr. dr. Nuno Simões, para tanto convidado.

**«Revista Municipal»**

Foi posto á venda o n.º 69 da «Revista Municipal», publicação dedicada ao estudo de assuntos literários, históricos e técnicos sobre Lisboa, dirigida pelo dr. Jaime Lopes Dias. Este numero inclui valiosa colaboração de Mário Costa, Fernando Castelo-Branco, Luís de Guimarães Lobato, João Rebelo Raposo, Joaquim Sette e José Estêvão, além de um «hors-texte» e de numerosas gravuras e fotografias.


Sapataria Contente
CALÇADO DE LUXO
74 — Rua do Carmo — 74
88—R. de Santa Justa—100
*Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.*

Viuva José da Silva, L.da
SERRALHARIA MECANICA
156—Rua de S. Lázaro—158
Telef. 52666
*Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e um ano feliz.*

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se na COVILHÃ, na casa António Taronca.

MONIZ BARRETO

# A curta e dolorosa vida de Moniz Barreto

## figura singular da crítica em Portugal

**por CONSTANTINO PEREIRA DE LIMA**

Completaram-se no dia 28 do corrente, sessenta anos sobre a morte de Guilherme Moniz Barreto — um nome ainda hoje pouco conhecido do grande publico. Morreu jovem, raro de estranha rutilação, que foi um dos maiores estilistas do século XIX. Dele escreveu o seu memorialista e amigo Xavier de Carvalho:

«...Este moço escritor não exerceu influência directa entre a gente do seu tempo, porque deixou uma bagagem literária pequena, embora rica em qualidade. A sua obra é resumida e na maior parte dispersa na tarefa inglória do labor quotidiano do jornal...»

Mas na velha Faculdade do Curso Superior de Letras, no ambiente mongil do casarão da Rua do Arco a Jesus, não há decerto quem não tenha ouvido pronunciar o nome de Guilherme Moniz Barreto, que, no campo da crítica literária, nos deixou trabalhos de mestre, de incomparável riqueza. Na sua pena, a inspiração foi sempre servida por um grande culto da dignidade e do esplendor da língua, respeitando a verdade e a justiça. Nunca se deixou influenciar pelas paixões do meio social. Cultivando a virtude da modéstia, procurava agradar á sua consciência. Generoso e pronto na sua admiração pelos grandes mestres, punha a independência de juizo acima de tudo. Com cerca de vinte anos, Moniz Barreto era quase íntimo da geração intelectual que triunfava aos quarenta.

Foi a 15 de Março de 1863 que abriu os olhos á luz do dia Guilherme Joaquim Moniz Barreto. Não veio ao mundo sob propícia estrela.

Conquanto não tivesse nascido n e s t e rectangulo metropolitano, mas sim na ilha ilustríssima de Goa, não era Moniz Barreto de humilde geração: os seus antepassados, esforçados capitães, serviram na India honradamente.

O ramo a que o malogrado escritor pertence teve origem nos Açores. O primeiro que foi á India, em 1705, seu bisavô, chamava-se António Moniz Barreto. Natural da cidade de Angra do Heroismo, moço fidalgo da Casa Real, por alvará de 6 de Junho de 1699, era casado com D. Brites de Araujo e Castro. Homem de antes quebrar que torcer, no Maranhão, invadido pelos Holandeses, já depois de 1640, comandou um movimento patriótico, (a luta prolongou-se durante anos, até completa vitória dos portugueses). Em 1705, desembarcou em Goa foi ocupar o cargo de Governador de Macau.

O apelido Moniz Barreto ilustra a nossa história no Oriente, desde outro António Moniz Barreto, mais recuado no tempo, prestante varão, assisado e valente capitão de Malaca.

O avô paterno de Guilherme Joaquim chamava-se Francisco Alvaro Moniz Barreto, nascido em Goa, capitão do Exército da India, casado com uma filha do marechal do campo Costa Campos. O pai do nosso grande ensaista e crítico literário foi o major de artilharia Hermenegildo Moniz Barreto. Sua mãe, D. Jovínia Mourão Garcez Palha, era filha dos primeiros viscondes de Bucelas.

Guilherme Moniz Barreto nasceu na India, como poderia ter nascido no Continente ou nos Açores. Era visceralmente um Português.

Sabe-se que Moniz Barreto, pequeno «virtuoso», desde os cinco ou seis anos se sentiu atraído pelas letras e pela ciência, manifestando vivas curiosidades. Já na escola primária se entregava, ávidamente á leitura de todos os livros que os companheiros lhe emprestavam.

Aos sete anos, a sua rica inventiva inspirava-lhe romances estranhos. Compunha-os a horas mortas, deitado, ouvindo fora os murmurios invasores da noite tropical. Dos oito aos doze anos, leu quanto apanhou á mão. Entre os doze e os catorze anos, começa a ensaiar-se no verso, escrevendo poesias em português e francês. Pouco depois, devora a literatura inglesa.

Lê os memorialistas das grandes Idades heroicas e vibra com a epopeia dos Descobrimentos. Fazia análises dos livros notáveis que lia, anotando tudo o que corresse o risco de escapar á sua prodigiosa memória.

Sempre estudioso e aplicado, inquieto e perscrutador, com o seu apaixonado amor pela sabedoria, mergulha nas literaturas de épocas mortas e nos excídios do passado, costumes e religiões, desenterrando do pó secular das estantes, arrancando ao olvido, muitos documentos preciosos.

A literatura era já para ele um campo e um processo de educação. A ambição de continuar os estudos, leva-o a deixar a sua India. Em obediência ao chamamento telurico, vem para o Portugal dos seus sonhos, o «solar da Raça», na frase lapidar de Lauro Muller.

O infortunio do jovem intelectual ia começar...

Citemos aqui este trecho de Carlos Parreira, crítico e biógrafo de Moniz Barreto:

«Nascido na India Portuguesa, em 1863, apareceu em Lisboa, quando a feiticeira urbe panoramica das sete colinas, vivia um dos seus períodos, raros, de verdadeira inflorescencia mental; quando o primado dos «Vencidos da Vida dava as suas cartas de Bom-Gosto...»

Eram, nesse tempo, mestres da prosa e do verso, Eça, Fialho, Camilo, Gomes Leal, João de Deus, Antero, Junqueiro, Ramalho.

Moniz Barreto tinha apenas 17 anos. A' sua chegada a Lisboa, hospeda-se em casa do seu tio Mourão Garcez Palha, segundo barão de Combarjua. Vinha para Lisboa, a fim de completar o Liceu, seguir um curso, e fazer vida. Era um jovem nobre e sem fortuna, com muita esperança e pouco dinheiro, carácter terno, doce, modesto, sentimental, cheio de caridade pelos humildes.

Em Lisboa, aos 18 anos, relê os versos todos de Victor Hugo, e esgota-lhe os romances. O humanitarismo vago, que deles resuma, inspira-lhe um «Diálogo na Sombra, contra a pena da morte. Começa também os seus estudos de psicologia, lendo monografias, tratados especiais e revistas. E' cerrada a sua convivência com os monumentos da literatura histórica. Lê versões de gregos e latinos, tratados diplomáticos e todas as grandes publicações, livros de geografia, etnologia, etnografia e viagens.

Em 1881, aos 18 anos, a sua inteligência era já como que uma enseada privilegiadamente aberta a tudo que fosse erudição universalista e ciências fundamentais. Estudante arrebatado, óptimamente preparado, matricula-se na Escola Politécnica. O seu talento não se desmente nas provas académicas.

No ano seguinte, Moniz Barreto matricula-se no Curso Superior de Letras, onde passa por um estudante de talento acima do comum. De vez em quando, entre rapazes, o seu nome é pronunciado com respeito. Chamado, certo dia, a uma lição, de história, o jovem estudante preenche inteiramente a hora sem acabar as suas considerações, ás quais o professor nada objectara. Convidado a continuar no próximo dia de aula, Moniz Barreto não esgotou o assunto. Levou três dias a falar, como uma torrente que rompe o dique e rola sem nenhuma possibilidade de se conter. E, ao acabar, recebeu as saudações do professor, que vira raiar, na sua presença, uma das mais formosas alvoradas de talento, fortalecido pelo estudo.

Viveu, quase sempre, como um menestrel errante, mudando de residência ao sabor das circunstancias pecuniárias, uma vida estreitíssima. Tinha um ar triste e pensativo. Tornou-se parcimonioso nas suas relações com os homens.

Dentro em breve era já familiar das grandes mentalidades da época. Foram seus amigos: Fialho, seis anos mais velho; Junqueiro, treze; Gomes Leal, catorze; Eça, dezassete; Oliveira Martins, dezoito; Teófilo Braga, vinte; Antero, vinte e um; e Camilo, trinta e sete.

Visitava os parentes ricos e remediados que por cá tinha, aos quais não esboçava sequer o menor pedido, prosseguindo sempre nos seus estudos. Como Balzac, indómito e inflexível, resolvera independentizar-se. Essa sua altivez cedo o afasta dos parentes. Também como Balzac, quer, de um só golpe, conquistar a fama, honra e liberdade. Para angariar meios de subsistência, trabalha, esfalfa-se e produz. Era-lhe indiferente o dia ou a noite, pois ambos consagrava ao estudo e trabalho. Para acudir ás suas necessidades, pulveriza as suas energias: desvela escrever para os jornais, ou a dar lições de Matemática e Filosofia a alguns discípulos dispersos. Mesmo assim, porém, trava conhecimentos e sobra-lhe tempo para se entregar com paixão á leitura. A arte, a criação literária, são indispensáveis á sua existência, pois que isso pesa sobre ele como um vício.

Em 1885, com vinte e dois anos, diploma-se com três distinções.

Tal como Nietzsche, luta sempre, sofre sempre sózinho. E quanto mais o martelo o atinge, mais claro ressoa o bloco de bronze da sua vontade. Roído pela tristeza, não levanta as mãos para pedir ao Destino que o deixe em paz. A carencia de recursos económicos leva-o a aceitar um lugar secundário de conservador da Biblioteca Municipal, em Lisboa, pobre no estipêndio e na hierarquia social. Porém, embora não fosse grande o vencimento, dispunha de muitos livros para ler e muito tempo para escrever, o que lhe permitia, como ao grande Herculano, satisfazer os chamamentos da sua vocação.

Moniz Barreto admirava profundamente Eça de Queirós, que por sua vez lhe dedicava forte simpatia. Com vinte e dois anos, penetra Moniz Barreto no palco das Letras, mostrando os seus méritos de estudioso sisudo: escreve com lógica «Natureza e Funções da Arte», prosa ágil, plástica, em que vibra a inteligência.

Em 1887, aos 24 anos, estuda toda a obra de Oliveira Martins. E com o temerário arrojo da juventude, o jovem crítico, ainda desconhecido, traça com mão firme o perfil psicológico e estético de Oliveira Martins, que era dezoito anos mais velho do que ele, no seu «Estudo de Psicologia», modelo de clareza e penetração, a que Antero «nada achava a acrescentar ou tirar».

Com a maturidade, Moniz Barreto tornou-se um caso verdadeiramente raro, pelo menos no mundo português. O seu estudo sobre Oliveira Martins. Foi recebido com alvoroço. João de Deus, Antero, Eça, Ramalho, Teófilo e outros, surpreendem-se antes a sua evolução e prestam homenagem ao moço Moniz Barreto, olhando-o com admiração e espanto.

*

Em 1888, Moniz Barreto deseja correr o Mundo. Quer, como Assvérus, palmilhar todas as estradas, sedento de conhecimentos e de glória. Vai a Madrid, procurar contacto com os intelectuais. Em Julho de 1889, surge uma publicação periódica, «Revista de Portugal», dirigida pelo romancista Eça de Queirós, que procura reunir todos os que valiam pela cultura geral, pela especialização ou pelas altas faculdades criadoras, empenhando-se muito pela colaboração de Oliveira Martins, Conde de Arnoso, Conde de Sabugosa, Camilo, Antero de Quental. Eça contava que Antero escrevesse pelo menos o introito solene, mas não conseguiu. Pois, apesar de o seu Director ser, já então, um dos homens mais ilustres da nossa terra e um escritor consagrado, abriu esse órgão de cultura nacional da época um ensaio sobre a «Literatura Portuguesa», da autoria do crítico de vinte e seis anos — Guilherme Moniz Barreto — já «estatual», legislador de crítica, senhor de si. Trabalho ágil de quem conversa com a verdade por amor da cultura, iniciando em Portugal um novo processo de fazer crítica literária, conjuga a agudeza psicológica com o sentido estético e a graça do estilo. O publico intelectual entusiasma-se pelo jovem e cintilante escritor. E' que para escrever aquele trabalho eram necessários uma forte cultura, uma disciplina mental, um temperamento emotivo, uma razão segura, que bastariam para produzir uma duzia de obras em qualquer país do Mundo. Moniz Barreto apresenta-se filósofo nas considerações, juiz nas sentenças, causando surpresa pela vastidão do talento, revelando a profundeza do seu génio.

Que motivos especiais levariam o grande homem de letras, Eça de Queirós, a convidar o moço Moniz Barreto a apresentar a «Revista»?

Ouçamos o crítico já citado, Carlos Parreira:

«...Charles Maurras, esse irreverencioso assobiador de esquina, esse fascinante garoto do conto de Andersen, entretido a descobrir no manto imaginário de certos dos seus inimigos, todo em corruscações impostoras de aparato, a «fralda de camisa, afinal» da sua ninharia ideológica; esse multíplice, que, nos intervalos da sua freima estracinhadora, soube aprender o balsamico amavio da «musica interior», e com torpores de laguna, reflectindo apoteoses outonais de sol poente e fantasmagorias de plenilunio, entreteceu, em Veneza, cenários de Sonho para os dois amantes, que atulharam o século XIX com a estrepitosidade da sua Paixão; Charles Maurras, no prefácio dum livro recente, cita esta frase, a propósito do crítico: «O crítico o que é? Um homem que sabe ler, e ensina os outros a ler». Nos fins do século passado existia em Portugal esse homem. Foi Guilherme Moniz Barreto, que a morte arrebatou, numa casa de saude, em Paris, com trinta e três anos».

E, mais adiante, Carlos Parreira, continua:

«...Eça de Queirós, querendo dar á sua «Revista de Portugal» apresentador condigno, não se lembrou de outro nome, e graças lhe sejam! porque nunca apresentação de revista crítica conteve mais ensinamentos, estreleceu de um mais deslumbrante luzeiro de sabedoria sem jaça.

«Não era um mero «si puó». preambular, enunciado num «treteau» de consabidas afirmações e profissões, de fé. Era a suma fulgural de uma existência benedictina de Estudo; era o expoente de uma Sensibilidade cíclica, que dera a volta ao globo de todas as curiosidades».

Com a grande autoridade do seu nome, afirmara Oliveira Martins, seu grande admirador e que tinha por ele particular estima:

«Moniz Barreto é o primeiro da nossa geração. Que tristeza pensar que da obra que podia e devia ter produzido, apenas ficou uma revelação. Mas uma extraordinária revelação! Dir-se-ia que o meu pobre amigo se encerrou num cárcere para ali morrer, apagando a luz do seu talento e enterrando-se ali com ele no mais angustioso abandono».

Quer sob o pseudónimo de G. Corte-Real, quer com o seu próprio nome, «Moniz Barreto publicou na «Revista de Portugal» notáveis artigos de política internacional, sendo para notar, entre todos, o que se refere á possível e sensata inteligência, ao mutuo e comum esforço de civilização que aproximaria moralmente as duas nações peninsulares» — escreve Silva Gaio. E acrescenta: «Pelo que respeita á vida portuguesa, veio a sua «Carta a El-Rei» acentuar aquela ideia germanica, dominante no seu espírito, do governo forte centralizado no príncipe».

Eis os termos dessa carta do jovem Moniz Barreto:

«...Tal é o espectáculo que vem oferecendo o país, tal a dolorosa história e o triste quadro. Contemplando-o, não sente Vossa Majestade de invadi-lo um desejo de emendar, corrigir, reprimir? Ante o painel das iniquidades e das torpezas não sente encher-se de indignação a alma e como tufar-lhe o peito um vento de cólera? O grito do oprimido encontra-o surdo? O clamor do indigente espoliado, a lamentação das almas sem ideal, o gemido do patriota não achará eco nos vossos paços? Quando o pé brutal do fisco se levanta para espremer a tripa do pobre não sente Vossa Majestade tomá-lo a companxão e o remorso? Tanta coisa torta ou fora do seu lugar não lhe põe uma comichão nas mãos? A vista do lesado a quem negam justiça, do homem de trabalho a quem negam o pão, do coração entusiasta a quem negam um objecto de amor, não o entristece? E ao considerar de um lado os opressores e do outro as vítimas não sente invadi-lo uma ternura e um ódio, uma vontade de estacar o pranto do inocente e ver correr o sangue malvado? Feche Vossa Majestade os ouvidos ás vozes enganosas e interessadas que o convidam aos regalos da abstenção. Faça calar as veleidades da porção inferior da alma que mostra a vida como um bocado a passar e uma fazenda a explorar. Rejeite como mesquinhas as satisfações dos sentidos e as ocupações frívolas. Considerai reinar como a verdadeira prenda dum rei. Concentrai vossos talentos nisto, reduzi vossas ambições a isto — Vosso avô pintava patorinhas em fundos de prato; pinte Vossa Majestade a cara da Justiça na consciência da nação. Seja a Equidade a vossa bela arte e o Direito o vosso sport. Não vos desanimeis com as dificuldades da empresa, nem vos enfadeis com pequeneza do teatro de acção. Mantende a vossa alma ao nível da eminente dignidade real. Sêde Rei como foram bem poucos da vossa dinastia. Vesti-vos de purpuro por dentro».

Esta carta — escreve Silva Gaio —merecia, certamente, ter sido lida e discutida, mais do que foi, porque não se tratava de um paradoxo, mas de um ponto de vista científico, na ordem das coisas políticas.

Quando Moniz Barreto escreveu a «Carta», Portugal atravessava uma crise de política confrangedora. Diz Dinis de Aiala:

«...Estas vozes, porém, não parecem ter tido eco no alcaçar dos nossos reis, nem o país por um impulso patriótico entreviu uma esperança ou acalentou uma energia. Fracos e descrentes todos, o Rei sentiu-se só em frente de um pais onde o civismo parecia estar de todo extinto».

Estava assim o «Portugal dos Mares».

Escreve Silva Gaio: ...«Como em toda a série dos outros seus trabalhos críticos, um mesmo espírito o domina, no campo da especulação histórica e política. E é certamente de excelente exemplo, no meio de uma nação inconsequente e desorientada, ver como pela orientação filosófica se preserva uma nobre inteligência dos desvarios e da anarquia mental que todos sofremos, neste momento doloroso de decadência e ruina».

Era ele assim como crítico, que tão novo havia atingido o cume de uma vasta montanha.

Moniz Barreto, porém, além de crítico, foi também poeta e como tal nos deixou curiosos documentos da sua sensibilidade e do seu poder de invenção estilística. Tal o seu «Diálogo na Sombra», composto aos 18 anos:

(Continua na 24.ª página)

**OURO, PRATA, JÓIAS E RELÓGIOS**
**Grande sortido — Preços limitados**
**OURIVESARIA SANTOS CATITA, LDA.**
**Rua Eugénio dos Santos, 44**

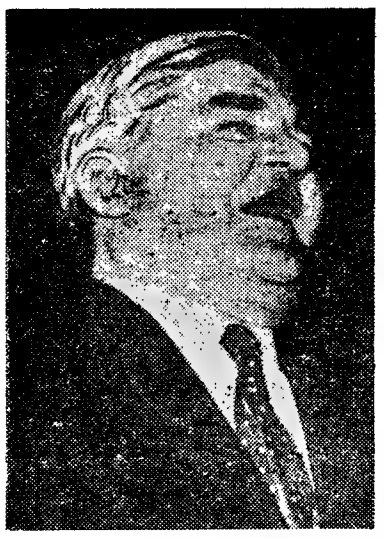
**Chegou a Lisboa?**

Visite a linda RESIDÊNCIA LISDONENSE, sem refeições, Rua Pinheiro Chagas, n.º 1, 5.º, esq.º, esquina da Avenida Fontes Pereira de Melo, que é a preferida dos estrangeiros ilustres que visitam Lisboa, pelo grande conforto e bom gosto. Telefone 44628.

O «Diário de Lisboa» vende-se em GRANDOLA, na casa Carlos Canhão Camacho.

BURNS — O general canadiano chamado a comandar o contingente internacional enviado para Suez simboliza êm si o primeiro caso de força de polícia organizada para assegurar o cumprimento da lei internacional. Esta perde, assim, o seu caracter de simples afirmação de princípios, para conhecer pela primeira vez o instrumento coercitivo capaz de lhe assegurar eficácia

GAMAL NASSER — A «sombra cinzenta» de Naguib converteu-se na sombra negra dos Ingleses. Ao malograrem-se as negociações para o financiamento da barragem de Assuam, decretou a nacionalização do Canal, fez desencadear a intervenção franco-britanica e, com ela, todo o mecanismo da O. N. U. que se saldou na condenação da iniciativa Paris-Londres



BEVAN—O pertinaz mineiro de Gales, que esteve sob a ameaça de ser posto fora do trabalhismo, viu as suas teses adoptadas, principalmente a partir do congresso tradeunionista de Brighton, onde se firmaram as tendências que vieram a ser as do Partido, após o congresso de Blackpool. Esta viragem fez de Bevan o indigitado ministro dos Estrangeiros num gabinete trabalhista

BEN YOUSSEFF — O Sultão de Marrocos, regressado do exílio e reposto no trono de Rabat, é uma das figuras do ano, com o reconhecimento da independência de Marrocos como Estado soberano. O representante de Portugal, elevado a nível diplomático (antes consular), fez já entrega das suas credenciais ao chefe de um Estado a que nos ligam numerosas recordações

MINDZENTY — O cardeal revela-se como uma das figuras centrais do grande drama que teve por cenário a Hungria. Julgado, condenado, encarcerado, sugeito depois a regime de residência obrigatória, libertado na hora do levantamento, desenvolveu acção de grande vulto que o levou, á chegada dos tanques russos, a procurar refugio na embaixada americana, onde se encontra

# Balanço dos acontecimentos

## ▶ Diminuiram as probabilidades de guerra e a
## ▶ Revisão profunda da estrategia e da política
## ▶ Enfraquecimento da posição da Europa Ocid
## ▶ Fim dos sistemas que predominaram na déc

Na vida internacional, 1956 foi o ano da desintegração dos sistemas, dos pactos, das alianças e dos métodos que vigoraram depois da ultima guerra, sob a pressão de acontecimentos e causas que esboçaram a fisionomia de um mundo diferente do que conhecemos nessa época, caracterizado por conflitos e ameaças incessantes. Com este fenómeno coincidiu o termo de uma mentalidade e de uma técnica, a mentalidade gerada pela ideia de que era inevitável um novo conflito mundial e a técnica que lhe correspondeu, na estratégia, na politica, na diplomacia e na propaganda.

Desagregaram-se os blocos de nações opostas e rivais e com eles desabou o conceito da fatalidade do seu choque. Desintegrou-se o clima da guerra fria e com ele desintegraram-se as suas manifestações, agressivas ou insidiosas. Onde se falava de rearmamento incessante, começou a falar-se de desarmamento progressivo. Onde se previa a iminência do choque, começaram a estudar-se as medidas para o evitar. Não é a paz. E' o reconhecimento da sua necessidade. Trata-se de um passo na senda de um futuro mais ajustado do que o passado recente ás aspirações de centenas de milhões de homens, espalhados pela superficie do Globo.

Como e em que condições se produziram os acontecimentos que levaram a esse resultado? A situação criada pela descoberta das novas armas e as suas consequências destruiram, irremediávelmente, os cálculos, feitos pelos dirigentes politicos e pelos chefes militares nos dez anos que decorreram entre o armistício de Reims e a conferência de Genebra. Esta foi o epilogo de um demorado processo de exaltação das paixões, de exacerbação do espírito de cruzada, de corrosão latente das formas consagradas nas relações entre os povos.

O choque produzido pela reversão dessa tendência fez-se sentir no ano findo com incalculáveis repercussões e a corrida para a catástrofe deu lugar a uma apreciação mais exacta das realidades temerosas que esta significa para a Humanidade.

### Declinio das alianças militares, Pactos do Atlantico e de Varsovia

A politica externa dos blócos, que se constituiram em seguida ao termo das hostilidades em 1945, foi ditada pelas exigências estratégicas que resultaram da quebra da coligação vencedora. Por inspiração dos seus aviadores, a América concebeu uma estratégia de bases avançadas para conter ou repelir o comunismo, a qual só era viável com a criação rápida de um sistema de alianças cujos elos diplomáticos tinham de ser, necessáriamente, débeis.

A estratégia dos Sovietes assentou na improvisação de um «glacis» formado pelos Estados europeus situados a Ocidente do monolito euro-asiático, que os Russos dominaram ocupando o respectivo território e favorecendo o aparecimento de regimes idênticos ao seu. Esses regimes não tinham a sanção do voto popular. Quando contavam com o apoio de parte da população eram sériamente enfraquecidos pela impopularidade da ocupação estrangeira.

A cortina de ferro transformou-se numa fronteira militar artificial, linha de partida para os exércitos que deviam entrar em luta, num prazo mais ou menos curto. Ao longo dela crepitava a chama dos ódios irreconciliáveis e prestes a explodir. Qualquer observador imparcial pressentia, porém, desde o fim do monopólio atómico americano, no Outono de 1949, o ruido subterraneo das reivindicações, que se exprimiam de diversas maneiras.

Os sistemas que traduziram essa situação — o Pacto do Atlantico e o Pacto de Varsóvia — foram minados lentamente por incessantes contradições. A Ocidente era a contradição entre os interesses dos países europeus e os dos Estados Unidos, fora do ambito geográfico definido pelo primeiro; a Leste era a contradição entre a cruzada de emancipação, prégada pelos Sovietes, e a presença dos seus exércitos nos países que deviam beneficiar dela.

### Deslocação do bloco comunista e crise do bloco ocidental

Os dois episódios que se registaram no final de 1956 — a rebelião na Hungria e o malogro da expedição anglo-francesa no Egipto — mostraram que essas contradições eram insanáveis e paralisaram os sistemas que as suportavam. A rebelião hungara foi o seguimento, lógico e inevitável, de outras manifestações de revolta contra a dominação soviética (Berlim e Poznan). Em si não constituiu um precedente nem uma confirmação, apesar de ter assumido uma violência que não vimos nas anteriores.

O que fez dela um acontecimento capital foi a decisão tomada pelo governo Nagy de denunciar o Pacto de Varsóvia, quer dizer de pôr termo ao sistema estratégico concebido pelos chefes militares soviéticos e do qual o território hungaro (planície do Danubio) faz parte integrante. Assim se explica a coincidência entre a repressão de Budapeste e o envio da mensagem em que Bulganine propôs aos Estados Unidos um plano de segurança para a Europa, pela retirada simultanea das forças de ocupação russas e ocidentais.

Embora se revestisse de caracteristicas diferentes, o fenómeno de desintegração correspondente, do lado de cá da cortina de ferro, não teve resultado diferente. Os Russos deixaram de contar com as divisões dos satélites para colaborarem com eles, na hipótese de um conflito. As forças convencionais da N. A. T. O. enfraqueceram, por virtude dos compromissos extra-europeus dos seus membros — divisões francesas desviadas para a Argélia e britanicas para o Médio Oriente — ao mesmo tempo que a Alemanha não correspondeu á expectativa criada pela promessa de organizar um exército de meio milhão de homens.

O Ocidente, com a retirada do general Gruenther, reconheceu que só lhe é possível fazer a guerra recorrendo ás armas atómicas, o que aumentou a sua dependência dos Estados Unidos, unica potência signatária do Pacto do Atlantico que as possui — tanto as estratégicas como as tácticas.

### Em vez dos Quatro Grandes de Genebra apenas Dois Grandes

Os Dois Grandes, unicos a considerar em vez dos Quatro que tomaram parte na conferência de Genebra (esta constatação é das mais sugestivas que 1956 legou) conheceram uma fase de transição condicionada, em cada


tome...

FAMEL

para essa tosse

Se está realmente disposto a acabar com a sua tosse, comece desde já a tomar Xarope Famel. O Xarope Famel proporciona-lhe alívio imediato, suaviza os tecidos inflamados e permite-lhe dormir tranquilamente todas as noites. Produto médico mundialmente conhecido, o Xarope Famel é recomendado por médicos para as tosses, constipações, gripe e perturbações dos brônquios. Experimente-o; mande vir um frasco da farmácia ainda hoje.

Xarope Famel



• ENCER
• Elg
• E'O ÚNIC

Distribuid
SOCIEDADE COMERCIAL
P. DA ALEGRIA 58-3ºAP.10 G-LISBOA-T

URGUIBA — O chefe do Governo da Argélia independente proclamou: «Devemos tudo á França, o que sabemos, o que somos, o que temos, a nossa formação, a nossa independência, a nossa própria admissão na O. N. U. Como não há-de doer-nos o coração ao termos de votar para condenar a França na primeira votação em que tomamos parte?» Um drama de consciência!...

NEHRU — O apóstolo de um neutralismo tantas vezes tido por suspeito encontrou audiência em Washington. Eisenhower fez dele, como se diz agora, um interlocutor válido. Situado entre os dois blocos, não aderindo a um ou a outro e recusando-se a romper com qualquer deles, Nehru empreendeu uma viagem cujas escalas são a presença de problemas palpitantes

MOLLET — Após as eleições de Fevereiro, o «leader» da S. F. I. O. foi chamado a assumir a chefia do Governo francês, de que os socialistas estavam há alguns anos afastados. Os acontecimentos, porém, designadamente a evolução da crise da Argélia e a expedição franco-britanica ao Suez, fizeram do Governo francês de direcção socialista o «prisioneiro das direitas»

GOMULKA — O velho comunista que soube exprimir os anseios de independência do povo polaco. Durante alguns anos confinado como «herético», por propósitos paralelos aos de Tito, Gomulka foi o intérprete da nova tendência e soube e pôde forçar Moscovo a uma atitude de concordancia. Na hora que parecia ser a ultima das suas probabilidades, jogou e ganhou

EISENHOWER — O general que comandou a ofensiva militar na Europa soube personificar, na hora própria, a esperança dos que julgam que tudo deve fazer-se para evitar a guerra. O seu prestígio e a força desses sentimentos puderam sobrepôr-se á crise pessoal que o acometeu. O homem que vemos prematuramente envelhecido aparece forte na sua razão

# da vida internacional em 1956

## lenuou-se o rigor da guerra fria
## dos Dois Grandes (América e Rússia)
## ental e das suas forças tradicionais
## ida que se seguiu à última conflagração

m deles, pelas características pecíficas das suas instituições líticas — a democracia ameriina e a ditadura comunista. bs Estados Unidos a reeleição general Eisenhower (Novemo) foi precedida de uma camnha que permitiu auscultar os ntimentos profundos da Naio. Na União Soviética a destalização, consequência das desões tomadas no XX Congresdo partido (Fevereiro), pôs n relevo a importancia das ansformações que se registaam durante os ultimos quatro nos na esfera de influência russ, em seguida á primeira eleio do presidente dos Estados nidos e á morte de Estaline.

Eleito em plena guerra fria, o eneral Eisenhower mostrou-se, o exercício do seu mandato 1952-56), firmemente decidido a pedir que a guerra nuclear esdasse, como consequência de cessos de linguagem ou gess inconsiderados. Eliminou a ala extremista do seu partido (republicano) e liquidou o senador Mac Carthy e os que o acompanhavam. Mais de uma vez rectificou as teses excessivas do secretário de Estado, Foster Dulles, sem por isso lhe retirar a confiança.

Os sucessores de Estaline foram obrigados a reconhecer que, á medida que o espectro da guerra se afastava, se criava um clima novo no Mundo o qual tornava indispensáveis concessões, mais que formais, em relação á intransigência total do periodo estaliniano. Essas concessões tiveram profundas repercussões no interior da União Soviética (sistema colegial em vez da ditadura pessoal), nos satélites (liberalização) e nos partidos comunistas dos países da Europa Ocidental, mais uma vez colocados em dificuldades para explicar as mutações da politica soviética.

### Progressão do neutralismo, grupo de Bandung e nacionalismo arabe

O declinio acentuado dos blocos, que cristalizaram ao longo da guerra fria, teve como consequência a progressão do neutralismo, no quadro das forças internacionais, e a crescente influência dos países extra-europeus para a solução dos problemas pendentes. O neutralismo definiu-se, em seguida ao bloqueio de Berlim (1948), como uma tendência, de começo vaga e imprecisa, para criar, á margem dos campos de batalha onde o digladiar das propagandas era o prólogo do choque das armas, uma zona de abstenção. A importancia desta não resultava do potencial militar dos países que integrava, mas do peso de outros factores (demográfico, económico, psicológico).

A conferência afro-asiática de Bandung e o nacionalismo árabe, na sua forma actual, resultaram dela e dos postulados que a sua existência implicou. A primeira fez-se sentir principalmente com a transformação operada no seio e no mecanismo da Organização das Nações Unidas, onde a preponderancia ocidental foi substituida por um equilibrio que torna impossivel tomar decisões ou fazer recomendações contra a coligação dos países comunistas associados aos de Bandung.

O nacionalismo árabe, inconsistente no plano militar e politico, tornou-se uma força a considerar no plano económico e psicológico. Visando a eliminação da presença ocidental no Médio Oriente e no Norte de Africa, os resultados da sua acção são visiveis — bloqueio do Canal de Suez, corte dos «pipe-lines», greves e boicotagens, valorização do factor egípcio na competição americano-russa, independência da Tunisia e de Marrocos, dificuldades, até agora invencíveis, para dominar a rebelião argelina.

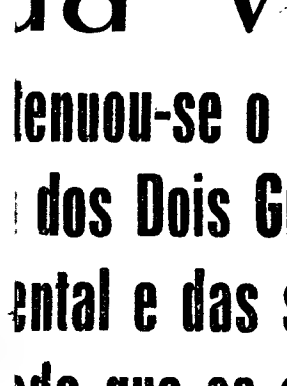
Na Europa, a neutralização da Jugoslávia e da Austria, somando-se á neutralidade tradicional da Suécia e da Suiça, abriu o caminho á criação, no centro do nosso continente, de uma zona neutralizada para impedir o contacto entre as forças russas e ocidentais e atenuar as probabilidades de um conflito.

### A Europa Ocidental passou a estar mais dependente da América

Regresso dos conservadores ao Poder sem sir Winston Churchill, na Grã-Bretanha; formação de um governo minoritário, em França, depois das eleições de Janeiro, dirigido por um socialista; enfraquecimento da posição do chanceler Adenauer, em consequência da revelação do plano Radford e da manifesta relutancia do povo alemão a aceitar o serviço militar obrigatório, tais foram os episódios mais importantes que se registaram na Europa Ocidental, em 1956. Sobrepondo-se a eles, assistimos á quebra, quase completa, da sua influência nos negócios mundiais e ás sugestões para evitar que esta se acentue, recorrendo ao relance europeu (formação de uma federação dos países ocidentais) e á fabricação de armas nucleares.

Estes remédios, mesmo que fossem eficazes, são de aplicação a distancia, pois os espiritos não estão preparados para aceitar a realização imediata de uma federação europeia, ou apenas continental, nem as economias dos países europeus suportariam os encargos resultantes da corrida dos armamentos nucleares, os quais, por enquanto, são extraordinàriamente dispendiosos. O relance europeu é encarado mais como uma panaceia doutrinária ou como uma mística para suscitar novas ilusões do que como um processo eficaz de atenuar as dificuldades e remover os obstáculos que se opõem ao restabelecimento da posição de predomínio que a Europa gozou, durante quatro séculos.

A evolução e o epilogo do episódio egípcio, longe de conseguirem o resultado que dele esperavam os que assumiram esse risco, demonstrou a sua inviabilidade. Mais do que a nacionalização do Suez, a solução do problema argelino, a queda de Nasser e o estancamento da vaga árabe, os srs. Eden e Mollet desejavam fazer a demonstração da independência da Grã-Bretanha e da França em relação ao seu poderoso aliado do outro lado do Atlantico. O resultado foi precisamente o contrário.

# A figura e a obra do grande crítico Moniz Barreto

(Continuação da 21.ª página)

*Estava frente a frente a forca e o algoz:*
*Confrontação sinistra e trágica. Era após*
*um dia de justiça, e o poste inda escorria*
*as gotas do suor gélido da agonia.*
*Nem um astro sequer no firmamento em luto.*
*O vento esfacelando a flor, rasgando o fruto*
*tinha o gume mortal e o fremito sombrio*
*do bistori que vai, inexorável, frio*
*devassando num seio os mistérios do amor.*

*Dialogavam os dois em meio desse horror:*
*—Ó homem que sois maus! — disse o poste*
*—À floresta*
*Onde ardente e febril rumorejava a festa*
*as límpidas canções, os palpitantes ninhos,*
*fostes cortar a forca, a cruz, os pelourinhos;*
*Vós manchastes com sangue o florescente galho*
*que Deus tinha banhado em lágrimas de orvalho.*

*Pela árvore d'outrora a cujas verdes tranças*
*trepava gorgeando o bando das crianças*
*que estremecem a ver uma amendoa, uma noz,*
*trepas agora tu, a quem chamam algoz*
*e vens colher em mim cadáveres gelados.*

*Na fresca profundez dos matagais cerrados*
*eu hauria contente o ar e a luz do dia;*
*hoje só bebo sangue e o suor da agonia.*
*«Ó floresta natal! da murmura verdura*
*que enchia com seus sons os ecos da espessura*
*não resta mais do que isto: um poste funerário*
*ensaguentado, nu, infame, solitário»!*

*Gemiam na planície as guturais rajadas*

*—Ó filho—disse o algôs—das selvas perfumadas!*
*Como tu conheci a doçura dos ninhos,*
*o elástico trilar de alegres passarinhos,*
*a fresquidão do orvalho, os aromas da dor,*
*os mimos maternais, os extases do amor,*
*treparam por minha alma as doidas esperanças.*

*Hoje sou um sinistro e lugubre animal*
*da fauna do sepulcro; o estatuário brutal*
*da morte que cinzela; o trapo enlameado*
*onde a Lei vem limpar as nódoas do crime.*

*Minha alma verga ao peso atroz do horror*
*que oprime,*
*como vergas tu mesmo ao peso do enforcado.*
*Não, não fui sempre assim, ó poste desolado!*
*Transformou-me também esse braço feroz*
*que extrai da árvore a forca e do homem o algoz!*

Em 1890, Moniz Barreto, fez a sua primeira viagem a Paris, onde se dedicou sobretudo a estudos de história diplomática.

Em 1891, aberto no «Diário do Governo» um concurso de professor de História e Filosofia no Colégio Militar da Luz, começou a preparar-se para esse concurso. Mas a cadeira foi dada, numa total indiferença pelo mérito, a um amigo do ministro, uma vacuidade pedante, com menos habilitações do que o moço Moniz Barreto, de quem então Antero dizia que «era uma das raras esperanças da mocidade portuguesa», pela nobreza do seu espírito e carácter e alto sentimento de veneração pela cultura e civilização europeias.

Moniz Barreto nunca pretendeu encostar-se a ninguém para subir. Não soltou um queixume, voltou a Paris. Não o atemorizavam a pobreza e a adversidade. Aceita o caso sem protestos, que sabia seriam vãos. Continua a viver em Paris descuidado, estudando, lendo e escrevendo no silêncio do seu quarto, no «Hotel des Carmes», numa roda de estudantes e de artistas, satisfazendo a sua alma sempre sequiosa de cultura. Tudo que não fosse bibliografia era-lhe indiferente. Só via o Universo através das letras. Contemplava com uma curiosidade plácida o problema do seu futuro envolto no nevoeiro do mistério, certo de que ele dependeria apenas de actos da sua inteligência e vontade. Nunca pedira qualquer sinecura. As honras exteriores não o desvanecem. A vida quere-a para trabalho de espírito.

Em 1893, Moniz Barreto, para fugir dos frios de um rigoroso inverno, após uma perigosa estação de outono, em que receou sucumbir, vem a Portugal e faz o seu voo até o Algarve, a Portimão. Cinzela com pena de oiro páginas admiráveis no «Jornal de Comércio», uma série de artigos de literatura erudita que na opinião de Silva Gaio «era uma série de artigos, como o nosso jornalismo pobre não estava habituado a produzir». Continua a chamar sobre si as atenções de toda a geração.

Pensa de novo em Paris, pois que cada dia lhe parece mais penosa a estada em Portugal. A' entrada do Verão, pegou na sua pequena mala de viagem, abraçou três amigos que o acompanharam á «gare» e voltou para Paris. Fixa-se então no bairro latino, bairro que fora o predilecto do sábio Erasmo, na «Rue de Monge». Foi também nesse bairro que Balzac, na lendária pensão «Vauquer», num quarto estreito, que era um cenáculo de rapazes, reunia os seus amigos.

Tal como Garrett, para não mendigar em terra estranha o auxílio dos amigos, recolhe na colaboração que dá ao jornal «Repórter» de Lisboa e ao «Jornal do Comércio» do Brasil o necessário para se ir mantendo. Nunca se deixava fotografar. Era de um tempo em que muitos homens procuravam dar a conhecer a sua alma e não o seu rosto. Dele existem, porém, dois «croquis», um um pintor português, este feito no de um pintor brasileiro, e outro de leito da morte. Desses «croquis», fizemos o seu exterior, que nos dá a conhecer o seu traço, a agudez impressionante do seu perfil, a sua segurança interior e o seu forte equilíbrio. Na sua fisionomia se retrata a sua bela alma.

Um dia, no desejo de uma vida de maior largueza e de mais amplos horizontes pensa em emigrar para o Brasil, onde espera encontrar, porventura, «melhor sorte debaixo de céus mais justos». Abala para o Rio de Janeiro. Vai a Pernambuco, onde contava com o apoio de Oliveira Lima e do grupo de amigos deste ilustre escritor e diplomata brasileiro. Pouco tempo, porém, ali se demora: dois ou três meses, se tanto. Volta para a Europa, novamente como correspondente do «Jornal do Comércio», do Brasil. Viera-lhe a nostalgia da Europa, do clima espiritual europeu e não podia suportar o calor. O clima do Brasil foi o principal motivo que o obrigou, a seu pesar, a abandonar um largo plano de vida que contava realizar no país irmão.

De regresso a Paris, passa por Lisboa. Em Portugal continuava a efervescência política. Volta para Paris, para o seu quarto, na «Rue de Monge». Tal como Garrett, vem a provar, no verdor dos anos, o amargor da expatriação. Acodem-lhe á mente a sua família, os sítios onde passara dias felizes, a sua India, os amigos que deixara.

A sorte não fadara Moniz Barreto para uma vida de gozo e do bem-estar. Predestinação? Talvez. Foi assim, por vezes, a sina dos grandes homens de todos os tempos. Camões, Bocage, Duarte Pacheco Pereira (o Aquiles Lusitano) de tão notória probidade na India, ficaram reduzidos á ultima indigência e morreram ao abandono. O grande Newton, Jaques Amyot, grande tradutor de Plutarco, Jorge Cuvier, criador de paleontologia, e tantos outros grandes génios ou foram pobres ou tiveram na sua vida épocas precárias.

Débil, frágil como um vime, com o aspecto de as sanguessugas o haverem chupado, concentrado, neurasténico e já algum tanto corroído pela tuberculose, os Invernos eram para Moniz Barreto insuportáveis, devido á temperatura fria de Paris. Vivia metido com os seus livros, a sós com a sua consciência de exilado, quase se isolando do Mundo, numa existência toda de meditação e análise. O seu quarto estreito era bem pobre, friamente mobilado, numa dissonancia de móveis e utensílios sem idade. Por toda a parte pilhas de livros.

Convivia apenas com os amigos mais íntimos e queridos, que o acompanharam até á morte: Borges de Castro, Julio Pereira Lopes, Ferro Domicio da Gama, Eça de Queirós, António Nobre. Dera-se muito, dentro e fora do País, com as mais notáveis figuras do seu tempo. Eça de Queirós, como cônsul e amigo, acudiu, frequentemente, ás situações precárias do infeliz Moniz Barreto, sendo este, sempre, de muito boas contas.

Num domingo do começo de Dezembro, fora jantar a Auteuil, á casa do Barão do Rio Branco. Cada vez mais fraco — conta-nos — Xavier de Carvalho — «com um eterno ar de frangão depenado, o frio cortante dessa noite de Inverno feriu-o com uma pneumonia. No dia seguinte principiou a queixar-se de uma pontada, sem poder expectorar, já com um começo de febre. Na casa de hóspedes onde ultimamente vivia, na «Rue Tenard», o serviço era detestável, a tal ponto que o pobre rapaz ficou 33 horas sem comer! Foi um dos seus amigos, o 1.º secretário da Legação de Portugal, em Paris, Bartolomeu Ferreira, quem o veio encontrar quase sem forças, após prolongado jejum Sem demora, fê-lo transportar para a Casa de Saúde das «Frères de Saint-Jean de Dieu», na Rua Oudinot, prevenindo ao mesmo tempo todos os amigos». Na madrugada agreste de 28 de Dezembro de 1896, um fantástico Dezembro de água e bruma, amarelido e ressequido extinguia-se lentamente, como a chama de um candelabro que se apaga após uma solenidade, o infeliz Guilherme Moniz Barreto. Génio precoce, faltou-lhe o entardecer. A' semelhança do grande Leonardo de Vince, «quando pensava que estava aprendendo a viver, estava aprendendo a morrer».

Fez-se quase o silêncio em volta do seu nome e parece olvidado no computo dos nossos grandes homens de letras. Tem razão Emerson: «São por vezes os génios que têm as mais curtas biografias».

Como todos os grandes homens, Moniz Barreto teve émulos, admiradores, amigos e inimigos. Ganhou batalhas, sofreu derrotas; viu morrer ilusões, cair os sonhos. Mestre no sentido de transmissor de um método, dominando completamente os seus processos ensaísticos, intoxicado de sabedoria, a crítica literária, pela sua cintilante inteligencia, atingiu entre nós um nível bem alto, e o mérito da sua dignidade está patente. Escreve Mayer Garção:

«Ao aparecer o nome deste ignorado, firmando o artigo de entrada na «Revista de Portugal» de Eça de Queirós, então na máxima pujança da sua glória literária, uma sensação de assombro invadiu o publico. Todos os nomes doutros colaboradores da «Revista» eram, senão célebres, pelo menos já largamente conhecidos: Oliveira Martins, Junqueiro, Fialho, o conde de Sabugosa. Não havia um só que não tivesse uma obra. Quanto a Moniz Barreto não só o seu nome era desconhecido, como a sua independência surpreendente. Aos maiores escritores contemporaneos, Moniz Barreto, definindo em duas palavras a característica do seu espírito e o valor do seu trabalho, fazia observações que indicavam sem duvida uma grande noção da justiça, mas que a muitos se poderia afirmar irreverências para os seus ídolos».

Quando Moniz Barreto morreu o seu biógrafo, Xavier de Carvalho, escreveu estas palavras:

«Pobre e querido irmão de armas! — morto aos trinta e três anos, longe dos seus, em terra estrangeira, no Inverno pardo da morte, sem as aveludadas carícias do Sol que ele tanto adorava! Dorme na paz eterna da matéria-mãe, longe do repulsivo contacto dos maus, das purulentas invejas, dos impotentes ódios. Dorme o sono que não tem fim, meu bom camarada, alma pura de forte e de justo».

Só os eruditos trabalhos «Estudo de Psicologia», de Oliveira Martins, e «A Literatura Portuguesa Contemporanea» lhe dão direito a ser, como foi, figura de destaque nas Letras. Moniz Barreto será sempre uma voz imortal da Cultura Portuguesa e um grande coração. Bem merece ser evocada a sua memória com o maior respeito e admiração. Acodem-nos ao pensamento estes versos de Lamartine:

*Sobre o seu leito de argila*
*Onde ele repousa há tanto,*
*Um suspiro, um ai, um pranto*
*Já lhe não vota ninguém!*

*Veio a segunda mortalha,*
*Que é o frio esquecimento,*
*Sobre o pobre monumento*
*Cair gelada também.*

CONSTANTINO P. DE LIMA

---

*O autor deste artigo publicará em breve um extenso e documentado estudo, com valiosa documentação inédita, sobre a vida e obra de Guilherme Moniz Barreto.*


**Companhia Colonial de Navegação**

**Serviço de passageiros e carga**

**Carreiras regulares para: AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL, AMÉRICA CENTRAL e AMÉRICA DO SUL e entre ANGOLA e o NORTE DA EUROPA**

**FROTA**

| | Deslocamento Toneladas | Deadweight Toneladas |
|---|---|---|
| Paquetes: | | |
| «SANTA MARIA» (n. t.) | 21.500 | 7.900 |
| «VERA CRUZ» (n. t.) ... | 21.500 | 7.900 |
| «PÁTRIA» (n. t.) ... ... | 19.173 | 10.743 |
| «IMPÉRIO» (n. t.) ... ... | 19.173 | 10.743 |
| «UIGE» ... ... ... ... ... | 14.480 | 8.226 |
| Navios de carga: | | |
| «LUANDA» (n. m.) ... ... | 13.790 | 9.820 |
| «GANDA» (n. m.) ... ... | 13.114 | 9.419 |
| «AMBOIM» (n. m.) ... ... | 13.114 | 9.419 |
| «BENGUELA» (n. m.) ... | 12.303 | 9.347 |
| «LUGELA» ... ... ... ... | 12.250 | 8.340 |
| «PUNGUE» ... ... ... ... | 8.750 | 6.356 |
| «CHAIMITE» ... ... ... ... | 3.597 | 2.129 |
| «NAMPULA»... ... ... ... | 3.080 | 2.062 |
| «SENA» ... ... ... ... ... | 2.458 | 1.700 |

ESCRITÓRIOS:

**Lisboa — Rua de S. Julião, 63**
**Telefones n.os 30131 a 30138**

**Porto — Rua Infante D. Henrique, 9**
**Telefone 23342**

SIEMENS RADIO
TELEVISÃO

**QUINTA DOS LOMBOS—Tel. 044048—Carcavelos**

**FLORA DE CARCAVELOS**

— DE —

**LUCIANO DE MATOS**

*Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes, Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.*

EM LISBOA:
**CAMPO DOS MARTIRES DA PATRIA, 68**
**TELEFONE 51106**

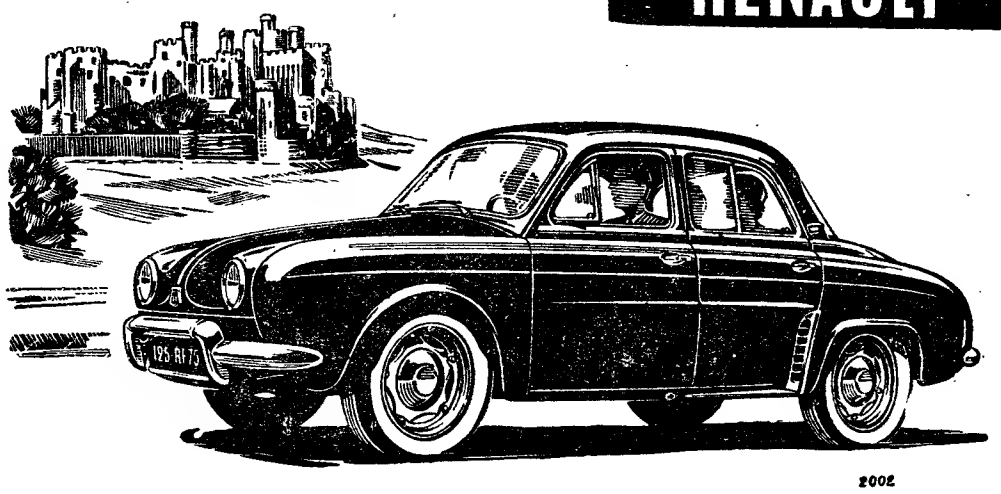
NO PORTO:
**RUA DAS FLORES, 6**
**TELEFONE 29865**

COMECE O **ANO NOVO**

COM UM **NOVO CARRO**

# Dauphine

RENAULT



★ ECONÓMICO: **6,5 LITROS**
★ ESPAÇOSO: **5 LUGARES**
★ PRÁTICO: **4 PORTAS**
★ RÁPIDO: **118 KM/H.**

ESCOLHA O **SEU** ENTRE OS MODELOS EXPOSTOS NA:

**SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS, LDA.**

AV. DA LIBERDADE, 71

**Auto Cais Sodré**
De MANUEL DUARTE LEÃO
Praça Duque da Terceira, 9
Telefone 2 6733
*Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.*

**«Au Bon Marché»**
**ARTIGOS DE NOVIDADE**
**45—Rua da Assunção—47**
*Deseja aos seus Ex.mos Clientes e amigos B. F. e um Novo Ano muito feliz.*

**Policlínica do Intendente**
Av. Alm. Reis, 27, 2.º — T. 45587
**Dr. Abel Alves**—Ouv., nariz e gar., 14 h.
**Dr. Anastácio Gonçalves**—Doenç. olhos 18 h.
**Dr. Armando Valle**—Anál. clín. e vacinas, 11 h.
**Dr. Armando Luzes**—Rins e vias urinárias, 14 h.
**Dr. Benard Guedes**—Raios X, 16 h.
**Dr. Camara Leme**—Boca e dentes, 10 ás 13 h. e 17 ás 19 h.
**Dr. E. de Miranda Rodrigues**—Doenças nerv. mentais (2.as, 4.as e 6.as), 16 h.
**Dr. Fernando Castro Amaro**—Med. geral, 14 h.
**Dr. Formigal Luzes**—Ag. Físicos, 15 h.
**Dr. João Marques Pinto**—D. das crianças, 18 h.
**Dr. Juvenal Esteves**—Doenças da pele e sífilis (2.as, 4.as e 6.as), 14 h.
**Dr. Pedro da Cunha**—Partos e doenças das senhoras (3.as, 5.as e sáb.), 15 h.
**Dr. Vasco de Lacerda**—Cl. méd., coração e pulmões, 18 h.

**A. J. COSTA**
**MALHAS AJOC**
**Rua dos Correeiros, 174, 3.º, E.**
**Telef. 21266 — LISBOA**
Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando-lhes as maiores venturas e prosperidades no Novo Ano.

**Pastelaria-Salão de Chá**
*Deseja aos seus estimáveis Clientes e Amigos um Novo Ano muito próspero.*
203-C, Av. Almirante Reis, 203-D
**Telefone 48952** **LISBOA**

**GAMBRINUS**
**JANTAR DE ANO NOVO**
**AMBIENTE ACOLHEDOR**
**EMENTA ESPECIAL**
**Telefone 2 1466 — 368974**

**Sociedade de Construções**
**Amadeu Gaudêncio**
**LIMITADA**
Construções Civis
Carpintaria Mecânica
Beton Armado
Trabalhos de Pintura
Escritórios e oficinas: **Rua Dr. Alexandre Braga — Telefone P. B. X. 43191-43192 — LISBOA**

**Almeida & Viana, L.da**
(UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL)
DA MARCA **BIZERBA**
**RUA DAS FLORES, 94-96**
*Cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos, desejando-lhes um Novo Ano feliz.*

# Parker "51"

*A dona de casa* é uma pessoa de natural bom gôsto. A partir do momento em que viu a caneta Parker **"51"** ficou apaixonada pelo seu estilo elegante e moderno. Dir-lhe-á que de hoje em dia não pode passar sem ela. As pontas Electro-polidas são um triunfo de suavidade como cetim e o sistema único de enchimento Aero-metric assegura horas e horas de escrita sem embaraços.

**A caneta mais desejada do mundo**

Para melhores resultados com esta caneta e com todas as outras, use Parker Quink, a única tinta que contém solv-X.

**Preços: Caneta Parker "51" Dourada: Esc. 600$00 — Conjunto: Esc. 885$00**
**Caneta Parker "51" Lustraloy: Esc. 500$00 — Conjunto: Esc. 725$00**

Representantes exclusivos:
**PAPELARIA DA MODA**
António Vieira, Lda. — Rua do Ouro, 167 — Lisboa

2502-P



# Sociedade Geral

**Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU**

**N/M «MANUEL ALFREDO» em 10/1**
(VIA LEIXÕES)
Carrega para Bissau em 7 e para Cabo Verde em 8 de Janeiro
Carga frigorífica em 9 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª classe e classe turística

**N/M «ANA MAFALDA» em 25/1**
(VIA LEIXÕES E FUNCHAL)
Carrega para Bissau em 22 e para Cabo Verde em 23 de Janeiro
Carga frigorífica em 24 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª 2.ª e 3.ª classes

**Para: PRINCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO E MOÇÂMEDES**

**N/M «ANDULO» em 31/1**
(VIA LEIXÕES)
Carrega em Lisboa de 24 a 29 de Janeiro
Carga frigorífica no dia 30 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª classe

**Directo a LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES**

**N/M «RITA MARIA» em 5/2**
Carrega em Lisboa de 31 de Janeiro a 2 de Fevereiro
Carga frigorífica no dia 4 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

**Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES**

A' carga em HAMBURGO, BREMEN e ANVERS

**N/M «ALÉNQUER»**
Em Lisboa sòmente para Matadi em 4 de Janeiro

**N/M «BELAS»**
De 31 de Dezembro a 9 de Janeiro e em Lisboa sòmente para Matadi em 15 de Janeiro

**N/M «ALCOBAÇA»**
De 21 a 30 de Janeiro e em Lisboa sòmente para Matadi em 5 de Fevereiro

**N/M «BORBA»**
De 11 a 20 de Fevereiro e em Lisboa sòmente para Matadi em 26 de Fevereiro

**Para: ANVERS, ROTERDÃO, BREMEN e HAMBURGO**

A' carga nos portos de Angola

**N/M «BORBA»**
De 23 de Dezembro a 8 de Janeiro (recebe carga para o HAVRE)

**N/M «BRAGANÇA»**
DE 13 a 29 de Janeiro

**N/M «BELAS»**
De 3 a 19 de Fevereiro (recebe carga para o HAVRE)

**N/M «ALCOBAÇA»**
De 24 de Fevereiro a 12 de Março

*Chamamos à atenção dos srs. passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagem*

TRATAR EM:
LISBOA: Rua do Comércio, 39—Telef. 26314/5
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 82—Telef. 27363



COMPANHIA
# COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO

| PARTIDAS | DESTINOS |
|---|---|

## LINHA DE ÁFRICA

**«UIGE»** — Em 3 de Janeiro
Com escala prévia por **Leixões**, para: **Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.**

**«LUANDA»** — Em 12 de Janeiro
Com escala, por Leixões, para **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town** (se necessário), **Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.**

**«IMPÉRIO»** — Em 18 de Janeiro
Com escala por Funchal, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.**

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

## LINHA DA AMÉRICA DO SUL

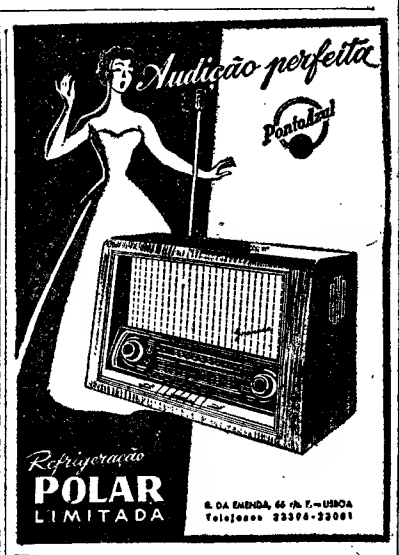
**«VERA CRUZ»** — 16 de Janeiro — Às 12 horas
Com escala por **Funchal** para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**

## LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

**«SANTA MARIA»** — 29 de Janeiro
Com escala por **Vigo** e **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Kingston, Havana e Port Everglades (Miami).**

**LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8**
**PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342**








# SPICA

DIESEL electricidade
MECANICA
Oficina aberta das 9 ás 0 horas
AVENIDA DA REPUBLICA, 99-B
JUNTO AOS CORREIOS
Telefones 7 70925 e 7 60991



# ROUPEIROS
MODERNOS
Em todas as madeiras, de 2 a 3 portas c/ gavetas, prateleiras, espaço para fatos e para todos os preços, vende o
**BAZAR NOBRE, LDA.**
Rua de S. Bento, 224—Telef. 661227
(á Praça de S. Bento)



DISCOS
Polydor
À VENDA NAS BOAS CASAS REVENDEDORAS



SIEMENS RADIO
TELEVISÃO



ARMAZEM DE FAZENDAS
DE
**CALADO & SEQUEIRA, LDA.**
279, 281, Rua dos Fanqueiros, 283, 285
Praça da Figueira, 14
Telefone 23826 — LISBOA
*Cumprimenta os seus clientes e amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.*


Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

# COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

## ( D I A M A N G )

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

**COM O CAPITAL DE ESCUDOS 294.100.000$00**

**Pesquisa e extracção de diamantes na Província de Angola em regime de exclusivo**

**SEDE SOCIAL: Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º — Teleg. DIAMANG**

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
E ADMINISTRADOR-DELEGADO

**Com. Ernesto de Vilhena**

VICE-PRESIDENTE

**Com. Alvaro Morna**

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

**Mr. Firmin Van Brée**

**DIRECÇÃO GERAL NA LUNDA**

DIRECTOR-GERAL

**Eng.º Rolando Sucena Baptista de Sousa**

**REPRESENTAÇÃO EM LUANDA**

REPRESENTANTE

**Dr. Sílvio Guimarães**

---

Aos Ex.mos Clientes e Amigos FESTAS FELIZES, ANO NOVO PRÓSPERO.

São os desejos sinceros da

## Meia de Vidro

R. Augusta, 158 LISBOA

---

## CASA HIPÓLITO, L.DA

**TORRES VEDRAS**

**FUNDADA EM 1900**

*Aos seus amigos e clientes apresenta os seus cumprimentos de Boas-Festas e feliz ANO NOVO.*

---

## Casa das Malas

**180 — Rua Aurea — 182**

**JOAQUIM DA SILVA & C.ª (FILHOS)**

*Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Ano Novo muito próspero.*

---

## BRAZ & BRAZ, L.DA

*Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Novo Ano muito feliz.*

**Travessa Nova de S. Domingos, 34 a 42, 1.º.**

---

## Adão

**CAMISEIROS — Rua Augusta, 240 — Tel. 24064**

*Aos Ex.mos Clientes desejam Boas Festas e Feliz Ano Novo.*

---

## Alipio Gouveia, L.da

ARMAZEM DE TAPEÇARIAS E DECORAÇÕES

Poço do Borratem, 33, 1.º—Telef. 3 2487 — L I S B O A

*Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um feliz Ano Novo.*

---

## VICTOR SANTOS

**Encadernador Dourador**
Executam-se trabalhos simples e de luxo
**Rua Luz Soriano, 68 — LISBOA**
Telef. 367059
**Cumprimenta os seus Ex.mos clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.**

---

## PIANOS

**Verticais e de Cauda**
**ALUGAM-SE**
**Est. Valentim de Carvalho, Lda.**
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

---

## Agência Salgado

**Título registado**

**Sede: Rua Santa Marta, 43-B — Telefs.: 48258 e 48724**

**Funerais, Trasladações e Embalsamamentos**

1.º Filial — Telef. 771349 — R. Beneficência, 3
2.º Filial — Telef. } P. P. C. 070132 - Cova da Piedade - Almada
3.º Filial — Telef.
4.º Filial — Telef. 780733 — Estrada de Benfica, 669-673

**A mais completa organização comercial no género**

# Sob um novo signo do Fundo do Teatro

## e do influxo da representação brasileira

## *decorreu a temporada teatral que finda*

Não se trata de fazer um balanço crítico do que foi o ano teatral que finda. Trata-se, de pouco mais do que de um simples registo estatístico de teatro que nem por ter decorrido sob o estímulo do Fundo do Teatro terá por certo atingido aquele nível artístico e aquela larga audiência que seria de esperar, perante um esforço material tão substancioso.

Quando 1956 abria os olhos como fugaz esperança de autores, empresários, actores e publico, Lisboa tinha um cartaz eclético, se reconsiderarmos que o Nacional apresentava «A Muralha», de Calvo Sotelo; o Trindade «As três irmãs», de Tchekov; o Avenida «Joana d'Arc», de Anouilh; o Monumental, Mariema e o seu «ballet» de Espanha; o Maria Vitória a revista «Festa é festa!»; e o Coliseu uma das muitas e substanciosas companhias de

**Beatriz Costa regressou do Brasil e voltou á revista; Isabel de Castro suspendeu a sua carreira cinematográfica e ingressou no teatro**

circo que iria apresentar na temporada. Tratava-se, na verdade, de um panorama verdadeiramente representativo do teatro europeu (não é evidente, do teatro português) mas a que não corresponderia sempre o nível da interpretação ou de encenação.

Entretanto, neste ano que finda, alguns factos importantes se registaram, uns felizes outros envoltos nos crepes da saudade. Um novo teatro surgia (o ABC) outro era apontado como próxima vítima do camartelo (o Avenida); morria em Setembro o admirável mestre de Teatro Alves da Cunha e Sara Vale despedia-se voluntàriamente da vida; surgia um novo autor (Luís Francisco Rebelo, com «Alguém terá de morrer»); e Beatriz Costa regressava ao teatro de revista; e uma jovem e linda actriz (Isabel de Castro) iniciava os passos ainda inseguros mas auspiciosos, sobre o palco; uma companhia brasileira (a da grande Bibi Ferreira) daria por perdidos os seus passos em Portugal onde apresentou «Senhorita Barba Azul» e «Diabinho de Saias», outra obteria um tão clamoroso êxito (Maria Della Costa com o seu Teatro Popular Brasileiro) que se pode dizer que o ano que finda valeu a pena ter decorrido, só porque Lisboa viu representar «Moral em concordata», de Abílio Pereira de Almeida.

E se outras razões não houvesse a registar, acrescentar-se-ia á lista dos factos felizes o Festival do Teatro integrado nas comemorações de Trinta anos de Cultura. Com subsídios especiais, Lisboa viu de graça no Nacional, Trindade e Avenida as reposições de «Tá Mar» (Alfredo Cortês); «As meninas da Fonte da Bica» (Ramada); «Antigona» (Dantas); «Prémio Nobel» (Fernando Santos, Almeida Amaral e Leitão de Barros); «A Volta» (Virgínia Vitorino); «Meu amor é traiçoeiro» (Vasco de Mendonça Alves); Lourdes» (Cortês); «O milhafre» Armando Cortes Pinto); «Espada de fogo» (Carlos Selvagem); «Desencontro) (Vieira Pinto); e «Perdeu-se um marido», de Frederico Pressler.

### Teatro para crianças, teatro de amadores

O teatro infantil fez algumas tentativas para se creditar junto do pequeno (e grande...) espectador, mas o ano que finda não pôde ainda considerar-se bafejado por uma boa estrela: o subsídio do Fundo do Teatro alargou-se até ele mas o publico de palmo e meio sentiu-se, á ultima hora, excluido...

Entre as muitas e mais ou menos profícuas actividades de amadores, haverá que salientar a apresentação pelos rapazes do Teatro Universitário dirigido pelo dr. Fernando Amado, do teatro de Kafka; a apresentação pelos rapazes dos cursos superiores, de «A salvação do Mundo», de José Régio, obra de alto nível literário, seja qual for o plano em que se encara dentro do conceito de teatro; e a apresentação de «Sísifo e a morte», de Robert Merle, feita por amadores do Grupo do Teatro Popular. Isto, circunscrevendo a resenha aos acontecimentos de Lisboa. Porque no Porto haveria que relevar a actividade do Teatro Experimental de António Pedro, subsidiado pelo Fundo do Teatro, e em Coimbra o grupo de amadores que representaram ao ar livre o «Auto da Rainha Santa», de Santos Simões, embora pelo nível das suas aspirações os extremos não se possam aqui tocar.

A passagem de Alejandro Casona por Lisboa que anunciou a próxima apresentação da sua «Inês de Castro» pode ainda situar-se entre os verdadeiros acontecimentos teatrais de 1956 que finda sob a promessa de um Teatro Experimental de Lisboa. Vai funcionar no Estrela Hall e anuncia para breve «Antigona», de Anouilh e «A farsa de Inês Pereira», de Gil Vicente.

### A época 1955/1956

Não se pode, porém, falar de teatro, sem referir o numero, o nome

**Luís Francisco Rebelo foi o melhor autor português do ano; Fernando Lima deu forma artística ao grupo de Bailados e Cantares de Portugal**

e a qualidade das peças que Lisboa viu no ano que hoje finda. Um simples compulsar de fichas de arquivo nos bastará. A análise do seu valor foi feita na altura da estreia pelo publico e pela crítica...

Assim, Lisboa, excluindo os espectáculos do Festival, viu catorze peças novas de 1 de Janeiro de ao fim da temporada 1955-1956. Foram «Avó Lisboa», de Leitão de Barros; «Santa Joana», de Shaw; «Clara Bonita», de Pedro Lemos; «Alguém terá de morrer», de Francisco Rebelo (Nacional); «Arsénico e velhas rendas», de Kesserling; «Já aqui estive» de Priestlery; e «A Verdade», de João Correia de Oliveira e Francisco Lage (Trindade); «O amor dos quatro coroneis», de Ustinov; «À esquina da noite», de Vieira Pinto; «A vida de um heroi», de Pressler (Avenida); «João Gabriel Borkman», de Ibsen; «Toiros de morte», de Perez Lugin; «Atrás da porta», de Costa Ferreira; e «Daqui fala o morto», de Carlos Llopis (Monumental que, sob os auspícios do Fundo do Teatro, apresentou o matador de toiros Diamantino Vizeu como actor).

Este mesmo teatro repôs «Por um fio...» de Costa Ferreira; e «A Conspiradora, com Palmira Bastos, numa linda consagração do seu autor, Vasco de Mendonça Alves. Fora da época oficial, repôs também «A menina feia», de Pressler «Toiros de morte» prolongou a sua presença no Maria Vitória e «Daqui fala o morto» passou do Monumental para o Variedades, onde se demorou meses.

Por sua vez, o teatro de revista parece ser ainda o que melhor cumpriu a sua missão. Lisboa teve quase sempre espectáculos musicados

**Mestre Alves da Cunha e Sara Vale duas das figuras do teatro desaparecidas**

(tanto da sua predilecção) e viu algumas magníficas revistas que fizeram longa permanência no cartaz. Vimos, pois, nove espectáculos «ligeiros»: apresentados no Variedades, «Abril em Portugal», «Mujeres ódiosas» e «Não faças ondas»; no ABC «Haja saude», «Muitas e boas», «Já vais aí!» e «Daqui fala o Zé»; no Maria Vitória «Festa é festa» e «Reboliço» e no Coliseu «Fonte luminosa».

Acrescente-se a presença da companhia de operetas e zarzuelas de Sagi Vela, no Monumental. E acrescente-se, sobretudo, para que a ideia fique completa, a presença de numerosos agrupamentos e de artistas brasileiros, desde Renata Fronzi a Deo Maia, passando por Gloria May e Tamariz. De tal modo representativa tanta presença, que se pode dizer que uma vez mais, o teatro português decorreu sob o signo do teatro brasileiro.

### O novo ano teatral

Com a chegada da nova temporada teatral, desapareceu uma empresa (a do Teatro d'Arte) e apareceu uma outra (Teatral Avenida). O secretário nacional da Informação, através de uma reunião com a Imprensa, deu largas explicações ao País sobre os novos destinos que haviam sido gizados ao Teatro em Portugal.

As suas palavras foram honestíssimas, porém, num simples enunciado, o que o ano que finda raras vezes nos terá revelado: conjuntos homogéneos, representando com naturalidade peças de verdadeiro interesse. Mais resumidamente ainda: autencidade.

O Nacional (que, evidentemente, nada tem com os benefícios do Fundo do Teatro) repôs o êxito de Luís Francisco Rebelo, «Alguém terá de morrer», «Peraltas e sécias», na celebração do centenário de Marcelino Mesquita, e «Pleito de Família», de Diego Fabbri; o Trindade, em obediência ás directrizes oficiais, escolheu, para consagrar a obra de um autor falecido, a peça de D. João da Camara, «Amor de perdição», e estreou o novo original de Ramada, «Fogo de vista»; o Avenida, como o anterior subsidiado pelo Fundo do Teatro, e em obediência ao mesmo pensamento oficial, repôs «Envelhecer», de Marcelino, estreando, mais tarde, «O drama que ele não escreveu», de Rui Correia Leite; e o Monumental, depois de uma curta presença da companhia de Bibi Ferreira e de «Testemunha de acusação», de Michael Wright, repôs «A oitava mulher do milionário», de Savoir.

A par de alguns agrupamentos de bailado, no Tivoli deu-nos o São Carlos uma prestigiosa temporada de «ballet» (Grande Companhia do Marquês de Cuevas) com Rosella Hightower, Marjorie Tallchieff, Skibini e Serge Golovine.

Os Portugueses, porém, parece terem perdido o seu «élan». Escreveu-se muito sobre «ballet» português ou «ballet» em Portugal. Mas, verdadeiramente, só Fernando Lima, anunciado para Espanha e França, ergueu artísticamente essa bela aguarela plástica que é o grupo de «Bailados e Cantares de Portugal».

**EXCURSÕES**

Noite de Fim do Ano em Salvaterra no
**RIBATEJANO**
AGENCIA DE VIAGENS ROQUE
Telef. 28829

**Em ALCACER DO SAL o «Diário de Lisboa» vende-se na casa João André Monraia.**

# TAUROMAQUIA

## Um ano de actividade em que o nome português deu que falar pelo Mundo

No final do ano, e enquanto António dos Santos não começa de facto a tourear nas Filipinas, e Joaquim Marques não vai para o México, há a registar o êxito obtido por Francisco Mendes nas corridas de Caracas, onde ficou já contratado para a temporada de 1957 e lhe foi atribuido por unanimidade o trofeu de 1956, tal como em 1955 ganhou o de Lima. Mendes tem ainda três corridas contratadas em Manizales no mês de Janeiro, e mais três em Bogotá em Fevereiro, e confiamos em que começará bem o ano de 1957, e sem percalços como o que o fez perder o mês de Agosto de 1956.

Saindo do plano nacional, merece também registo os êxitos obtidos nas Américas por Antonio Bienvenida, Manolo Vasquez e Mario Carrion, e ainda os de «Litri», Antonio Ordoñez e «Chamaco» no México.

Total, meia duzia de toureiros de Despeñaperros para baixo, e mais um, porque Mendes nasceu em Beja que está na linha geográfica da Andaluzia, onde nascem os bons, os artistas, que do Norte só podem sair profissionais do ofício.

Prosseguindo na nossa mania geográfica, diremos, no plano nacional, que Vila Viçosa está já na linha de Badajoz, mas em boa altura para podermos acreditar que José Trincheira vai ser gente em 1957, porque tem um apoderado, um sobrinho de Juan Belmonte, que se interessa por ele.

Porque, acreditem os que embirram com os apoderados, sem eles, sem «manager», não se colocam toureiros nos tempos modernos, e não só toureiros como outras vedetas de espectáculos, então chamados agentes artísticos.

Vai longe o tempo em que o Joselito e Belmonte lhes bastava terem em Sevilha Manuel Pineda e Domingo Ruiz para os ajustarem para as corridas que em bandeja lhes iam oferecer todos os empresários. A Pepe Luís ainda bastou nos primeiros tempos o mesmo Domingo Ruiz, que já vinha da casa dos «Bombitas», mas a «Manolete» quem o colocou no devido lugar foi «Camora», que hoje delegou em seu filho a administração de «Litri», a quem Emilio Fernandez soube elevar com a ajuda de Manolito Gonzalez, e também de Antonio Ordoñez e «Chamaco», igualmente vindos de outros apoderados. André Gago, esse não herdou toureiros, fê-los, desde Arruza ao nosso Manuel dos Santos, e até ao também nosso Francisco Mendes, porque a ele se devem as boas administrações dos dois matadores de touros portugueses que mestre Patrício Cecílio ensinou. Aos que embirram com os

*O trofeu de Caracas ganho por Mendes*

apoderados diremos que ambos sem Andrés Gago, talvez não chegassem a ser figuras em Espanha, em França e nas Américas.

Dir-me-ão que são os apoderados que elevam os preços dos toureiros e, consequentemente, o custo das corridas e dos bilhetes; mas, aos empresários compete não lhes aceitar as exigências e ter em conta apenas o interesse que aportam, porque os toureiros valem o que levam ás bilheteiras. E, em ultima instancia, resta ao publico o recurso de não os ver, quando não interessem; mas, a verdade é que os toureiros mais baratos são afinal os mais caros, porque esses são os que não interessam, aliás pediriam mais dinheiro.

Quanto aos cuidados que os apoderados possam ter na escolha dos touros para os seus toureiros—cuidados legítimos desde o ponto de vista da defesa dos próprios toureiros — diremos que, quando haja abusos na pequenês ou no que for, são verdadeiramente responsáveis os ganaderos, e seus cumplices os empresários. E contra estes, quando atraído com falsos reclames, e enganado, tem o publico o recurso do protesto que vai desde o ruidoso até ao silencioso da ausência a futuros espectáculos, que é o maior castigo se for merecido.—«EL P. P.»

Diário de Lisboa

# Perante uma Académica despreocupada

## os campeões tinham a obrigação de fazer mais...

O guarda-redes Pinho encosta a bola ao peito e fixa Abreu, estatelado a seus pés. Bentes renuncia ao lance. Arcanjo observa. E os fotógrafos disparam...

por **A. Arrobas**

Estava dentro das previsões gerais que o Académica-F. C. Porto seria disputado mais em forma de competição do que propriamente em exibição demonstrativa de futebol clássico.

De facto, tais provisões não foram desprovidas de lógica, dado que os campeões nacionais, necessitados de uma vitória que lhes desse tranquilidade, e um passe firme para a conquista do desejado título, deviam emprestar á partida toda a sua vontade e energia possíveis, ainda que sacrificassem para um plano secundário o aspecto técnico do encontro.

Sem um adversário á altura de lhes tolher os movimentos, os Portuenses foram na sua deslocação a Coimbra, bastante felizes, pois até o 3-0 alcançado sobre o antagonista pode considerar-se demasiado severo, atendendo a que o jogo desenrolado não correspondeu de forma condigna aquele resultado.

Perante uma Académica despreocupada sem inércia, os campeões tinham a estricta obrigação de fazer um pouco mais daquilo que nos foi dado presencear. Notou-se logo de início, no F. C. Porto a preocupação evidente de abrir o activo, o mais breve possível, como que a procurar desferir o golpe de forma a atingir os estudantes ainda na fase «fria» da partida.

Para isso, foi confiado ao habilidoso Hernani, sem contestação o melhor elemento do F. C. Porto, a colocação no ataque, para sobre si chamar as atenções de Melo, enquanto Wilson aguardava com pouca confiança as iniciativas do perigoso Jaburu.

Com a exuberancia manifestada atingiram os Nortenhos a sua finalidade, pois Hernani aos 15 minutos, rematou, sem que a defesa escolar se impusesse firmemente, o primeiro golo que viria a pesar no rendimento dos académicos.

A turma escolar sentindo a falta de consistência do seu sector defensivo no qual assentam os princípios básicos das jogadas a realizar, não deu boa conta de si, restringindo-

(Continua na 7.ª página)

Pinho defende, com segurança e apoiado por Arcanjo

# Armando Carneiro

## e a festa de homenagem amanhã, na Tapadinha

*Armando Carneiro, o popular jogador do Atlético, vai ser, amanhã, alvo de justa homenagem.*

*O popular jogador alcantarense terá, de certo, oportunidade de verificar quanto é estimado e apreciado não só pelos milhares de adeptos do clube, cujas cores defende há muitos anos, como também pela generalidade dos desportistas de todos os credos clubistas.*

*Para o confirmar, será suficiente a afirmação de que Armando Carneiro nunca se opôs, ao longo da sua carreira de futebolista, a actuar em qualquer posto — e chegou a ocupar todos — por compreender que essa dispersão além de só por si em nada poder abalar a sua personalidade desportiva, era necessária para o bom nome da sua equipa.*

### O programa de amanhã

Corresponderam ao convite que Armando Carneiro dirigiu para comparticipar no festival os três grandes clubes da capital — Benfica, Sporting e Belenenses — que com o Atlético disputarão dois desafios de futebol.

Em primeiro lugar, o Belenenses defrontará o Sporting, partida que está a despertar o maior interesse, porquanto são duas equipas que, a despeito de na tabela da classificação do campeonato nacional, se encontrarem com quatro pontos de diferença, oferecem sempre desepique emocionante e de interesse.

Finalmente, o Atlético exibir-se-á contra o Benfica, fazendo os alcantarenses a apresentação ante o seu publico depois de alcançar magnífica vitória sobre o Oriental e que lhe abriu novos horizontes na grande competição.

O primeiro desafio começa ás 13 horas.

ESTA NOITE, EM S. PAULO

# Manuel Faria

## ao lado de 270 atletas na corrida de S. Silvestre

A «Corrida de S. Silvestre», organização da «Gazeta Esportiva de São Paulo», Brasil, desde há muito tempo começou a tornar-se famosa, pois a participação de atletas estrangeiros, nomeadamente, os mais extraordinários corredores de fundo do Velho Continente, deram-lhe notória evidência.

Para os Portugueses, a grande corrida (7.200 metros através das ruas da capital de São Paulo) só começou a tornar-se conhecida em 1951, com a participação de Filipe Luís, que foi, até agora, o melhor português em terras de Santa Cruz. A sua classificação foi de 11.º. No ano seguinte, foi José Araujo, do Benfica que correu, obtendo o 24.º lugar. E em 1953, representou o nosso País naquela corrida nocturna, o corredor Manuel Faria, do Sporting, conquistou o 14.º lugar.

A partir daquele ano registou-se um interregno resultante de vários factores, um dos quais foi, sem duvida, a irregularidade das actuações dos atletas portugueses.

Este ano, Portugal volta a estar presente na Corrida de S. Silvestre, precisamente pelo atleta que o representou da ultima vez — Manuel Faria. A subida de «forma» e de «classe» do nosso representante faz-nos pensar numa boa classificação, sendo até de admitir que rectificará a posição anteriormente alcançada.

Os jornais brasileiros afirmam que Manuel Faria se encontra em

(Continua na 7.ª página)

Uma imagem do jogo que, além de tudo, dá uma ideia sugestiva do estado do campo dos Arcos. José Pereira teve de antecipar-se a Emidio Graça, que está em lance de ataque, para este não rematar em boas condições. Á sua volta, de botas enterradas na lama, vêem-se Moreira (admirado com a defesa), Vicente (já confiante) e Di Pace (sorridente...). Vaz, de braços cruzados, como que lamenta a perda do lance. Esta simples jogada traduz o ímpeto dos Setubalenses

O JOGO DO CAMPO DOS ARCOS

# Algumas coisas boas e más!

## por TAVARES DA SILVA

*Raramente num desafio só há coisas boas! Esses são a excepção, aliás, raros. Porque todos os encontros, regra geral, dão-nos alguns aspectos agradáveis, de boa ordenação, jogadas intencionais, espírito de sacrifício, e outros são monótonos, tristes, aborrecidos. Ora, desde que estes ultimos aspectos não afectem a disciplina no rectangulo ou as boas maneiras, o que é imprescindivel para se viver em sociedade, tudo corre pelo melhor. O pior é o trecho indesejável, quando os jogadores pisam o risco e se consideram em guerra, mata-mouros, não pela conquista dos pontos da tabela, mas lutando pelo exterminio da raça contrária...*

*Não é que o caso não tenha um fundo emocional e pitoresco,*

(Continua na página seguinte)

Os jogadores do Lusitano, depois de terem andado noventa minutos em toada de jogo defensivo, na chamada «caça aos pontos», pretenderam levar em triunfo o seu treinador, o brasileiro Otto Bumbel, que se recusou á homenagem

# Os moldes da "Taça"

A Comissão nomeada pela elaborar o regulamento do torneio da Taça de Portugal reuniu-se na sede da F. P. F., tendo aprovado o projecto gizado pela A. F. L. e do qual consta o seguinte:

Tomam parte na prova 37 clubes.

Na primeira eliminatória participam os 22 clubes da 2.ª Divisão, os que não foram qualificados para a fase final.

Apuram-se, portanto, 11, aos quais se juntam, na segunda eliminatória, 9 clubes da 1.ª Divisão, os que fiquem classificados depois do 5.º lugar, no seu respectivo campeonato.

Apuram-se, assim, 10 clubes para a terceira eliminatória e a esses se agrupam os 5 primeiros do campeonato da 1.ª Divisão e ainda o representante das Ilhas.

Jogos a eliminar, em duas mãos, excepto o da final.

# Estado do campo e Arbitragem

## na base da produção

(Continuação da página anterior)

*o cinema dá-nos dessas imagens, a tristeza advêm de se concluir que o jogador português ainda está longe duma boa consciência profissional, tendo um conceito muito afastado do que deve ser o jogo da bola, mesmo que renhidamente disputado — em terreno deplorável!*

*

*Consideramos, na verdade, que o estado pantanoso do campo dos Arcos contribuiu para algumas cenas de grande violência que, infelizmente, se verificaram.*

*No instante em que se fazia ouvir o apito do início, caiu uma forte bátega de água que tornou o terreno mais pegajoso do que já estava. Choveu copiosamente durante cinco minutos, a luz doirada dum Sol triste fez depois a sua aparição, mas o campo, pisado e repisado, ganhava cada vez mais rugas, envelhecia, apresentando-se no período final quase que impraticável.*

*Por isso acusamos esta espécie de campo, não completamente, porque decerto ele se revoltaria, mas na justa medida. E' sem duvida rectangulo que perturba a técnica e a manobra, convidando ao choque, dando favoritismo ao jogador de menor equilíbrio...*

*

*Talvez seja já esta a altura de nos referirmos a alguns aspectos da partida, emotiva e corajosa, um pouco sangrenta e rude. Ou talvez devêssemos deixar este aspecto primário de técnica lá mais para diante. Sempre nos atreveremos a dizer que foram poucos os jogadores que se adaptaram ás condições do terreno, verificando-se essas inadaptações, em maior numero, no grupo belenense, o que não deverá estranhar-se, pois os elementos da Cruz de Cristo estão acostumados ás delicias da relva, privilégio que por enquanto não chegou a toda a parte.*

*Parece-nos estranhável, de qualquer modo, que os belenenses, estamos a afirmar a regra, tivessem adoptado o «dribling» curto, acentuando-se que, mesmo no trecho do quarto de hora de entrada da segunda parte, de forte domínio territorial do Restelo, fosse ainda o predominio do drible em que se baseavam as operações.*

*Semelhante orientação de ordem técnica, injustificável, teve ainda como consequência um desgaste extremo, ao ponto do Belenenses acabar o desafio, dando a sugestão de haver atingido o limite do seu fôlego e forças, o que não acontecia no seu antagonista, ainda que mais posto á prova pelas contingências da luta.*

*Afirme-se, pois, que o estado do campo não foi o culpado completo do que se passou, quanto ao baixo nivel de jogo e ao regime de violências, ainda que se lhe possam atribuir amplas culpas (em terreno seco, Dimas teria feito, certamente, o seu golo).*

*

*J u s t ificava-se perfeitamente que, em semelhantes rectangulos, reafirmêmo-lo, odientos, o sistema de marcação se tornasse mais apertado, pois a recuperação é difícil e quem se sabe menos destro toma maiores precauções para não ser batido. E compreende-se, por exemplo, que o médio Pellejero se agarrasse a Casaca, desde o princípio da partida, numa perseguição absoluta,, de todos os instantes e golpes. Deram-se, assim, alguns choques entre estes dois jogadores, e aos 33 minutos registava-se uma atitude inconcebivel de Casaca, de que resultou rebentar, segundo julgamos, a arcada supraciliar do jogador belenenses, cuja cara se transformou numa mancha de sangue, tendo sido retirado para a berma do terreno, e ali mesmo suturado pelo dr. Silva Rocha, reentrando alguns minutos depois novamente em jogo (Pellejero deu provas da sua magnifica coragem, ao querer continuar na luta, até sem tratamento). Mas do que não há duvida é de que Casaca ditara, nesse momento, a sua expulsão, e quem o deixou lá ficar — procedeu muito mal...*

*

*Tão mal que nos dez minutos finais da primeira parte, após a marcação do penalti injusto, o jogo adquiriu uma feição de que já andávamos esquecidos, há muito tempo... Houve jogadas, por parte de alguns elementos, de singular violência.*

*Nós compreendemos que os árbitros, desempenhando tarefa tão difícil e sujeita ao vendaval das paixões, prefiram o modelo da arbitragem paternal, em vez da orientação preventiva e até repressiva. Casaca, jogador que apreciamos e que já tem a prática suficiente para não se exaltar em demasia, deu o sinal indicativo para a arbitragem ser implacável. Mas o seu sinal só foi entendido muito mais tarde, e nesse momento os jogadores colaboraram no chamado regresso á normalidade. Devemos dizer que o interior-direito de Setubal esteve exasperado em todo o decorrer do jogo — só foi advertido aos dezoito minutos da segunda parte, — fechando a sua actuação com um final de acto que define o seu estado de espirito, uma vez acabado o jogo — dar um grande «balão» por cima da cobertura das bancadas.*

*Ao estado do campo junta-se, pois, a arbitragem, que ainda por cima influiu no resultado, ao marcar um penalti contra a equipa de Setubal, por suposta falta de Graça a Dimas, aos 35 minutos. Tratava-se dum corte de jogo, em que Graça estava apenas em desequilibrio, não se justificando de modo algum a grande penalidade, transformada por Perez, mal, todavia, contando golo...*

*Se esmiuçássemos o jogo, convenientemente, para defesa da nossa opinião, encontrariamos lances contra-regulamento que passaram em claro, havendo delinquências. Julgamos que a saída de Pellejero ocorrida alguns momentos antes constituiu, no fundo, a determinante do penalti... Que Graça pagou a mancha de sangue da cara de Pellejero!*

*

*Não poderá dizer-se, no entanto, que tudo foi mau! Até á altura em que os grupos estiveram completos — a primeira expulsão, de Fernandes, proveniente duma feia acção da sua parte, também sobre Pellejero, verificou-se aos 42 minutos — o encontro teve um sinal de luta renhida, e de esquemas executados com velocidade. Ora, rapidez e desmarcação são bons sinais.*

*

*O Belenenses invadiu de início a pista do adversário, dando a Bezerra e Pellejero a organização do jogo ofensivo, de tal maneira que o seu golo, aos dez minutos, não surpreendeu: a jogada desenvolveu-se pelo lado direito, acabando com remate do interior-esquerdo, ressalto do corpo do guarda-redes, e pontapé colocado, vitorioso e fácil de Tito (pontapé menos valioso do que a colocação, nesse momento, do extremo-esquerdo).*

*O Belenenses nem teve tempo de gozar este golo... Logo a seguir, meio-minuto, dum canto marcado por Miguel, o outro extremo, Inácio, estabeleceu o empate. Inácio estava junto do poste mais próximo, aí se tinham colocado Carlos Silva e Pires (se não estamos em erro), José Pereira estava no poste mais afastado, mas apesar da cobertura dos defesas do Restelo, o jogador de Setubal não teve dificuldade em empurrar a bola, apontando o árbitro — esboçavam-se protestos — próximo do lance, o centro do terreno.*

*

*Aí se descobriu mais o estilo do onze do Vitória, votado ao ataque, mercê da distribuição do médio Pinto de Almeida que usa umas botas, deve dizer-se a verdade e prestar justiça a este ve-*

O tradicional aforismo «Ano terano que ainda é jovem, ou o parece, que sabem jogar muito bem á bola.

*Os Setubalenses fizeram, neste período, entre os quinze e os 28 minutos, o seu melhor, com a equipa a acertar o passo, além de dotada de belo ímpeto.*

*

*Com dez elementos, e com mais uma unidade avariada, Inácio, sob a influência de forte comoção, que todo o fazia tremer, não o deixando dar uma qualquer contribuição ao seu conjunto, o Belenenses regressou á toada de domínio. O seu dispositivo de ataque já era, no entanto, diferente, passando a linha dianteira a ter a composição Tito-Perez-Dimas, com Di Pace, recuado, nas costas de Tito, formando-se assim uma linha de duplo objectivo, defensivo-ofensiva, com Di Pace, Pellejero e Bezerra.*

*Sem duvida, embora se registassem algumas reacções perigosas dos Setubalenses, a superioridade do onze lisboeta era patente, se bem que estivesse um tanto ou quanto receoso, como a sua própria manobra indicava. Com a expulsão de Carlos Silva verificada aos 28 minutos da 2.ª parte, por falta que indicava o caminho do vestiário, a visão da partida transformou-se bruscamente. Vicente, de grande influência no jogo, passou para defesa-direito, Di Pace quase que não alterou a sua tarefa firmando-se mais acentuadamente no lugar de médio-direito, mas o «team» retraiu-se, facultando uma reacção vigorosa do adversário na parte final.*

*

*A partida era então disputada num verdadeiro pantano, mas os Setubalenses talvez animados pela miragem do empate, que milagrosamente se lhes escapava, nem acusavam o estado do campo, atacando com excepcional energia. Todavia, os remates saiam mal; e o mais perigoso, de Pinto de Almeida, já em cima do fim, proporcionou excelente defesa de José Pereira.*

*

*Não foi só neste trecho, um pouco angustioso para o quadro de Belém, que se destacou a acção de Vicente e Pires (este fazendo um defesa-central estupendo), mas no decorrer de todo o encontro. Não se põem reservas á dedicação de todos os elementos, ainda que os jogadores-artistas fossem, lógicamente, os que mais tivessem sofrido, dando uma impressão, sem duvida, errada, de pouco-interesse. Contudo, os dois apontados merecem largamente o destaque de citação.*

*

*Setubal jogou ao seu gosto, não é grupo que adopte o figurino defensivo, caso curioso, nem dentro nem fora de casa. Perderá assim alguns pontos da Tabela, mas não seremos nós a acusá-lo de estar fora das realidades do campeonato, pois apreciamos no seu devido valor a beleza da sua atitude. Já falámos de Pinto de Almeida, e pondo de lado o caso de Emídio Graça, atraiçoado muitas vezes pelo terreno, dado o seu estilo de passe, queremos enaltecer, entre todos, o jogador Soares, que desempenhou o lugar de defesa-direito de forma a destacar-se, estando quase sempre bem nos lances defensivos e explorando de forma excelente o terreno livre. Concedemos que se trate duma exibição ocasional, mas cesteiro que faz um cesto faz um cento. Todos os jogadores de Setubal deram-se também á luta, totalmente. Neste aspecto, o pleito dos Arcos foi unico.*

*T. da S.*

**Penalti! Graça, em oposição a Dimas, foi punido (grande erro da arbitragem). Havia 35 minutos de jogo. Perez encarregado de marcar o penalti, iludiu o guarda-redes, que, ao desviar-se para o lado direito, deu pela bola a entrar quase pelo centro das balizas, um pouco para a esquerda... E o resultado estava feito**

**Aos dez minutos, em lance que derivava do lado direito, Bezerra fez embater a bola no corpo do guarda-redes e, no ressalto, Tito enfiou-a nas balizas, após o que foi abraçado por Bezerra e Dimas. Vaz espelha bem a tristeza que o invade. E esta imagem dá-nos as duas faces, a alegria do golo e a tristeza que provoca em quem o sofre**

# Os jogos da 2.ª Divisão

## ZONA NORTE

EM CORUCHE

## Excelente jogo dos locais

A expectativa criada á volta do encontro entre Coruchenses e Olhanenses correspondeu, em todos os aspectos, embora a assistência não tivesse sido a que se esperava, pois a chuva que caíra durante a manhã, deve ter afastado muito publico do campo, que registava ainda regular assistência.

Grande partida realizaram os locais, especialmente, na primeira parte, que foi jogada com uma velocidade que só a boa condição física de ambas as equipas permite, mormente, em terreno encharcado, como se encontrava o da Horta da Nora.

Venceu a equipa mais poderosa e a que melhor jogou. Poucas vezes temos visto um entendimento tão perfeito, tão certo, com jogadas com principio, meio e fim, como a maior parte das que se realizaram neste encontro por parte dos Ribatejanos. Com uma defesa menos batida de todo o campeonato, a equipa local destroçou, por completo, o sistema de jogo que a equipa algarvia tem vindo a exibir neste campenonato.

Mas uma coisa é certa e disso foram os Algarvios convencidos — quando se defronta uma equipa com a garra com que o quadro local actuou, e ainda por cima no seu terreno, o desfecho não pode ser outro.

Foram os Olhanenses dignos vencidos e durante o jogo, àparte um ou outro encontro, motivado mais pelo estado do terreno, verificou-se uma correcção que pouco se observa em jogos desta Divisão.

Na segunda parte, que foi jogada com menos velocidade, os locais, nos primeiros trinta minutos, impuseram-se, baixando um pouco no quarto de hora final, resultado da pequena lesão de Alfredo e durante o qual a equipa algarvia desfrutou de superioridade até á marcação do terceiro tento dos locais.

O ponto de honra obtido pelo Olhanense, já perto do fim, premiou o seu labor e o resultado ajusta-se ao desenrolar da partida que foi correcta e recheada de bons pedaços de futebol.

Não destoou o trabalho da arbitragem.

VÍTOR AMARO

O TORNEIO DA ZONA SUL

## O Coruchense no 2.º lugar

### por ter vencido o Olhanense

### e porque o Montijo perdeu em Evora

*O torneio da Zona Sul do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão prosseguiu ontem com os encontros da sua 18.ª jornada. O programa não se cumpriu integralmente, ficando por disputar o desafio Arroios-Estoril, de bastante interesse para as aspirações dos dois clubes. Indiscutivelmente o desafio de maior expectativa foi o Coruchense-Olhanense, entre duas equipas que têm fundadas aspirações. Como se esperava, o Coruchense venceu e com a ajuda da derrota do Montijo, a equipa do Ribatejo firmou-se na segundo lugar.*

*Radicou-se a impressão de que a luta para os três primeiros lugares está limitada aos quatro do topo da classificação. Uma diferença de cinco pontos separa o 4.º do 5.º e estão vencidos dois terços da prova.*

*A luta entre os ultimos está, também, a revestir-se do maior interesse. Ontem nenhum perdeu—Juventude, Portimonense e Almada (este empatando). A equipa da margem esquerda do Tejo agravou a sua posição, que não é desesperada, no entanto.*

### Resultado modesto dos Farenses

O Farense recebeu ontem o Desportivo de Beja e embora se reconhecesse que era de exigir certa cautela aos Algarvias, admitia-se que o desejo dos Farenses se reabilitarem do desaire sofrido frente ao Arroios conduzisse a um resultado mais expressivo do que aquele que se registou.

Realmente era de esperar que o guia impusesse mais claramente a sua superioridade. O Farense não chegou a desiludir, mas, também, não chegou a satisfazer os seus adeptos. Sobretudo na 1.ª parte, a equipa não esteve á altura de exibições anteriores, parecendo confundida com o acerto do trabalho da defesa bejense, que em alguns teve sorte.

### Os médios algarvios

Admitia-se que o desafio de Portimão, entre a equipa local e o Portalegrense, decorresse com agrado e assim sucedeu. A aplicação constante das duas equipas, mormente na primeira parte tornou a luta animada e a marcação assaz elevada de golos—nada menos de oito—também foi motivo de agrado.

Os Portimonenses evidenciaram vontade mais firme de triunfar e na base do bom trabalho da equipa durante os 45 minutos iniciais, esteve decisivamente a acção dos seus médios. A vantagem de dois golos ao intervalo (3-1) traduzia com justiça o melhor labor dos Algarvios, que na 2.ª parte decaiu notoriamente, para permitir que o trabalho dos Portalegrenses viesse mais ao de cima. Em determinada altura—com o resultado em 4-3—chegou a haver incerteza quanto ao desfecho da luta. Mas, o 5.º golo veio em boa altura e ao fim e ao cabo a vitória dos Algarvios aceita-se bem.

### As classificações

| | J. | V. | E. | D. | Golos | Ponto |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Farense | 18 | 13 | .. | 2 | 40-24 | 29 |
| Coruchense | 18 | 9 | 6 | 3 | .-10 | 24 |
| Olhanense | 18 | 11 | .. | 6 | 42-24 | 25 |
| Montijo | 18 | .. | .. | 4 | 37-25 | 23 |
| Desp. Beja | 18 | 8 | 2 | 8 | .-6 | 18 |
| Arroios | 17 | .. | 6 | 6 | 26-27 | 16 |
| Olivais | 18 | 7 | .. | 9 | 4-31 | 16 |
| Portalegrense | 18 | 6 | 4 | 8 | 34-40 | 16 |
| União M. | 18 | 7 | 2 | .. | 39-45 | 16 |
| «Os Leões» | 18 | 6 | .. | 9 | .-31 | 15 |
| Juventude | 18 | 6 | 3 | 9 | 18-6 | 15 |
| Estoril Praia | 17 | 6 | 2 | 9 | .-28 | 14 |
| Portimonense | 18 | 6 | 2 | 10 | 37-.. | 14 |
| Almada | 18 | .. | 5 | 10 | 26-.8 | 11 |

### O Juventude venceu bem

Os Eborenses do Juventude tinham ontem, ao receber o Montijo, tarefa assaz difícil, de que se saíram airosamente, com a obtenção de dois pontos preciosos.

Nesse aspecto, os Alentejanos podem dar-se por satisfeitos. Que não no nível técnico da sua exibição, pois, segundo rezam as crónicas, o trabalho do Juventude foi modesto. Verdade seja que o trabalho do Montijo, também, não foi de molde a satisfazer, quanto é certo que a este se poderia exigir mais. Enfim, resultado certo, num desafio de nível inferior.

GUIMARÃES-LEIXÕES — Martin, guarda-redes matosinhense, defende a soco

SALGUEIROS-BRAGA — Barrigana, o melhor jogador em campo, bloca a bola com energia, desfazendo a ameaça dos irmãos Mendonças

EM ALMADA

## A defesa visitante

### justificou o empate

Apesar de todos os esforços e de um domínio constante, o Almada não conseguiu sair vitorioso do seu campo. E' certo que procurou sempre, por todos os meios, o golo que nunca mais surgia, carregando impiedosamente sobre o terreno do adversário e lançando-se ao ataque como um bloco irresistível. Mas, pela frente, encontrou uma muralha defensiva quase inexpugnável, uma barreira sem aberturas por onde pudesse romper.

Durante os noventa e cinco minutos da partida, o seu guardião raras vezes teve que intervir, dada a ausência de avançadas perigosas por parte dos visitantes. Em contrapartida, Oliveira Martins, cansou-se a defender as suas redes, em tantíssimos lances de apuro que os atacantes almadenses criaram na sua grande área. Pode dever-se a ele, em grande parte, o facto de os locais não conseguirem marcar, pois — mesmo tendo em conta o bom trabalho dos seus médios e defesas, que nunca consentiram movimentos livres á formação atacante adversária — algumas jogadas possíveis de golo foram desfeitas pelas suas arrojadas intervenções.

Não se pode culpar totalmente a linha dianteira do Almada pela ausência de golos. Os rapazes entregaram-se á luta com brio e vontade e seria injustiça dizer que jogaram mal. A razão do fracasso, repetimos, está na superior actuação da cortina defensiva de «Os Leões», que anulou muito bem o domínio territorial obtido, desde o inicio de jogo, pelos donos da casa.

O jogo decorreu com agrado, mostrando o grupo de Santarém melhor ligação, quer na entreajuda da defesa, quer na combinação de ataque, esta prejudicada pelo recuo dos seus elementos, que só podiam agir em contra-ataques rápidos e de surpresa, aliás também sistemáticamente destruidos pela defesa local.

O sr. Eduardo Gouveia dirigiu a partida com acerto e reprimiu com autoridade indícios de dureza mostrados na segunda parte do encontro.

CARMO RAMOS

### UMA VITÓRIA

#### de Niño Valdez

Em Dortmund, o pugilista Niño Valdez, pretendente cubano ao título mundial dos pesados, bateu o alemão Heinz Friedrich, por desistência.

### Mais um «record»

#### de Tineke Lagerberg

Em Naarden, a jovem nadadora holandesa Tineke Lagerberg, bateu o «record» mundial dos 200 metros, mariposa, em 2 m. e 42,3 s.

EM ITÁLIA

### O Milão segue em 1.º lugar

ROMA, 31 — Nos jogos ontem realizados, a contar para o campeonato nacional da Primeira Divisão da Federação Italiana de Futebol, registaram-se os seguintes resultados:

Fiorentina, 3-Triestina, 0; Milão, 2-Génova, 0; Pádua, 0-Lázio, 1; Palermo, 0-Juventus, 2; Roma, 1-Nápoles, 3; Sampdoria, 1-Bolonha, 1; Spal, 5-Lanerossi, 2; Turim, 2-Atalanta, 0; Udinese, 1-Internazionale, 0.

*Clasificação geral:* Milão, 18 pontos; Fiorentina, 17; Internazionale e Juventus, 16; Sampdoria, 15; Nápoles, 14; Pádua, Udinese e Lázio, 13; Roma, Triestina, Turim e Spal, 12; Bolonha, 11; Palermo, Lanerossi e Atalanta, 10; Génova, 8.

O Atalanta e o Udnese têm menos 1 jogo. — (A.N.I.).

NA FRANÇA

### O Saint-Étienne mantem-se à frente

PARIS 31 — Resultados dos jogos do campeonato nacional da Primeira Divisão:

Toulouse, 1-Saint-Etienne, 0; Nancy, 2-Racing, 5; Lião, 2-Rennes, 0; Mónaco, 1-Marselha, 0; Valenciennes, 2-Nice, 1; Nimes, 3-Sochaux, 0; Reims, 2-Metz, 1; Angers, 1-Lens, 0.

O encontro Estrasburgo-Sedan foi adiado.

*Classificação* (depois da 10.ª jornada): Saint-Etienne, 26 pontos; Lens, 24; Reims, 23; Angers e Marselha, 21; Mónaco, Racing e Toulouse, 20; Nimes e Sochaux, 19; Nice, 18; Lião e Valenciennes, 16; Sédan, 15; Nancy, 13; Estrasburgo e Rennes, 11; Metz, 10.—(A.N.I.).

NOS OLIVAIS

## O segundo tento dos vencedores

### *surgiu na melhor altura*

Teve interesse o jogo de ontem nos Olivais, apesar de se tratar do encontro entre dois grupos colocados a meio da tabela, que não têm pretensões á fase final e estão afastados dos lugares de perigo.

Nos primeiros 15 minutos, houve equilibrio de forças, sem golos, com a linha avançada do Olivais a estabelecer lances de maior perigo, e o primeiro golo não chegou a modificar as características do encontro. O jogo modificou-se, um tanto, na altura do empate porque os «encarnados» esfriaram no seu entusiasmo e permitiram que os rapazes de Montemor aparecessem mais vezes na zona de perigo. Não repugnou, portanto, o resultado dos primeiros 45 minutos, até porque se o Olivais jogou mais, o União de Montemor jogou melhor.

No segundo tempo tudo se modificou. Os donos do campo, que já tinham Paiva na linha da frente por se ter magoado num pontapé mal dado, trocaram as cinco pedras e com elas se lançaram deliberadamente ao ataque. Do tradicional 7, 8, 9, 10 e 11 passou a ver-se 11, 7, 5, 8 e 9 e não pode dizer-se que a ideia não tenha dado resultado.

Depois de novo golo de Gonçalves, na transformação de uma grande penalidade a castigar, forçadamente, uma obstrução de Narciso a Mário Silva, castigo que substituiu o livre indirecto que seria razoável, o Olivais foi aumentando gradualmente o seu domínio, gizando melhor as suas jogadas e aproveitando a magnífica actuação de Gomes, de longe o melhor jogador em campo. A linha da frente, onde Paiva veio a ser elemento de destaque, instalou-se no meio campo do adversário e obrigou a defesa contrária a trabalho aturado, mas nem sempre perfeito. Foi Paiva quem, ao fazer 3-1, tirou ao Montemor as possibilidades de empate e a vitória dos donos do campo tornou-se ainda mais segura quando numa carga de Narciso—esta sim! —provocou novo «penalty» e novo golo de Gonçalves.

Os rapazes de Montemor cederam então, sem todavia deixar de conduzir, da melhor forma, algumas avançadas a que, todavia, não davam a finalidade adequada. Tudo se perdia na linha dos defesas contrários. Já senhores da situação não foi difícil aos «encarnados» confirmarem a vitória—que nos pareceu certa.

Não gostámos da arbitragem do sr. Isidro Fragoso, de Santarém. Perdoou duas grandes penalidades, uma para cada lado, quando houve mão de Gomes e os grupos ainda estavam empatados e quando Salgueiro agarrou Artur, então já com o resultado a pender para os «encarnados». Em contra-partida assinalou uma penalidade máxima, muito forçada, a qual abriu ao Olivais o caminho da vitória. Também invalidou um tento por «fora de jogo» de um avançado «encarnado», que, quanto a nós, não se justifica.

ANTAS TEIXEIRA

**Estantes e secretárias**

**USADAS E NOVAS**

**Armários arquivo, mesas de trabalho, escrita, c p.ª máquina, em vários tamanhos, fauteuils, giratórios c simples, cadeiras, ficheiros, carpetes, maples, etc., grande variedade tem p.ª vender o**

**BAZAR NOBRE, LDA.**

**Rua de S. Bento, 224—Telef. 661227 (á Praça de S. Bento)**

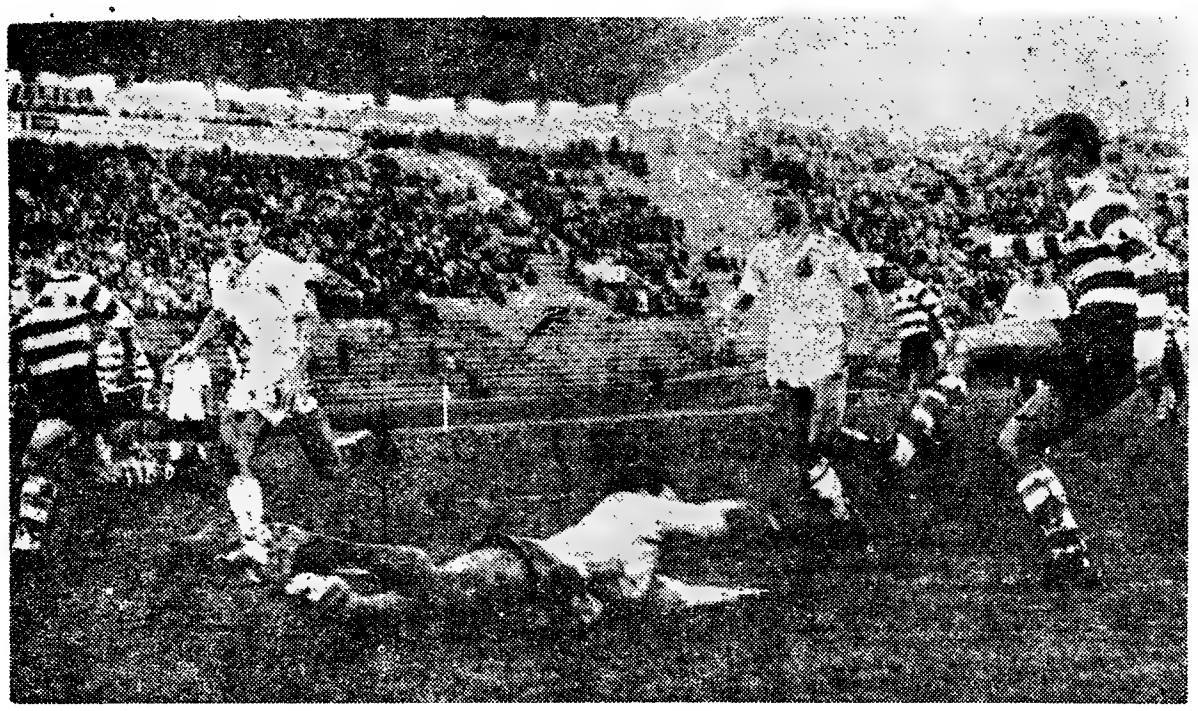


Imagem do golo com que o Sporting conseguiu empatar o desafio. Vital, que foi um dos melhores jogadores em campo, ainda se lançou, mas o remate de Martins foi fulminante. Deve dizer-se que oportunidades como esta teve o Sporting muitas, mas os seus avançados perderam-nas por precipitação

NO ESTÁDIO ALVALADE

# Futebol trapaceiro

**Por Luis Alves**

Se Deus nos der saude e sorte havemos de chegar a ser grandes e temidos em todo o Mundo, talvez mesmo invencíveis, nesta nova maneira de jogar futebol:—não jogar e não deixar jogar. Abundam os mestres, adaptam-se os alunos sem qualquer noção e a especialidade até já tem os seus arautos.

Iremos longe.

Não vá pensar-se, por este exórdio, que condenamos as tácticas defensivas praticadas, digamos, dentro dos limites da decência desportiva. Apenas condenamos, não o uso, mas sim o abuso, das práticas que o eufemismo encerra.

Cada equipa tem o legítimo direito, sem lesar as boas normas do ideal desportivo, de se remeter á defesa na razão inversa da força superior que reconheceu ao adversário. Isso está certo. O que não está certo (e estas considerações visam a generalidade), é que uma equipa se remeta a um jogo puramente negativo, para satisfação de razões que nem marginalmente poderão ser consideradas, dado que nada têm que ver com a ideia desportiva, como seja a valorização do comando tecnico e a presença cimeira na tabela da classificação. Importa saber e afirmar corajosamente, como é nosso dever, e como é obrigação de toda a gente desportiva saber, que a finalidade da competição não é essa. Aqueles dois casos marginais apontados, só poderão ser considerados, desde que se mantenham nos limites de uma natural consequência. Só assim.

●

Seria cómodo e fácil, a quem quisesse viver a bem com Deus e com o Demónio, descobrir meia duzia de argumentos que pudessem dar a ilusão de uma justificação para o empate de Alvalade, tirando deles, finalmente, todo o partido permitido por uma enganadora grinalda de adjectivos laudatórios. Cairiamos na inevitável e inexpressiva «falta de sorte» para satisfazer o Sporting, e, lógicamente, no «espírito de luta», na «garra», para envolvermos em papel dourado a acção negativa do Lusitano. O empate ficaria justificado.

Mas este jornal tem uma tradição de verdade a defender, e quem nele trabalha, se não é corajoso a defender a verdade por imposição de caracter e noção profissional, tem de o ser, ainda assim, em obediência áquela honrosa tradição.

Nós podemos dar-nos ao luxo de ser pouco obedientes...

●

O futebol praticado pelo Lusitano no Estádio de Alvalade, só pode ter este nome: futebol trapaceiro. A acusação poderá parecer agreste, mas representa uma verdade inatacável. Ainda esta época não tinhamos visto jogar o Lusitano. Fomos ao Alvalade para lhe aplaudirmos o mérito que o lugar que ocupa na classificação nos fazia admitir e certos de que iriamos ver duas equipas a olhar-se de frente, sem receio uma da outra, em jogo aberto, cada qual procurando fazer valer os seus trun-

(Continua na pagina seguinte)

EM TORRES VEDRAS

# Os Cufistas

## aproveitaram bem a «lição» dos Torrienses...

Os Torrienses receberam os «cufistas» acalentando, mais do que nunca, o desejo de infligir aos adversários a primeira derrota, pois nunca tal haviam conseguido desde que os defrontam em jogos de campeonato. Puderam alcançar esse objectivo — mas com evidente dificuldade, aliás bem expressa na marca de 2-1.

O terreno encontrava-se muito enlameado e nele, como é óbvio, experimentaram os contendores sérios embaraços, principalmente os dianteiros, que raras vezes conseguiam aplicar remates em circunstancias favoráveis. A bola, pesada e escorregadia, escapava-se-lhes, por vezes, de maneira desconcertante. De aí, não só a deficiência de remate, mas, também, as falhas consecutivas noutros importantes pormenores de execução.

Quando o terreno se apresenta em tão desfavoráveis condições, nada melhor do que saber organizar avanços com o sentido mais prático, fazendo-os carrilar, de preferencia, em passes largos, pelos extremos e procurando, na medida do possível, evitar ressaltos enganadores. Bola recebida — bola passada, como costuma dizer-se.

Depois de um pequeno período de estudo, os Torrienses aproximaram-se quase da perfeição. Os médios de ataque, em especial Forneri, deixaram de preocupar-se mais com o sistema defensivo, concentrando as maiores atenções no apoio firme aos colegas da vanguarda, e estes diligenciaram corresponder. pois movimentavam-se com destreza e argucia. O jogo seguia de preferencia pelos extremos, rápidos e decididos, e havia, por conseguinte, o intuito de não afunilar os lances de ataque pelo centro do terreno, tanto mais que a defesa contrária, com evidencia para Palma, se portava á altura das circunstancias, batendo-se com energia e bom sentido de oportunidade.

(Continua na 7.ª página)

O JOGO DE MARVILA

# Brio, decisão e velocidade

## foram os trunfos do Atlético

Por ISAAC PAIS

*Se tivéssemos de avaliar o mérito ou o valor da turma do Atlético pela exibição realizada ontem no campo «Eng.º Carlos Salema», chegariamos á conclusão de que a posição de «lanterna vermelha» só por mero incidente pode caber ao clube de Alcantara.*

*Claro que tal apreciação é descabida, mesmo considerando que a equipa nem sempre tem sido tocada pela varinha da sorte, mas, também, não podemos deixar de ter em linha de conta que a forma como o «team» se bateu ontem não é, positivamente, fruto do acaso ou consequência duma predisposição fortuita.*

*Antes de mais, há que dizer que a equipa do Atlético manteve, desde o início da partida, uma vincada personalidade, assente num sistema de jogo desbobinado com consciência, num ritmo de vivacidade crescente, sem atropelos e bem servido pela vontade indómita de todos os seus atletas.*

*E, no entanto, o dispositivo táctico da equipa parecia condenar ao malogro o esforço dos dianteiros, uma vez que tanto Armando Carneiro como Legas, tomaram posições no terreno que, aparentemente, revelaram uma tendência de características mais de defesa do que de ataque.*

*A unica duvida esteve até poucos minutos do fim, no resultado, embora a condução do jogo pertencesse ao Atlético e os seus movimentos ofensivos, sempre penetrantes e acutilantes dessem a cada momento, a sensação de golo,do golo justo e tranquilizador.*

*Impressionou a conjugação de esforços de que a equipa visitante deu mostras, batendo-se todos os elementos, de princípio a fim, sem um desfalecimento, cada um procurando ajudar o companheiro que ia ao lance. Mas, não deixa de merecer nota de relevo o sentido de jogo de conjunto revelado pelo onze alcantarense manobrando da defesa para o ataque com facilidade e consciência.*

*A equipa do Oriental, surpreendida a princípio com a disposição tinez, este-um elemento de apreciáveis qualidades técnicas.*

*No Oriental, Soares, com intervenções de muito mérito, foi a figura saliente, seguindo-se-lhe, em mérito Luz, Cordeiro e Fernandes, enquanto os restantes muito abaixo do que seria legítimo exigir-se-lhes, ainda que aqui e ali, esforçados.*

*do adversário, começou a certa altura a revelar perturbação, desorientando-se, tanto na defesa, como no ataque.*

*Falhando na marcação a meio campo e com os defesas laterais pouco rápidos (ou menos rápidos do que os adversários), a equipa da casa não teve, nos interiores, os homens que assegurassem o necessário equilibrio, pois Rogério e Leitão sempre integrados no ataque e insistindo em personalismos que o próprio estado do terreno condenava, deixavam atrás de si uma terra «de ninguém» hábilmente explorada por A. Carneiro e Oliveira, seus directos opositores.*

*Quere-nos parecer, no entanto, que o Oriental atravessa um período de acentuada quebra de poder físico que se reflecte, necessáriamente, na movimentação e ordenação da manobra da equipa.*

* * *

*A equipa de arbitragem, chefiada pelo sr. Raul Martins, de Lisboa, houve-se com acerto, apenas se vendo anotar, ao fiscal do lado da bancada, um fora de jogo assinalado a Martinez com muita precipitação, pois o avançado de Alcantara apenas fora... demasiado rápido na desmarcação.*

*Envolvendo todos os jogadores insitantes no mesmo grau de apreciação, quanto ao esforço desenvolvido e ao seu contributo para a vitória, é justo realçar, sem menosprezo para qualquer, as exibições de Orlando, Oliveira, Martinho II, Legas e Mar-*

Nos ultimos minutos da partida de Marvila, depois do Atlético ter obtido o golo que lhe deu justa e apetecida vitória, o Oriental lançou-se desesperadamente—mas também desordenadamente—em busca do ponto do empate, beneficiando de alguns pontapés de «canto». Na saída de um desses castigos, Moutinho falhou a defesa a soco, mas Rogério (encoberto) jogará de cabeça o esférico sobre a barra. No lance aparecem, ainda, Oliveira, Graça, Orlando, Hidalgo, Gonçalves e Almeida

Ot

* Com de

* ...ne tes

* ...qu ce a

*Reportando-nos, outra vez, ... centemente sobre a necessidade ... organizado e superiormente dir... pelo Instituto Nacional de Educ... técnicos de futebol em Portugal, ... alguns esclarecimentos, por ter... das, por algumas pessoas int... contrário do que se poderia su... exercem essa profissão e não po... valente ao 7.º ano liceal, não se... aquela medida, uma vez que, ... actividade nesse sector profissio... pecial para eles, sem que lhes f... bora também lhes solicitassem, ... tivos, pois não é concebível que ... de treinador a um individuo q... primária. Naturalmente, embore ... os mais cultos seriam talvez be... ral das coisas e, consequentemen... assim sucedesse. O que nos parec... da profissão e especialmente, pa... mento do futebol luso, é que se ... pois só assim se procurará trabal...*

*

*A celeuma levantada em to... juniores da Associação de Futeb... ramente o que aqui escrevemos ... rios e importantissimos motivos ... gal para proclamar os campeões ... havermos ficado perplexos ao sa... em partidas de basquetebol (ao ... regem a «bola ao cesto» em tod... der a nossa surpresa nem deix... desacordo, quando soubemos qu... terminam empatados são decidi... ver, então, os inumeros e perig... comporta, além de encarecermos ... cisão pelo sistema denominado ... de interesse publico e da difusã... ção do interesse financeiro, el... ultimos campeonatos nacionais ... Federação Portuguesa de Futeb... além do próprio Estado, deixam ... por não terem decidido os titul... em campo neutro. Concedendo-... um caso que dará lugar, certam... cuja decisão se apresenta difícil ... um torneio regional esse facto ... E' preciso atentar no progresso ... rigir, quanto antes, as falhas qu... librado desenvolvimento.*

*

*Realiza-se amanhã, na Tape... correcto defensor do Atlético, A... celentes recursos técnicos e, s... mando Carneiro distinguiu-se ... lhante carreira futebolistica, p... que se conduziu, grangeando ... todos. Por tudo isto, nada mai... giarmos inteiramente a festa d... a um atleta brioso e merecedor ... aplauso caloroso e sincero. Fel...*

*

*Enfrentando em nosso estádi... do Covilhã, assinalámos ontem, ... contagem bastante expressiva. ... «chance» que acompanhou o on... um «marcador» ainda mais volu... dos nossos contendores, que me... dros que nos defrontam na Luz, ... sobre a defesa, sempre procura... gadamente, tendo o «timinho» f... tendo intactas a confiança e a ... equipas possuem, voltou a nossa ... ria. o que lhe permitiu continuar ... menos até domingo próximo, a li...*

*O encontro, que teve uma ... biente de são desportivismo, o q...*

*

*Expressando sinceramente o ... ano próspero e feliz para o povo ... namos a ultima crónica de 19... quiser!*

# Otto Glória diz...

* Como deveria reger-se um curso de técnicos de futebol.

* ...relembra o caso dos desempates nos torneios de futebol.

* ...que Armando Carneiro merece a festa de homenagem.

*outra vez, aos comentários que fizemos re- necessidade da instituição de um curso bem rmente dirigido pela Federação, coadjuvada al de Educação Física para a diplomação de n Portugal, sentimo-nos na obrigação de fazer os, por terem sido erroneamente interpreta- essoas interessadas, as nossas palavras. Ao oderia suprir os treinadores que actualmente o e não possuem um grau de instrução equi- eal, não seriam absolutamente atingidos por vez que, comprovada, devidamente a sua or profissional, seria realizado um curso es- que lhes fossem exigidas tais condições, em- plicitassem, conhecimentos e instrução rela- ceável que possa atribuir-se um certificado ndivíduo que não possua senão a 4.ª classe te, embora não haja regra sem excepção, talvez beneficiados, mas isso é a lei natu- equentemente, ninguém poderia opor-se a que e nos parece imprescindível para moralização lmente, para um maior e melhor aproveita- , é que se realizem os cursos de treinadores, rará trabalhar em benefício do desporto.*

* * *

*tada em torno da decisão do campeonato de o de Futebol de Braga, vem confirmar intei- escrevemos há tempos, condenando por vá- os motivos, o sistema empregado em Portu- s campeões em casos de empate. Depois de lexos ao saber que aqui se permite o empate uetebol (ao contrário dos regulamentos que tos em todo o Mundo), não pudemos escon- nem deixar de exteriorizar o nosso formal ubsmos que os campeonatos de futebol que são decididos pelo «goal-average». Fizemos, os e perigosos inconvenientes que a medida ecrecermos a vantagem que ofereceria a de- nominado «melhor de 3», quer sob o aspecto e da difusão da modalidade, quer sob a fei- anceiro. «Destacamos, especialmente, os dois nacionais quando Benfica, Belenenses, Porto, de Futebol e Associações de Lisboa e Porto, ndo, deixaram de arrecadar elevadas somas, do os títulos em dois ou três jogos realizados Concedendo-nos inteira razão, sucedeu agora gar, certamente, a inumeras controversias e enta difícil. E perguntamos: se em lugar de esse facto ocorresse no campeonato maior? progresso atingido pelo nosso futebol e cor- s falhas que entravam o seu perfeito e equi- nto.*

* * *

*á, na Tapadinha, a festa de homenagem ao Atlético, Armando Carneiro. Jogador de ex- nicos e, sobretudo, desportista de escol, Ar- guiu-se sempre, em toda a sua longa e bri- olística, pelo aprumo e pela correcção com geando. Justo, o respeito e a admiração de nada ma justo nos parece do que presti- a festa de homenagem que se vai prestar merecedor das maiores elogios, levando-lhe o incero. Felicidades, Armando Carneiro!*

* * *

*osso estádio o valoroso conjunto do Sporting os ontem, mais um expressivo triunfo, por xpressiva. Não fosse mesmo a boa dose de nhou o onze serrano, talvez conseguissemos mais volumoso. Apesar da réplica animosa s, que mesmo imitando a maioria dos qua- m na Luz, isto é, jogando pronunciadamente re procuraram contra-atacar, vencemos fol- timinho» feito uma exibição razoável. Man- iança e a personalidade que só as grandes ou a nossa turma a conciliar-se com a vitó- continuar a dividir com o F. C. Porto, pelo óximo, a liderança da tabela.*

*eve uma boa arbitragem, decorreu em am- vismo, o que é sempre de realçar.*

* * *

*ramente os nossos melhores votos de novo ara o povo deste tão acolhedor País, termi- ica de 1956. E até segunda-feira, se Deus*

*OTTO GLORIA*

PROVAS DE «CROSS»

## O Campeonato Regional de Aspirantes e a vitória do Benfica

Parece que a equipa do Benfica, que, ainda, não nos deu a sensação de toda a sua força e poder, acordou de um letargo mais ou menos longo (as suas duas recentes vitórias em provas de corta-mato assim o demonstram), impondo aos adversários a sua ideia e vontade e acabando por vencer, com autoridade, uma competição que, em boa verdade, se previa interessante e agradável.

No Campeonato Regional de Principiantes como, de resto, na anterior competição — o «Corta-Mato dos Dez» — o sinal benfiquista esteve sempre presente com maior ou menor intensidade, segundo o valor das «pedras» postas em jogo (na linha de partida).

Não há duvida, de que no campeonato que ontem se desenrolou, no Vale do Jamor — cenário já habitual das provas de inverno — o Benfica não teve adversários da sua igualha. Desde o «tiro» que assinalou o começo da prova, disputada por 41 corredores, divididos pelo Sporting, Benfica, Belenenses e Casa Pia, os «encarnados» nunca estiveram em situação difícil, mesmo apesar dos ataques movidos episódicamente pelas equipas do Sporting e do Belenenses.

A ideia da supremacia benfiquista, que foi a nota dominante da competição, esteve sempre bem presente e subjugou, quase por completo, as faculdades dos restantes adversários. Desta maneira não foi surpresa verificar-se que no final do campeonato, entre os dez primeiros chegados, havia sete homens envergando as camisolas «encarnadas»!

Os «benfiquistas» souberam, portanto, com elevação desportiva guindarem-se a uma posição de privilégio e de tal forma se houveram ante as dificuldades do terreno (bastante enlameado, escorregadio, traiçoeiro e com obstá-

(Continua na ultima página)

**Não foi golo! Águas, que ontem foi um dianteiro pouco afortunado, tenta rematar de cabeça no seu estilo elegante. Esta gravura tem ainda a nota pitoresca de apresentar os dois irmãos Cavem em luta no mesmo lance. A acção do Cavem da Covilhã foi decisiva na jogada**

NO ESTÁDIO DA LUZ

# Dominio absoluto do Benfica

## Os vencidos adaptaram-se melhor!

### Barreirense ganhou num instante...

Por Antón o Sequeira

E' difícil dizer algo de um jogo em que o vencedor foi senhor absoluto, só não tendo marcado mais golos porque o futebol é assim mesmo e... protege, na maior parte das vezes, nos lances de golo feito, os mais fracos. E, mesmo assim, o Benfica obteve seis tentos...

Esta meia duzia de linhas poderia sintetizar o que foi um jogo desnivelado, em que o vencedor fez alarde de uma superioridade flagrante e dominadora, do ponto de vista territorial, técnico e estratégico.

Compete, porém, á crítica esmiuçar o que foi a partida em que um dos *leaders* teve por adversário equipa de camisola ás riscas horizontais verde-brancas (parecendo nova edição do Benfica-Sporting de há oito dias, salvo as devidas proporções) e em que os «encarnados» estiveram diferentes, muito diferentes do jogo anterior — para melhor.

Os «leões da Serra» não foram, não poderiam ser, iguais aos «leões» de Lisboa, nem teriam pretensões senão as de um resultado quanto possível menos desnivelado.

Mas o Benfica, que recebera uma lição no domingo anterior — e ainda pensa no título — não se condoeu com a fraqueza do adversário e jogou em grande, mesmo considerando a menos capaz oposição do Sporting serrano. Jogou em grande, um futebol muito futebol que dias antes andara arredio da equipa. E' preciso notar que, nem mesmo em desafio facilitado por um adversário que não é da sua igualha, se joga sempre tão bem como jogou ontem o Benfica.

Difícil será para qualquer equipa, mesmo a mais compenetrada, exibir futebol de boa qualidade, quando o adversário se empenha em defender mais do que atacar, embora sem exagero.

Vinte e um jogadores aglomerados no meio campo do clube que defende, raras vezes proporcionará futebol de tão boa qualidade como aquele que, ontem, o Benfica, dominador, exibiu, numa portentosa demonstração da sua valia técnico-táctica, em que a excelente condição psico-física dos jogadores foi nota saliente, para não dar sequer o mais pequeno vislumbre da incapacidade — á defesa ou ao ataque.

E o domínio do Benfica foi tão assoberbante que muitos dos seus apaniguados — os mais exigentes, claro — não devem ter ficado satisfeitos com *score* (embora volumoso) tão exíguo.

Teria de ser esta, em poucas palavras, a impressão da partida que jogaram *águias* e *leões da serra* se não fora o caso de haver que prestar a estes a justiça de terem feito uma partida digna, valorosa, que procuraram disputar com todo o empenho, num prélio de jogo-jogado sem outras preocupações que não fossem as de dar réplica consentanea com as actuais possibilidades do grupo serrano.

E apesar de este ter sido dominado e batido por marca avantajada ficou, ao fim dos noventa minutos de jogo, o sabor de uma partida disputada por dois adversários, ca-

(Continua na 7.ª página)

O JOGO DO BARREIRO

Por HENRIQUE PARREIRÃO

*Era difícil, muito difícil mesmo, jogar bem naquele charco de lama do Barreiro. Ambos os grupos tinham por força, que experimentar as maiores dificuldades, movimentando-se em terreno movediço e escorregadio num jogo que tem por base uma bola que, desta vez, pesava como chumbo... Era como se andassem de patins aos pontapés a um esférico com o dobro do diametro regulamentar...*

*E' evidente que faz, também, parte do jogo... o jogar nestas condições, pois o futebol é um desporto de Inverno e, infelizmente, só metade dos clubes da I Divisão possuem campos relvados, onde os efeitos da chuva são mais atenuados.*

*Mas como «isso» faz parte do jogo, as equipas têm a obrigação de saber adaptar-se ás circunstancias — e não podem, de forma alguma, actuar sobre um c«harco de lama» da mesma maneira que o fazem quando jogam em terreno seco.*

*O Barreirense ia sendo ontem, vítima desse erro — ao contrário do Caldas, que se apercebeu com mais presteza da manobra a aplicar, dando mesmo uma lição, em largos momentos, da forma mais aconselhável de jogar sobre terreno enlameado. «Bicos» frequentes, a tirar partido dos passes compridos e em regra cruzados, sempre com bom sentido de desmarcação e de entendimento colectivo, para evitar o individualismo, que nunca é de aconselhar — e muito menos em tais circunstancias — foi o caminho seguido.*

*Foi actuando assim, demonstrando plenamente capacidade para se movimentar no terreno — mesmo quando ele é de piso traiçoeiro, como ontem — com a ideia pura da entreajuda, que o Caldas fez a «vida negra» ao Barreirense e acabou por sair do campo injustamente derrotado. A sorte do jogo não esteve com os visitantes, cuja réplica aos golos do adversário foi sempre pronta e convincente.*

*O primeiro tento dos locais, obtido aos 8 minutos, reagiu o Caldas de forma a atingir o intervalo com 2-1 a seu favor. E á brilhante recuperação, operada logo a seguir ao intervalo, com três bolas de enfiada, que colocaram o Barreirense de novo a ganhar — e por maior expressão — por 4-2, mais valorosa foi, ainda, a réplica dos Caldenses, que não só reduziram a diferença para 3-4, como ainda, no declinar da partida, tiveram ocasiões de sobra para chegar ao empate.*

*A sorte não esteve, sobretudo, com os visitantes, quando, já nos derradeiros minutos, um remate de António Pedro levou a bola a ficar presa na lama, com o guarda-redes batido, entre os postes, a escassos centímetros do risco da baliza...*

* * *

*O Barreirense teve o seu periodo brilhante quando regressou das cabinas para iniciar a segunda parte do desafio. Nessa altura, sim, jogou como devia ser — e ainda melhor que o adversário, porque a par do desembaraço da bola de homem para homem, imprimiu á partida um ritmo impressionante, verdadeiramente diabólico. Um ritmo que desbravou o caminho das balizas de Vitor e esfrangalhou toda a defesa contrária.*

*A durar mais tempo esse período de bom futebol barreirense, a retumbancia do resultado era, certamente, infalível, pois o Caldas deu mostras de não poder com um adversário tão veloz e tão decidido.*

*Mesmo assim, sem prolongarem a sua insistência por mais dum quarto de hora, os locais passavam de vencidos (1-2) a vencedores (3-2) e criaram muitas situações de embaraço para a defesa do Caldas, numa das quais obtiveram mais um golo — que teria sido o mais bonito do desafio — se árbitro não assinalasse deslocação do marcador — José Augusto, que concluiu, de joelhos, em frente das balizas, com magnífico remate de cabeça, um centro de Faia.*

*Depois veio, novamente, um certo amolecimento na equipa local, aproveitando os visitantes para vol-*

(Continua na página seguinte)

**Numa situação de apuro para as suas balizas, Pinheiro (guarda-redes do Barreirense) é obrigado a lançar-se sobre um mar de lama. A bola ressalta para fora, sob os olhares de Janita, Afonso e Anacleto**

# OS JOGOS DA 2.ª DIVISÃO

## ZONA NORTE

# O Gil Vicente alcançou o terceiro lugar com prejuízo do Leixões

A jornada de ontem, na Zona Norte da Segunda Divisão Nacional, apenas pareceu definir os dois primeiros lugares, deixando na mesma, ou em maior incerteza ainda, todos os casos restantes.

O Salgueiros, recebendo e vencendo o Braga, enfrentou, possìvelmente, a sua maior dificuldade neste trecho final, ficando bem expressos os seus riscos na diferença tangencial. Como o Vitória, á custa de esforço semelhante, logrou derrotar o Leixões, as posições de «guia» e «sub-guia» firmaram-se, mas, atrás de ambos, a situação permanece complicada, ainda que o Gil Vicente tivesse aproveitado bem a visita que lhe fez o Espinho e a derrota do Leixões, para ascender ao terceiro lugar na melhor das disposições. A vantagem dos barcelenses é, porém, de um unico ponto sobre o grupo de Matosinhos e de dois em relação ao Braga e ao Boavista, este ontem com nota positiva, ao impor-se ao Marinhense. Mantém-se, pois, o terceiro posto ao alcance destas quatro equipas, sendo bem natural que o equilíbrio de forças prolongue a discussão até ao ultimo instante, em alternativas de emoção

Com Sanjoanense, Vianense, Tirsense e Marinhense firmes a meio da tabela, o problema da cauda iguala os maiores em interesse, já que o Peniche, com triunfo espectacular ante o Chaves, saltou de ultimo para décimo-primeiro, ultrapassando não só os flavienses mas ainda o Espinho e o União de Coimbra, ambos igualmente derrotados. Também aqui a luta será a quatro, considerado que o avanço adquirido pelos penichenses se reduz a um mínimo ponto, que pode desaparecer já no domingo, na sua viagem á Costa Verde. E tanto neste caso como no da vanguarda, é natural que a próxima jornada ofereça algumas indicações...

### O Braga tornou dificil o triunfo do Salgueiros

O campo de «Vidal Pinheiro» registou enchente total, a confirmar o interesse de que se rodeava a partida entre os «encarnados» portuenses e a equipa da capital do Minho. Apesar do terreno se encontrar em más condições, por motivo da chuva, o jogo correspondeu á expectativa, mantendo entusiasmo á sua volta até final. O Salgueiros, actuando dentro de um padrão mais enérgico, deparou com sérias dificuldades para impor-se pois os bracarenses, exibindo um futebol bem recortado e dispondo de ataque habilidoso, movimentaram-se sempre perigosamente, ainda que o piso lamacento contrariasse a sua toada, representando uma desvantagem para os visitantes. Estes, não obstante, foram os primeiros a marcar e o facto obrigou o Salgueiros a redobrar o seu esforço, tomando os seus ataques maior impulso. Foi mercê do rasgo mais vigoroso dos «encarnados» que estes abriram caminho á vitória, mas os visitantes, sempre organizados, jámais cederam na luta, acompanhando o jogo do adversário e obrigando Barrigana a empregar-se de tal forma que a sua actuação veio a ter influência larga no desfecho, impedindo que os minhotos transformassem alguns lances em que o golo chegou a estar á vista.

Sabendo aproveitar bem as oportunidades, os salgueiristas tiveram depois que defender-se no trecho final, para assegurarem o triunfo, que os bracarenses ameaçaram constantemente, confirmando a sua boa forma actual.

### Em Guimarães, boa resistênncia do Leixões

Também na Amorosa o mau tempo se fez sentir, tirando brilho á luta entre vimaranenses e matosinhenses. Os jogadores de ambos os lados foram obrigados a duro esforço, actuando em péssimas condições, com o terreno batido pelas chuvas. O Vitória forçou o ataque desde o começo, mas o Leixões, adoptando sistemas acentuadamente defensivo, cobriu bem a sua baliza, oferecendo barreira sólida á ofensiva dos locais, que raramente encontraram aberta para tentar o golo. E uma grande penalidade desperdiçada mais agravou as dificuldades dos vimaranenses, que passaram a sentir nervosismo, tornando mais fácil a tarefa da

### As classificações

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Salgueiros | 1 | | | | | | 28 |
| V. Guimarães | | | | | | | 26 |
| Gil Vicente | 18 | | | | | | 24 |
| Leixões | 18 | | | | | | 23 |
| Braga | 18 | | | | | | 22 |
| Boavista | 18 | | | | | | |
| Sanjoanense | 18 | | | | | | 19 |
| Vianense | 18 | | | | | | 8 |
| Tirsense | 18 | | | | | | 15 |
| Marinhense | 18 | | | | | | 14 |
| Peniche | 18 | | | | | 7 | 11 |
| Espinho | 18 | | | | 0 | | 10 |
| Chaves | 18 | | | | | | 0 |
| U. Coimbra | 18 | | | | | 30 | 0 |

rectaguarda visitante, valente e segura.

Esta feição manteve-se, a despeito de o Vitória conseguir um golo á beira do intervalo e outro em lance feliz, a meia hora do fim. O Leixões, revelando uma consistência que nos ultimos jogos lhe vinha faltando, reagiu fortemente no ultimo período do encontro, reduzindo a diferença ao mínimo e estando á beira da igualdade, evitada pelo trabalho aturado da defesa da «casa». Pelo domínio exercido na pimeira metade, os vimaranenses justificaram o seu exito, mas a actuação do Leixões, forte na defesa e lesto no contra-ataque, pode indicar um retorno da equipa de Matosinhos á boa forma do começo do torneio.

### O Gil Vicente venceu e conquistou o 3.º lugar sem dificuldades

A partida de Barcelos não tem outra história que não seja a da superioridade do grupo local, que dispôs sem embaraços da desunida formação do Espinho. Estimulados com a perspectiva do terceiro lugar, os «gilistas» perfilharam a ofensiva desde os primeiros lances, sendo visível que o grupo da Costa Verde subordinava a sua actuação á tarefa defensiva, procurando evitar a todo o custo que a sua baliza fosse atingida. Este empenho dos visitantes retardou a marcação de golos por banda dos locais, mas tornou-se impotente, como era natural, para impedir que a superioridade destes acabasse por ganhar expressão, logo que o desgaste se acentuou na rectaguarda espinhense. Melhor ligados, com jogadas de sentido mais directo para o golo e prontos a finalizar, os barcelenses resolveram a contenda com toda a facilidade, após o intervalo, averbando a vitória por margem de cinco tentos, tendo dominado por completo a oposição dos contrários, que evidenciaram espírito combativo, mas falta de unidade.

### O Boavista manteve esperanças...

No Bessa não se jogou bem, mais uma vez. Agora, além do momento irregular que atravessa a equipa «axadrezada», foi também o terreno a constituir obstáculo a todas as tentativas de bom jogo. Apesar disso, o Boavista chamou a si o triunfo com merecimento, exercendo acentuada pressão sobre os marinhenses, cuja réplica, na primeira parte, se tornou bastante viva, obstando a que os visitados fossem além de um golo e criando expectativas para o prosseguimento. Um segundo tento dos portuenses, logo após o recomeço, afastou todas as duvidas, lutando as duas equipas, no tempo restante, já certas do resultado e acusando os efeitos do esforço a que o piso as vinha obrigando. O Boavista, com a sua defesa patenteando solidez, avantajou-se em jogo aos seus visitantes, fazendo jus á diferença de três bolas com que a partida concluiu.

### Vianense e Tirsense bons vencedores

Vianenses e tirsenses lutavam para assegurar as suas posições a meio da tabela e conseguiram-no amplamente, através de resultados folgados.

O sucesso dos tirsenses, contra um adversário que se vinha afirmando como a Sanjoanense, foi o de mais notoriedade, pois não se admitia um desfecho de tanta clareza. O grupo de Santo Tirso está demonstrando, porém, um regresso de faculdades e isso, precisamente, se verificou ontem, pela maneira como, tendo suportado o ascendente dos visitantes na primeira parte, os tirsenses souberam reagir depois, marcando quatro golos no seu antigo estilo, á base de velocidade de jogo e decisão de remate. A Sanjoanense, que até ao intervalo fizera fiugra de possível vencedora, acabou por ver destroçado o seu conjunto, pela rapidez que os minhotos imprimiram á sua acção no período final.

Perante o União de Coimbra, o Vianense pôde dar largas ao seu excelente fio técnico, colocando-se em nível de superioridade, que justificou a marca de 4-0 em que cifrou o seu exito. Os conimbricenses, embora por vezes procurassem actuar ao ataque, jamais conseguiram impor-se á equipa de Viana, que teve sempre em «mãos» as rédeas do jogo, imprimindo-lhe por vezes feição agradável, apesar das desfavoráveis condições do tempo.

### Boa exibição e melhor resultado para o Peniche

Acreditando abertamente nas suas possibilidades e no bom resultado da reacção que está desenvolvendo, no objectivo de melhorar a sua posição, o Peniche efectuou ontem uma boa exibição contra o Chaves, alcançando robusta vitória de 7-1, que pode ser de largos efeitos para o seu futuro.

Os penichenses empregaram-se com enorme entusiasmo, conjugando da melhor maneira os seus esforços e o Chaves viu-se submetido rápidamente, sem conseguir organizar-se na resistência. O resultado tornou-se, por isso, bastante fácil aos donos da «casa», que devem ter recolhido da sua exibição de ontem novos alentos para enfrentar o futuro. A equipa penichense, neste encontro, soube ser veloz e objectiva, mostrando uma ligeireza de movimentos e uma facilidade de remate que acreditam para as jornadas que vão seguir-se.

# Futebol no estrangeiro

Em S. José (Costa Rica), o Saprissa empatou com o First Viena, por 1-1.

—Em Bucarest e perante 25.000 pessoas, o Dinamo, daquela cidade, venceu por 3-2 o Tdna, de Sofia, em jogo da 2.ª mão do Torneio dos Campeões Europeus. Há 2 meses, o Tdna havia ganho ao Dinamo por 8-0. Classificou-se, pois, para os quartos-de-final.

—Resultados do campeonato de S. Paulo: S. Bento, 2-Tantaté, 3; Quinze de Jau, 5-Quinze de Piracicaba, 3: Palmeiras, 2-Portuguesa, 1. S. Paulo e Santos disputarão o título em jogo de desempate.

# No estádio Alvalade

(Continuação da página anterior)

fos atléticos e técnicos. E como o Lusitano era a equipa melhor classificada e trazia consigo a «flamula azul» do futebol da Provincia, pensámos até que a iniciativa seria sua.

Que desilusão nos esperava!

O que o Lusitano trouxe a Lisboa foi uma equipa medrosa, uma equipa antidesportiva, de futebol trapaceiro, que recuava mesmo quando tinha o caminho aberto e que ficava alarmada quando algumas das suas unidades se deixava arrastar pelo temperamento e penetrava meia duzia de metros no campo do adversário. Era então confrangedor verificar como os seus companheiros chamavam aflitivamente por essa ovelha desgarrada do redil, não fosse algum lobo abocanhá-la.

Será isto desporto?

Chegou-se ao descaramento de um interior, após o golo do Sporting, receber a bola do seu avançado-centro, virar-se para o seu meio campo e... atirar a bola para o seu guarda-redes!

Flora, por exemplo, devia ter ordens terminantes para não ultrapassar a linha de meio do campo, porque mesmo quando tinha o terreno livre, preferia retroceder, andar ás voltas até lhe tirarem a bola.

●

E no entanto o Lusitano, que tem um bom lote de jogadores em excelente condição física, chegou a demonstrar, no inicio do encontro, que podia jogar ao ataque. Se tem mantido o propósito poderiamos ter assistido a um belo encontro, talvez a um jogo com muitos golos. Mesmo isolados no ataque, Batalha e José Pedro chegaram a colocar em dificuldade a defesa do Sporting. Em determinada altura Carlos Gomes e Passos chocaram, ficando ambos a dar a indicação de se ressentirem. O nervosismo do guarda-redes foi bem evidente nas intervenções imediatas. Era mais uma razão para forçar o ataque, até porque Galaz estava a mostrar-se impotente para dominar Batalha, mas o Lusitano em vez de avançar, começou a recuar cada vez mais.

Dir-se-á que marcou um golo e que isso só é possível quando se ataca. Mas não houve ataque. Estavam os onze jogadores na tarefa da defesa, e os outros onze na tarefa do ataque (eram precisamente nove ao ataque) quando a bola foi levada para o campo do Sporting por Batalha (que está a jogar muito bem) e a cedeu a José Pedro quando Passos foi «queimar-se», como era sua obrigação. José Pedro ficou só em frente de Gomes e este optou por sair da baliza, para ver depois a bola passar-lhe por cima da cabeça. Se tem aguardado dentro das redes, cremos que o resultado seria o mesmo, porque José Pedro é jogador de futebol. Foi um dos tais golos que o lugar comum designa por «contra a corrente do jogo».

●

Tudo indicava, como já dissemos, que o Lusitano, 4.º classificado da classificação, que tem uma defesa sólida e um ataque mexido e rápido, se não confinasse ao futebol de mistificação que apresentou.

A equipa deixou a impressão de ter pernas e classe suficiente para jogar um futebol verdadeiro, mesmo que tivesse de acautelar a defesa. Vicente, com o n.º 10, lá andava no sector defensivo, mas isso aceita-se como exigência táctica. Contudo, o que é inadmissível, é virar as costas ás oportunidades que o jogo oferece e jogar sistemáticamente a bola para fora, só para poder regressar a casa com mais um ponto. Chamámos a isso «futebol trapaceiro» porque nega o espírito do jogo e compromete notávelmente o pensamento que subordina a equipa. O futebol português quer jogadores e não caçadores furtivos de pontos.

Relativamente ao Lusitano, completaremos o comentário prestando justiça á correcção da equipa. Dominada como foi com tanta insistência, vivendo permanentemente em toada de esforços máximos e descompensados, soube manter-se dentro das normas da perfeita correcção. De resto, a equipa também não é achada no que fica dito. Terá cumprido ordens. Mas deve saber que conquistar pontos daquela maneira, negando o jogo, não pode ser razão para grandes alegrias.

●

O Sporting não jogou mal, ainda que devesse ser mais rápido nas entregas de bola. Pérides e Osvaldinho incorreram nesse mal, mas lá adiante havia tão poucas possibilidades de desmarcação, que a retenção da bola tem de aceitar-se como fenómeno inevitável.

O desafio poderia ter sido fácil, ou relativamente fácil de jogar, mas acabou por ser penoso e esgotante, um tanto por culpa de Pompeu e Gabriel, que fizeram gorar as oportunidades de golo que surgiram no inicio do desafio.

Também se teimou depois no jogo pelo chão, forçadamente lateral e sem nenhumas probabilidades de remate com perigo. Depois a equipa mudou para o jogo alto, mas não era fácil romper a muralha estática e maciça dos Alentejanos.

O golo do empate, da autoria de Martins, só foi possivel pelo aproveitamento da unica vez que Vital deixou fugir a bola. Martins entrou rapidíssimo e fez um grande golo.

Como deve pensar-se, num jogo em que uma equipa ataca sempre e outra procura defender-se sem se adiantar no terreno, o golo esteve permanentemente á vista. Houve lances incrivelmente perdidos, remates fortes e bem colocados, mas Vital fez uma grande exibição.

O Sporting marcou ainda um outro golo, que foi anulado, porque o árbitro tinha apitado antes, por deslocação de Gabriel que nos pareceu duvidosa. De resto a arbitragem não foi boa, mas também não foi facilitada, nem o decorrer do jogo o permitia.

O simples facto do Lusitano se recusar a jogar e não querer ir além do meio campo, já autoriza a afirmação de que o resultado foi injusto para o Sporting. Merecia a vitória, mas pelos vistos ainda se não conhece o antídoto eficaz para o jogo negativo, que é, antes de mais nada, um caso de formação desportiva.

Travaços jogou em bom plano, mas alguns dos seus companheiros foram surpreendidos pela «linguagem viva e fina» do seu jogo, uma «linguagem» que também Vieirinha falou no outro lado. Que pena elè ter de a falar para dentro...

LUÍS ALVES

# O jogo do Barreiro

(Continuação da página anterior)

*tarem a impor a sua toada mais prática. Começava-se a acreditar nas possibilidades do Caldas chegar ao empate, quando Abel entrando «a matar» sobre José Augusto, provocou uma grande penalidade, que pode muito bem ter «arrumado» as aspirações da sua equipa.*

*E' certo que depois daquela falta de Abel, ainda os visitantes—como já referimos—fizeram um golo e estiveram á beira do empate. Mas... o atraso de mais um tento, obrigou a equipa a um esforço maior. A um esforço muito grande, que acabou por não ter compensação. Alguns caldenses, como Sarrazola, Saraiva, Janita, Garófallo, Rogério e António Pedro, foram «heroicos» no sacrifício e na aplicação. Todos, de maneira geral, se agigantaram, jogando com o verdadeiro sentido de equipa, sem dar lugar a referências pessoais.*

*No Barreirense, onde o individualismo se sobrepôs ao conjunto, destacou-se Duarte, certissimo, sem um deslise; Vasques, aplicado e generoso como a maioria dos adversários; Fabian, o jogador cerebral da equipa; Faia que transformou dois «penalties» de maneira diferente—um, atirando a bola para a esquerda, outro para a direita; e José Augusto, um perigo constante em frente das balizas.*

*Arbitragem difícil do sr. Jaime Pires.*

*HENRIQUE PARREIRÃO*

# Corridas de galgos

Vão realizar-se, pela 11.ª vez, em Janeiro próximo as provas clássicas do desporto galgueiro português. As eliminatórias começaraão no dia 23 e as finais no dia 27. As competições são dotadas com as taças «Altcar», para cães importados, e «Fundação». A prova de juniores é reservada a galgos que correram pela primeira vez esta época. Mr. Applewhite será o juiz.

NO-NIK
A BOQUILHA ANTI-NICOTINA QUE OS MEDICOS RECOMENDAM

# O jogo
## de Torres Vedras

(Continuação da página central)

Os «cufistas», embora sempre entusiastas e combativos, não puderam imitar o exemplo dos adversários e por isso estes chamaram-a si largos trechos de comando, sendo, muito mais eficientes na ofensiva. O primeiro golo, registado aos 23 minutos, surgiu, portanto, com toda a naturalidade e foi uma pequena obra-prima de sentido prático. António Manuel-Morais-Mendonça e... golo! Um golo marcado com a maior simplicidade...

Os Torrienses, até ao intervalo, desperdiçaram uma grande penalidade e viram um tento proveniente de recarga de Forneri ser anulado em circunstancias duvidosas. Uma potente recarga levou a bola a embater no poste... Em suma: o Torriense dominava, em todos os aspectos, e merecia bem, por isso, a vantagem no marcador.

*

Sucedeu, todavia, que no segundo período os «cufistas» surgiram com diferente disposição. Finalmente, conseguiram imprimir ao jogo, o sentido prático que até então lhes escasseava. O desafio passou a decorrer com maior animação, mas, com surpresa, notou-se que os Torrienses afrouxavam nos esforços de fazer caminhar a bola com mais clareza é precisão, consoante as condições do terreno. Viram-se, por esse motivo, também assoberba com a defesa, embora nunca houvessem permitido larga ascendência territorial aos «barreirenses». Estes, mesmo quando sofreram 2.º golo, não abrandaram em seus impetos, tendo também violado as redes á guarda de Gama, e deixando, até, a impressão de que poderiam alcançar melhor resultado, caso houvessem actuado no primeiro tempo tão bem como no segundo.

Estranhou-se a quebra do Torriense, mas a verdade é que deverá filiar-se na subida dos visitantes, cujos avançados, em constantes permutas de lugares, e sem complicações de maior na sua acção individual, surgiram, no troco final, notàvelmente metamorfoseados.

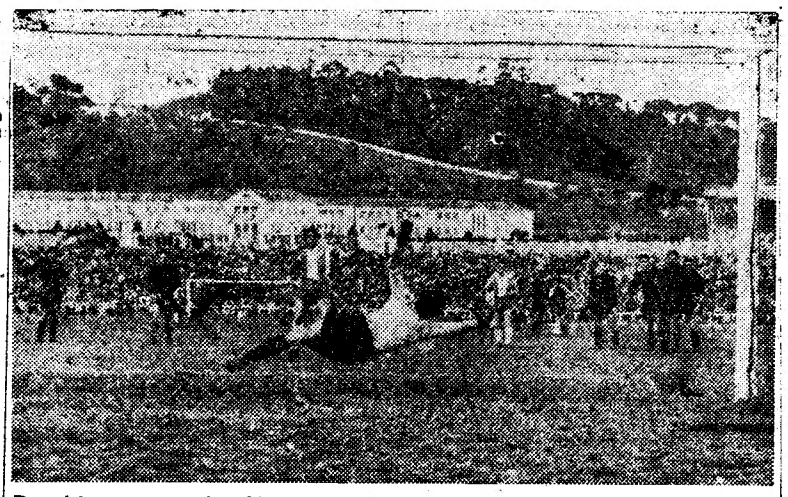
Ao fim, porém, feito o balanço geral do encontro, verifica-se que se revestiu de justiça o triunfo obtido pelo Torriense. O primeiro triunfo sobre os «cufistas» — em lutas de campeonato...

As defesas das duas equipas tiveram bom comportamento, com evidência para os «centrais» António Manuel e Palma. Os médios do Torriense jogaram em cheio no primeiro período. Os dianteiros alternaram períodos de acerto com outros falhos de inspiração. Em globo, o «team» local, porque soube adaptar-se ás condições do terreno, «ensinou» aos «cufistas a maneira mais eficiente de gizar lances de ataque — e a verdade é que, no segundo tempo, os adversários demonstraram ter sabido aproveitar bem a lição, bem demais, até...

A. R.

EXCURSÕES
BENFICA
no PORTO
Nos dias: 5 e 6 de Janeiro
Partida (Sábado) ás 14 horas.
Regresso (Domingo) ás 18 horas
Preço: 125$00
* * *
SPORTING
na COVILHÃ
Nos dias: 5 e 6 de Janeiro
Partida (Sábado) ás 14 horas
Regresso (Domingo) ás 18 horas
Visitando: PENHAS DA SAUDE
Preço 120$00
Empresa Isidoro Duarte
Rua da Palma, 256 (Garagem Navarro)
Telef. 21034 — CABINAS 2 e 3
LISBOA

CIGARRILHAS E CHARUTOS
KAREL I
MAIS SUAVES E AROMATICOS



Penalti contra a Académica! O árbitro Joaquim Campos puniu, inexorávelmente, uma carga irregular aplicada, na grande área, por Marta a Perdigão. E o castigo foi bem executado por Hernani

# Porto soube aproveitar
## as situações de golo

(Continuação da 1.ª pág.)

-se a uma actuação de menor valia.

A esta fraca movimentação dos «capas negras» responderam os visitantes com ataques rapidissimos, muitas vezes impossíveis de suster na sua marcha a caminho das balizas. Neste capítulo evidenciou-se Perdigão que se mostrou um *sprinter* difícil de bater.

E no jeito de bola em profundidade, arremessada por Pedroto e Monteiro da Costa, assentou a maioria do perigo criado pela equipa nortenha, motivo por que não se salientaram as jogadas com o recorte técnico que se esperava dos campeões nacionais. Em vez do passe curto e triangulações pouco eficazes preferiram o sistema de bola a correr para a frente e á flor da relva, armas de que se serviram para atingir a finalidade. E debaixo desta orientação, trocaram o certo pelo incerto, aumentando as probabilidades de êxito.

Contràriamente aos Nortenhos, os «capas negras» empregaram o seu habitual sistema de passes curtos, jogo pouco aconselhável para um adversário com pretensões ao título.

A linha avançada estudantil, em maré de pouca sorte, onde só Rocha sobressaiu, com as suas fintas desconcertantes, pretendendo desorientar a defensiva contrária, digase de passagem que nunca perdeu a noção das realidades.

Em suma: uma vitória justa mas expressiva, em demasia, considerando-se que dois tentos foram mais consentidos pelos estudantes, do que conseguidos por mérito próprio.

O teceiro ponto de «penalty», levantou certa celeuma, quanto á sua existência, pois Perdigão já se encontrava em desiquilibrio, quando Ramin, se arrojou aos seus pés, não havendo da parte do guarda-redes conimbricense qualquer interferência de maneira a prejudicar o jogador do Porto.

A. ARROBAS

# A corrida
## de S. Silvestre

(Continuação da 1.ª pág.)

boa forma, sendo, portanto, um dos favoritos. Os seus treinos impressionaram a colónia portuguesa de São Paulo, que na noite de S. Silvestre irá aplaudir e incitar o seu compatriota.

Estão já, em São Paulo os atletas estrangeiros, ao todo 21: Europeus 7 — França, Alemanha, Espanha, Itália, Suécia, Jugoslávia e Portugal; Norte e Sul-americanos, 14 — Estados Unidos (1); Peru (1); Argentina (3; Chile (3); Paraguai (3); e Uruguai (3). Os Brasileiros estarão em numero de 250.

Alguns dos corredores estrangeiros são já conhecidos como, por exemplo, Jesus Hurtado (Espanha), Franco Valpi (Itália), Erick Haichkola (Suécia), Viterbo Rivero, José Batancourt e Duilio Assimonti (Uruguai), Inocêncio Avalos, Mathias Vallejos e André Valdez (Paraguai); Luís Paredes (Peru), Schade (Alemanha); Sandeval, Correa e Bravo (Chile); e Rios, Péno e Bianchetti (Argentina).

Apesar de não estarem presentes os grandes nomes das Olimpíadas de Melbourne, é difícil prever qual o desfecho da Corrida de S. Silvestre.

## Organizações da A.F.L.

### Campeonato de principiantes

Encerra-se hoje a inscrição para a prova de principiantes organizada pela Associação de Futebol de Lisboa.

## VOLEIBOL

O Clube Desportivo de Paço de Arcos abriu a inscrição para os rapazes com mais de 14 anos que desejem representá-lo em voleibol.

# O jogo
## do estádio da Luz

(Continuação da página central)

da qual com os seus trunfos: atléticos, técnicos e tácticos no mais lato sentido de competição e de desportivismo. Quer dizer: o Sporting da Covilhã, inferior em todos os pormenores e aspectos da luta, soube lutar com a maior dignidade de adversário inferior, nunca forçando a nota da defesa a todo o transe, senão aquela que lhe foi imposta pela superioridade dos vencedores, aceitando com aprumo as vicissitudes da competição, e a marcha do *score*, sempre com lealdade exemplar.

O Sporting da Covilhã, aceitou a superioridade do Benfica, mas discutiu-a quanto pôde. E' verdade que, magoado em choque, a poucos minutos do intervalo, Nagy (o hungaro da Covilhã), postado á ponta-direita no segundo tempo, foi, praticamente, um jogador a menos. Mas mesmo com ele válido, a superioridade do vencedor foi notória, só não traduzida em golos (por desfortuna) tanto como o foi na segunda parte.

Ao falarmos dos vencidos será justo pôr em relevo a acção de Fernando Cabrita, o gigante de uma equipa que cumpriu o seu dever. Se não fora a actuação do internacional algarvio, talvez a *punição* tivesse sido mais severa.

Houve, porém, da parte dos seus companheiros espírito de sacrifício salientável. E teremos dito tudo em acção de louvor a uma equipa que soube perder bem.

Entre os benfiquistas dois jogadores houve que merecem referência á parte: Salvador, o melhor jogador em campo — não só pelos golos que marcou, mas porque a sua acção foi, na manobra da equipa, magnífica, e Alfredo, quanto a nós o melhor médio português do momento, tão util, tão prático e, técnicamente, um esplêndido jogador.

Jacinto, elemento de uma equipa compenetrada, também teve acção de relevo e nem mesmo certa apatia de Águas e a desbordante mas menos metódica actividade de Cavém tiraram mérito ao magnífico conjunto demonstrado pelo grupo da camisola encarnada.

A arbitragem do sr. Braga Barros, de Leiria, não merece reparos de maior e embora facilitada pela compostura dos jogadores, teve a virtude do equilibrio e da imparcialidade.

ANTÓNIO DE SEQUEIRA

NA PASSAGEM DO TESTEMUNHO

# Uma homenagem
## ao dr. Gois Mota

As comissões de Sede, Campo e Propaganda do Sporting Clube de Portugal, promoveram uma homenagem ao dr. Gois Mota, que cessa, como se sabe, hoje, o seu mandato de presidente do clube.

A homenagem, com carácter intimo, pois reuniu apenas alguns dos seus mais directos colaboradores na vasta obra de engrandecimento do clube, teve a presença de alguns jornalistas expressamente convidados para o acto, que decorreu em ambiente de verdadeiro companheirismo.

Pode dizer-se que a homenagem ao dr. Gois Mota não foi mais do que um acto de amizade áquele que soube tão proficientemente dirigir os destinos de um dos maiores clubes desportivos do País, durante onze anos, em comunhão de ideias e acções, com aqueles que á sua roda rendiam preito ás suas qualidades de trabalho e de inteligência.

A série de discursos, aberta pelo sr. Aragão Pinto, director do jornal do clube e sobrinho de José Alvalade, o homem que sonhou com a grandeza do Sporting e que teve na pessoa do sr. dr. Gois Mota o seu maior expoente, só veio a terminar com um brilhante e longo improviso do homenageado, que disse sentir naquele momento da sua vida de dirigente desportivo a mais profunda emoção, sentimento que jamais se apagará da sua memória.

O sr. Mário da Cunha Rosa falou para defenir o objectivo da reunião, que na verdade não era uma homenagem ao dr. Gois Mota, pois esta teria de ser feita por toda a massa associativa do Sporting, mas sim um jantar entre amigos.

O sr. Carlos Loureiro, no final do discurso do sr. Mário da Cunha Rosa, entregou ao homenageado uma placa em prata alusiva ao acto.

Seguidamente, o sr. Mário Garcia, fez um rasgado elogio á obra do dr. Gois Mota como presidente do clube, afirmando que o Sporting perde um dos seus mais prestigiosos directores, um homem que fez do Sporting o que hoje ele é—um clube digno, que sabe honrar as tradições de Portugal.

Em nome da Imprensa falou o nosso camarada Manuel Mota, que agradeceu as referências feitas pelos oradores.

Usaram ainda da palavra Queiroga Tavares e o dr. António Alberto Ribeiro Ferreira, filho do antigo presidente do clube dr. Ribeiro Ferreira, que agradeceu ao dr. Gois Mota a oportunidade de trabalhar para e pelo Sporting.

Os dirigentes das secções desportivas do Sporting, em sua ultima reunião, resolveram homenagear o presidente da direcção dr. Gois Mota, no decorrer de um jantar que se realizará no restaurante Alvalade, no dia 3 de Janeiro.

## EM ESPANHA

### O Real Madrid continua à frente

MADRID, 31 — Resultados dos jogos de futebol, ontem disputados, a contar para os campeonatos da Federação Espanhola de Futebol:

*Primeira Divisão* (16.ª jornada): Jaen, 0-Las Palmas, 0; Valhadolid, 2-Atlético de Bilbau,0; Sevilha, 3-Real Sociedad, 2; Celta de Vigo, 5-Saragoça, 0; Atlético de Madrid, 6-Corunha, 0; Espanhol, 3-Valência, 0; Osasuna, 2-Barcelona, 2; Condal, 0-Real Madrid, 1 (jogado anteontem).

*Classificação:* Real Madrid, 25 pontos; Atlético de Bilbau e Sevilha, 22; Barcelona, Valhadolid e Atlético de Madrid, 19; Saragoça e Espanhol, 17; Las Palmas, 16; Valencia, 15; Osasuna, 14; Celta de Vigo, 12; Real Sociedad, 11; Condal e Jaen, 10; Corunha, 9.—(A. N. I. e Efe).

## Futebol na Madeira

Disputou-se ontem um encontro de futebol no Funchal, com o seguinte resultado: Marítimo, 3-Nacional, 2.

# Confiamos!

## - disseram-nos o treinador, um jogador e um dirigente do Atlético, após a vitória.

*Compreensível a onda de alegria que se apossou dos «alcantarenses» logo que o árbitro deu por terminado o encontro.*

*Para além da satisfação que sempre resulta duma vitória alcançada no terreno do adversário, a exibição da equipa do Atlético fora de molde a deixar todos satisfeitos e, mais ainda, a fazer renascer as esperanças na fuga ao ultimo posto.*

*Na cabina as manifestações de regozijo pareciam não mais ter fim. Foi com dificuldade, portanto, que conseguimos registar três opiniões sobre a partida e a posição do Atlético.*

*Em primeiro lugar o treinador SEVERIANO CORREIA, que nos disse:*

*«O jogo era muito difícil para a minha equipa, mas para mim era de vida ou de morte. Vencemos e bem, pois os rapazes foram admiráveis em todos os aspectos e revelaram-se sempre superiores ao adversário. Além do mais, esta vitória representa forte estímulo para as futuras jornadas, o que me permite confiar no êxito da recuperação, até porque além de ser briosa a equipa jogou bem».*

*Depois, ouvimos MARTINHO II, o jovem extremo-direito, autor do golo que deu a vitória á equipa:*

*—«A vitória pertenceu á melhor equipa e, embora tivessemos perdido algumas ocasiões de golo, estou duplamente contente: pela vitória e por me ter cabido a honra do unico golo. Quando recebi a bola de Martinez e me encaminhei para a baliza, tive a sensação de que ia alcançar o golo tão desejado, mas só acreditei quando vi a bola bem no fundo da baliza. Sabiamos bem que o jogo era muito difícil, porque o Oriental é boa equipa, porque actuavamos no campo do adversário e porque sobre nós pesam grandes responsabilidades. Agora, confio em que o Atlético conseguirá fugir da difícil posição que ocupa».*

*Por ultimo, o dirigente sr. AMÉRICO VASQUES VALE, disse-nos:*

*—«Os nossos jogadores lutaram com vontade e decisão para alcançar uma vitória que, afinal, apareceu com as dificuldades já esperadas, mas com toda a justiça. A forma como a equipa actuou, dá-nos a sensação de que o Atlético ainda pode fugir á situação melindrosa em que se encontra. Toda a «família» do Atlético — dirigentes, atletas, técnicos e sócios — se encontra unida e disposta a lutar pela permanência do clube na 1.ª Divisão. Pela nossa parte, confiamos!»*

## A HISTÓRIA
### do Sport Lisboa e Benfica

*Acaba de sair o fasciculo n.º 18 da «História do Sport Lisboa e Benfica», obra de grande envergadura e de inestimável valor, de que são autores os nossos prezados camaradas Mário Fernando de Oliveira e Rebelo da Silva.*

## PESCA DESPORTIVA

O 1.º Concurso de Pesca Desportiva entre sócios do Sporting realiza-se, no dia 13 de Janeiro, no rio Alviela, em Vale de Figueira, Pernes ou Caqueiros, conforme as condições climatéricas. Aos mais bem classificados atribuir-se-ão 3 taças e 9 medalhas.

Relojoaria Solora, Limitada
MONOGRAMAS — RELOJOARIA — OURIVESARIA
RUA DE S. NICOLAU, 42—TELEF. 21550—LISBOA

# A marcha do campeonato

Venceu-se ontem mais uma jornada—a 16.ª—do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Esta «ronda», com os desafios de Coimbra e Setubal a merecerem as maiores atenções, forneceu os resultados que a seguir relembramos:

| | | |
|---|---|---|
| Benfica-Covilhã ... ... | 6-0 | (3-1) |
| Sporting-Lusitano... ... | 1-1 | (1-2) |
| Oriental-Atlético... ... | 0-1 | (1-0) |
| V. Setubal-Belenenses | 1-2 | (1-5) |
| Académica-Porto.. ... | 0-3 | (1-5) |
| Torriense-C. U. F. ... | 2-1 | (0-1) |
| Barreirense-Caldas ... | 4-3 | (1-0) |

Na jornada de ontem verificaram-se vitórias de três grupos visitados (Benfica, Torriense e Barreirense) e de três equipas visitantes (Atético, Belenenses e F. C. Porto), além de um empate. O factor «ambiente» não teve, pois, influência de maior.

Sem que possa surpreender, os melhores resultados pertenceram ao Benfica e ao F. C. do Porto—com realce para os Nortenhos, primeira equipa a vencer os estudantes na Lusa-Atenas.

Quatro equipas conseguiram confirmar os seus êxitos da primeira volta: Benfica, Belenenses, F. C. Porto e Barreirense. Mas, nem todas o fizeram em identicas condições: os «encarnados» alcançaram melhor resultado; os «azuis» e os «portistas» não puderam chegar a margem tão folgada; finalmente, os Barreirenses repetiram a diferença tangencial.

Lograram desforras o Atlético e o Torriense—a dos Lisboetas mais sensacional do que o dos Torrienses. O Sporting rectificou para um empate a derrota sofrida em Évora.

Há factos que merecem ser assinalados, como a primeira vitória do Atlético no campo do adversário e as primeiras derrotas da Académica e do Oriental, nos seus terrenos. Desta maneira ficou limitado a três o numero de concorrentes sem derrotas em casa: F. C. Porto, Benfica e Belenenses, ou sejam os três primeiros da classificação. Também ficou reduzido a três o numero de equipas que não ganharam fora do seu ambiente: C. U. F., Caldas e Covilhã.

Os resultados não forneceram grandes alterações na ordenação das equipas. Os três da frente ganharam e porque os dois imediatos empataram não houve alterações do 1.º ao 5.º da tabela, embora se abrisse maior clareira entre o 3.º e o 4.º. Mas, já do 6.º ao 10.º tudo se modificou. Assim, o Barreirense subiu de 7.º para 6.º; o Vitória de Setubal baixou de 6.º para 7.º—uma permuta, portanto. O Torriense galgou dois degraus (de 10.º para 8.º), com prejuizo do Oriental e da Académica, que cairam, respectivamente, de 8.º para 9.º e de 9.º para 10.º

C. U. F., Caldas e Sporting da Covilhã, derrotados, e Atlético, vencedor, quedaram-se nos mesmos lugares. Mas, o êxito dos Lisboetas veio dar maior interesse ao despique entre os ultimos, admitindo-se, agora, que os Alcantarenses abandonem o ingrato lugar de «lanterna vermelha».

Na jornada de ontem marcaram-se 25 golos—mais três do que na correspondente jornada da 1.ª volta. Elevou-se, assim, a 393 o numero total de golos. A média é de 24,56 por jornada.

# Panorama

## do futebol internacional

O «caso Honved» complica-se. A nova direcção da Federação Hungara proibiu terminantemente a sua deslocação para a América do Sul, com o pretexto de que o «team» está fatigado pela longa série de desafios que tem disputado e não oferece, por esse motivo, a garantia de cabal representação do futebol magiar. Aquele organismo solicitou a intervenção da F. I. F. A. junto das Federações da América do Sul. Entretanto, parece que o Honved se dispõe a seguir viagem, entrando em rebeldia com os dirigentes. No fundo, uma «trapalhada» dos demónios...

* * *

Até agora, só os clubes brasileiros e argentinos excursionavam pela Europa. Parece, porém, que o ciclo de viajantes vai alastrar. Anuncia-se que o clube uruguaio, Defensor, virá brevemente a este lado do Atlantico para um giro de três meses, a começar em Março. Os Uruguaios jogariam em Inglaterra, França, Alemanha e Itália. A «novidade» deverá, cremos, surtir efeitos...

* * *

Depois de várias consultas aos membros da Comissão de Juniores da União Europeia, a Espanha foi escolhida para organizar o torneio internacional de 1957. A referida Comissão reunir-se-á nos dias 6 e 7 deste mês, em Bruxelas, a fim de constituir os grupos geográficos do torneio. Vamos a ver se não se observam as «fantasias» da F. I. F. A. na organização dos agrupamentos do campeonato do Mundo. Exemplo: Portugal-Itália-Irlanda...

* * *

O acidente que, durante algum tempo, privou o Honved do «keeper» Faragos, no jogo com o Atlético de Bilbau, voltou a trazer á superfície o problema das substituições de jogadores. Alguns críticos defendem, novamente, a possibilidade de o guarda-redes poder ser substituido em caso de lesão, argumentando com o facto de se tratar de um posto de especialização.

* * *

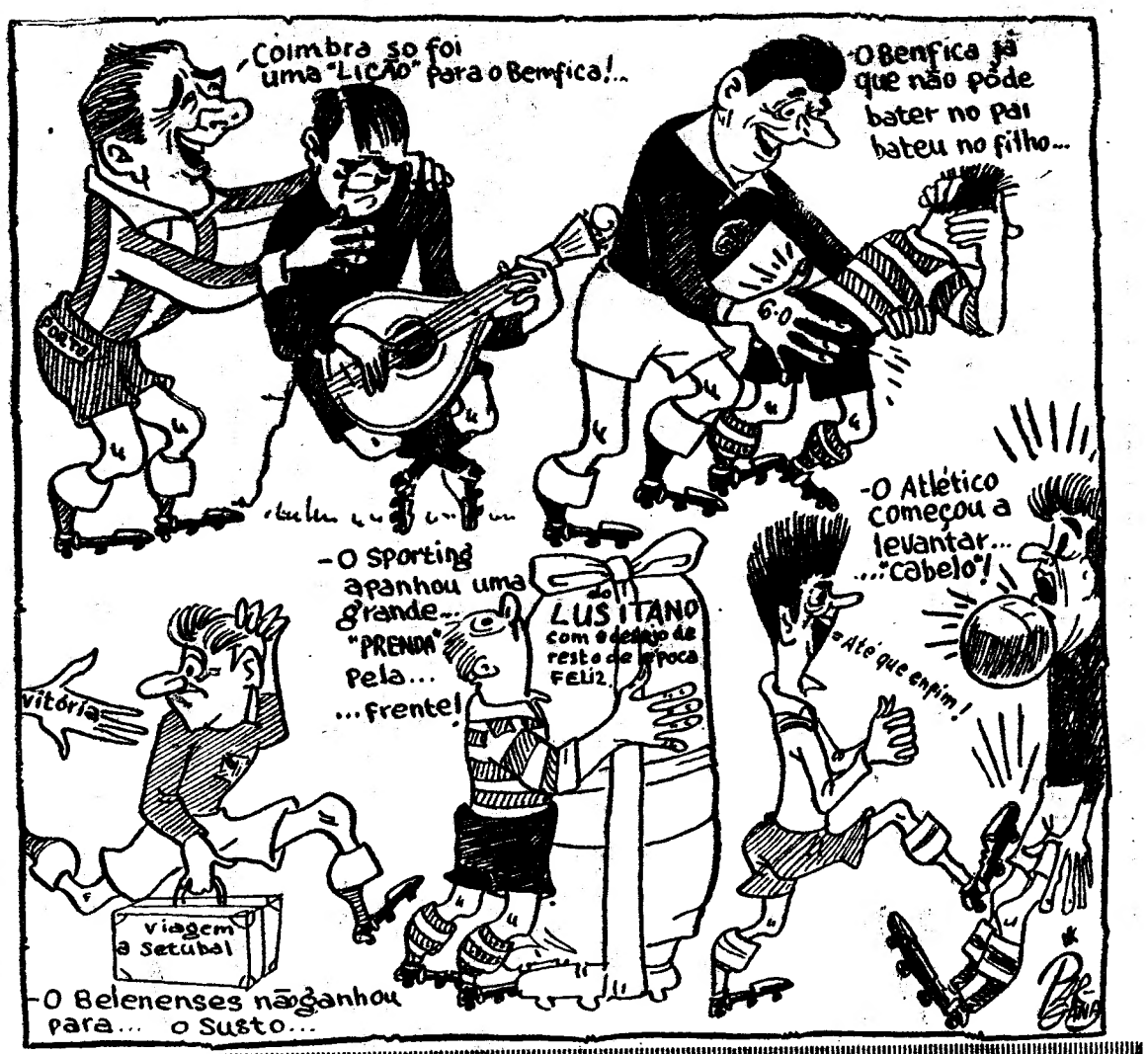
Os profissionais ingleses tiveram um Natal carregado, com dois encontros em dias seguidos. Depois desta dura campanha, o Manchester United, com o mesmo numero de jogos do Tottenham, ficou com 3 pontos de avanço. E' regra que o «leader» após o Natal seja o vencedor do campeonato. O Manchester United, sob a hábil direcção do célebre Matt Busby, prepara-se para repetir a proeza da época transacta.

* * *

Do famoso Ben Barek, «pérola negra» do futebol francês, houve agora notícias. E' o treinador do Clube Desportivo de Fath, patrocinado pelo príncipe marroquino Moulay Hassan. Auxilia-o na sua tarefa o antigo profissional Chicha. Mas Ben Barek não vive do futebol. E' o gerente de uma importante empresa e desfruta de uma situação económica excelente. Soube, afinal, explorar os seus dons ...

* * *

O campeonato do Rio de Janeiro terminou com a sensacional vitória do Vasco da Gama, uma equipa de jovens (média de 23 anos) treinada por um homem novo, Martin Francisco, de 28 anos, formado em filosofia. Os «vascaínos» eram, antes de começar a prova, considerados, num plano modesto, mas a competência de Martin Francisco levou-o ao título. E' curioso observar que cinco jogadores do «team» campeão saíram dos juvenis.




# Vitória em toda a linha do Benfica

## no Campeonato Regional de Principiantes

(Continuação da página central)

culos de certo modo imprevisíveis) que após as primeiras centenas de metros percorridos formavam já na vanguarda um bloco poderoso e indestrutível, encabeçado por uma «estrela» — Alberto Xavier, a descoberta da «Légua Nacional».

Foi este grupo composto pelo vencedor e ainda os companheiros de equipa Joaquim Reis, Lucio Fernandes, José Casaca da Branca, Manuel Nunes de Almeida, José Inácio, os adversários Armando Aldegalega, António Veríssimo (ambos do Sporting) e Leandro Garcia, do Belenenses, que impôs o ritmo da corrida, que no fim do campeonato se traduziu por um «tempo» de valor — 12 m. 11,8 s.

Logo de início, os corredores do Benfica deram uma nota do seu saber técnico, partindo como uma flecha, rapidíssimos, em estilo de prova de velocidade, formando uma «testa de ponte» que veio, afinal, a ser a base de apoio para garantir aos melhores do conjunto «encarnado», movimentos livres e boa colocação na vanguarda.

Se houvesse a possibilidade de definir antecipadamente equipas de três, em vez de cinco corredores podemos dizer, simplesmente como nota curiosa, que o Benfica teria chamado a si os dois primeiros lugares colectivos. Este apontamento serve, portanto, para dar uma miragem mais clara e exacta do valor do conjunto «encarnado».

A história da competição é curta e faz-se rápidamente, pois não houve grandes lutas para a obtenção dos primeiros lugares. Eles ficaram quase indicados, após a primeira volta do circuito. Apenas, existiu despique entre os componentes da cauda, onde os valores eram muito semelhantes. Os conjuntos do Casa Pia e do Belenenses derimiram, na verdade, um pleito curioso que veio a decidir-se com a entrada na meta do ultimo atleta de cada uma das equipas. Este facto não é inédito, mas leva-nos a pensar que para uma equipa ter êxito é tão necessário o primeiro como o ultimo corredor!

Vejamos, agora, quem foram as «estrelas» do campeonato regional e que chamaram sobre si as atenções gerais. Temos, ao todo neste firmamento uns 15 atletas: 8, do Benfica, 6 do Sporting e 1, do Belenenses, ou sejam Alberto Xavier, Joaquim Reis, Lucio Fernandes, Casaca da Branca, Nunes de Almeida, José Inácio, Manuel Silva, Arménio Ferreira (todos do Benfica) Armando Aldegalega, António Veríssimo, Carlos Santos, Manuel Lopes, Armando Frias, Joaquim Pinto (todos do Sporting) e Leandro Garcia (do Belenenses).

JOSÉ BATALHA

Sob o cenário maravilhoso, tendo como pano de fundo o Vale do Jamor, os 41 corredores que participaram no Campeonato Regional de Corta-Mato (principiantes) partem confiantes, procurando cada um alcançar desde logo posição relevante. O Benfica com um lote de atletas de boa qualidade chamou a si as honras da competição, ganhando quer individual quer colectivamente

## ANDONEGUI

### era quem, afinal, desejava regressar ao Atlético

O «Diário de Lisboa» publicou, recentemente, certos passos de uma entrevista concedida pelo ex-treinador do Atlético, Andonegui, ao jornal espanhol «Marca», nela se insinuando que o referido clube desejava o regresso do citado técnico. Afirma-nos, porém, a direcção da simpática e popular colectividade, em seu ofício de 28 do corrente, que tal «não corresponde á verdade», esclarecendo «que a unica verdade dos facto reside na existência de uma carta endereçada á direcção pelo referido treinador, oferecendo, de novo, os sus serviços e á qual não foi dado qualquer seguimento por parte dos corpos directivos».

## ESQUI

### O «record» da Prova Creta

SAINT MORITZ, 31.—O espanhol marquês de Portago bateu o «record» da Prova Creta de esqui ao fazer os 520 metros em 28 segundos e 9 décimos, menos um décimo que o anterior.—(Efe).

| | EM CASA | | | | | | FORA | | | | | | TOTAL | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | J. | V. | E. | D. | B. | P. | J. | V. | E. | D. | B. | P. | J. | V. | E. | D. | B. | P. |
| F. C. Porto ... | 7 | 7 | — | — | 27- 1 | 14 | 9 | 4 | 3 | 2 | 21-11 | 11 | 16 | 11 | 3 | 2 | 48-12 | 25 |
| Benfica ... ... | 8 | 6 | 2 | — | 24- 5 | 14 | 8 | 4 | 3 | 1 | 15-10 | 11 | 16 | 10 | 5 | 1 | 39-15 | 25 |
| Belenenses ... | 8 | 7 | 1 | — | 34- 9 | 15 | 8 | 2 | 4 | 2 | 12-15 | 8 | 16 | 9 | 5 | 2 | 46-24 | 23 |
| Lusitano... ... | 8 | 7 | — | 1 | 22- 9 | 14 | 8 | 2 | 3 | 3 | 15-17 | 7 | 16 | 9 | 3 | 4 | 37-26 | 21 |
| Sporting C. P. | 8 | 5 | 2 | 1 | 26- 8 | 12 | 8 | 2 | 3 | 3 | 12- 9 | 7 | 16 | 7 | 5 | 4 | 38-17 | 19 |
| Barreirense .. | 9 | 6 | 1 | 2 | 19-13 | 13 | 7 | 1 | 2 | 4 | 6-15 | 4 | 16 | 7 | 3 | 6 | 25-28 | 17 |
| Vitória F. C. | 9 | 4 | 3 | 2 | 17-13 | 11 | 7 | 2 | — | 5 | 12-20 | 4 | 16 | 6 | 3 | 7 | 29-33 | 15 |
| Torriense.. ... | 9 | 5 | 2 | 2 | 17-10 | 12 | 7 | 1 | 1 | 5 | 7-18 | 3 | 16 | 6 | 3 | 7 | 24-28 | 15 |
| Oriental ..... | 9 | 3 | 5 | 1 | 12- 8 | 11 | 7 | 2 | — | 5 | 7-19 | 4 | 16 | 5 | 5 | 6 | 19-27 | 15 |
| Académica ... | 8 | 3 | 4 | 1 | 15- 8 | 10 | 8 | 2 | — | 6 | 8-16 | 4 | 16 | 5 | 4 | 7 | 23-24 | 14 |
| C. U. F. ... ... | 7 | 5 | 1 | 1 | 11- 6 | 11 | 9 | — | 1 | 8 | 7-38 | 1 | 16 | 5 | 2 | 9 | 18-44 | 12 |
| Caldas. ... ... | 7 | 2 | 2 | 3 | 11-17 | 6 | 9 | — | 4 | 5 | 7-16 | 4 | 16 | 2 | 6 | 8 | 18-33 | 10 |
| S. Covilhã .. | 7 | 2 | 1 | 4 | 7-10 | 5 | 9 | — | 2 | 7 | 6-29 | 2 | 16 | 2 | 3 | 11 | 13-39 | 7 |
| Atlético | 8 | 1 | 2 | 5 | 12-22 | 4 | 8 | 1 | — | 7 | 4-21 | 2 | 16 | 2 | 2 | 12 | 16-43 | 6 |